NOVA VERSÃO INTERNACIONAL

BÍBLIA DE ESTUDO *Arqueológica* NVI

FAÇA UMA JORNADA VISUAL
ATRAVÉS DA VIDA E DOS
TEMPOS BÍBLICOS



Vida

INTRODUÇÃO A *Atos dos Apóstolos*

AUTOR, LUGAR E DATA DA REDAÇÃO

Evidências extrabíbiicas e pistas no próprio livro indicam que Atos foi escrito pelo médico Lucas, companheiro de viagem de Paulo e autor do evangelho de Lucas. A data de sua redação tem sido debatida, mas o período de 63 a 70 d.C., uma data mais antiga, é a mais provável. Embora não se saiba onde o livro foi escrito, alguns acreditam que tenha sido em Roma.

DESTINATÁRIO

Assim como o evangelho de Lucas, o livro de Atos foi originariamente endereçado a um homem chamado Teófilo (1.1), mas é óbvia a intenção de falar a todos os cristãos.

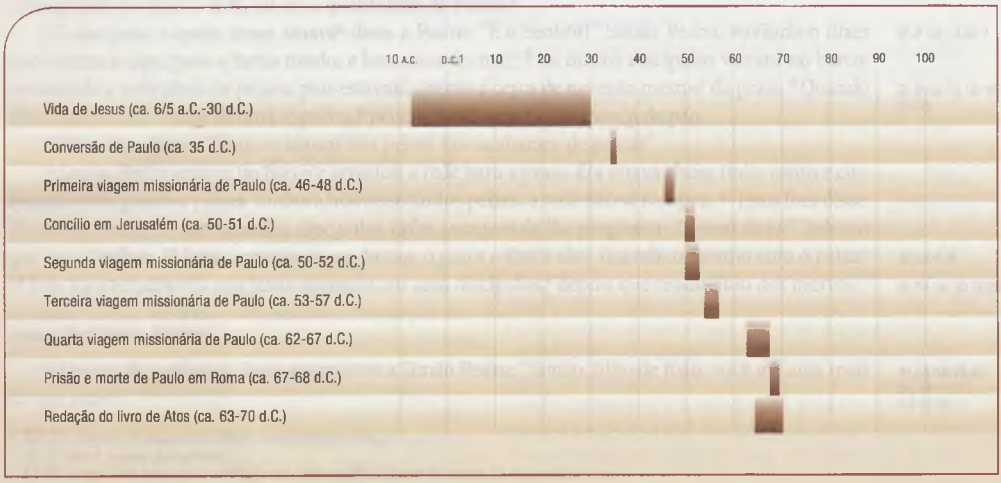
FATOS CULTURAIS E DESTAQUES

Como um relato histórico das origens do cristianismo, Atos registra as relações entre a Igreja e o Império Romano. Descreve a implantação da Igreja e a divulgação do evangelho por todo o mundo conhecido. O relato de Lucas cobre um período de cerca de trinta anos e um trajeto de Jerusalém a Roma. As descobertas arqueológicas revelam que em cada caso Lucas usou os termos apropriados para a época e os lugares descritos.

Certa ocasião, quando a Igreja enfrentava a crescente suspeita das autoridades romanas e da elite governante judaica, Lucas demonstrou que os tumultos e as desordens que aconteceram depois de Paulo não eram ações do apóstolo. Na verdade, em várias ocasiões, Paulo foi exonerado pelos oficiais romanos ou considerado uma pessoa de pouca importância.

Embora os primeiros 12 capítulos se concentrem no apóstolo Pedro, parece que Lucas escreveu Atos essencialmente como uma justificativa da vida e da teologia de Paulo. O livro descreve sua conversão; segue-o em suas viagens missionárias; dá testemunho dos milagres que ele realizou; relata as conversões que sucederam à sua pregação; descreve como os gentios foram convencidos a abandonar os ídolos; mostra que os cristãos nas igrejas por todo o mundo receberam-no como um mensageiro vindo de Deus; acima de tudo, relata os açoites, prisões, perigos e ofensas que o apóstolo sofreu por causa de Cristo.

LINHA DO TEMPO



ENQUANTO VOCÊ LÊ

Observe as adversidades e lutas da igreja primitiva. Sinta-se encorajado e inspirado pelo entusiasmo que fez o evangelho cruzar as fronteiras étnicas e nacionais, lembrando que o mesmo Espírito que operava em Atos opera na Igreja hoje.

VOCÊ SABIA?

- O Caminho, como nome primitivo para o cristianismo, ocorre diversas vezes em Atos (e.g., 9.2).
- Se um prisioneiro escapasse, o carcereiro pagava com a própria vida (16.27).
- A blasfêmia era a acusação mais grave para um judeu, mas a traição — apoiar um rei rival acima de César — era a pior acusação possível contra um romano (17.7).
- Inscrições em grego e latim em placas de pedra (duas das quais foram descobertas pelos arqueólogos) eram colocadas na divisória que separava os pátios internos dos externos, alertando os gentios de que eram passíveis da pena de morte caso fossem adiante (21.28).
- Os romanos consideravam a navegação perigosa depois de 15 de setembro e suicida depois de 11 de novembro (27.9).

TEMAS

O livro de Atos inclui os seguintes temas:

1. *O poder do Espírito Santo para testemunhar.* O tema central de Atos é o poder do Espírito e o testemunho. Pedro e João afirmaram: "Não podemos deixar de falar do que vimos e ouvimos." (4.20).

2. *Comunidade.* Atos revela uma comunidade de cristãos unida e afetuosa que desfrutava não apenas a crença e a adoração comuns, mas também a experiência de compartilhar suas posses e eles próprios mutuamente (2.42-47; 4.32-37).

3. *Reconciliação.* Apesar do caráter único da comunidade de fé, os conflitos existiam. Contudo, a Igreja se propunha ser inclusiva, acolhendo judeus e gentios (10.23-28) e até mesmo os samaritanos (8.4-24) — todos eram membros do Corpo de Cristo. Só a obra interior do Espírito de Cristo produz harmonia e reconciliação.

4. *Perseguição.* O Espírito Santo não apenas concede aos cristãos poder para suportar a oposição e o sofrimento (6.10), como também possibilita que o evangelho se espalhe, a despeito da perseguição (8.1-4; 11.19-21). Os maus-tratos recebidos por causa da fé, na verdade ajudaram na disseminação do evangelho e no crescimento da fé dos sofredores, confirmando-os como discípulos de Cristo (Jo 15.18—16.4).

SUMÁRIO

I. Os primórdios da Igreja (1—12)
   A. A igreja em Jerusalém (1—7)
   B. A Igreja é dispersada (8.1—9.31)
   C. A Igreja disseminada entre os gentios (9.32—12.25)
II. Viagens missionárias de Paulo (13.1—21.16)
   A. Primeira viagem missionária de Paulo (13 e 14)
   B. O Concílio de Jerusalém (15.1-35)
   C. Segunda viagem missionária de Paulo (15.36—18.22)
   D. Terceira viagem missionária de Paulo (18.23—21.16)
III. Captura e prisão de Paulo (21.17—28.31)



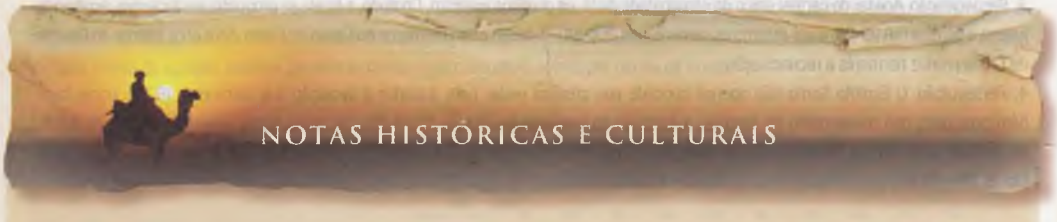
A Ascensão de Jesus

1 Em meu livro anterior,[a] Teófilo, escrevi a respeito de tudo o que Jesus começou a fazer e a ensinar,[b]
2 até o dia em que foi elevado aos céus,[c] depois de ter dado instruções[d] por meio do Espírito Santo
aos apóstolos[e] que havia escolhido.[f] 3 Depois do seu sofrimento, Jesus apresentou-se a eles e deu-
-lhes muitas provas indiscutíveis de que estava vivo. Apareceu-lhes[g] por um período de quarenta dias
falando-lhes acerca do Reino de Deus. 4 Certa ocasião, enquanto comia com eles, deu-lhes esta ordem:
"Não saiam de Jerusalém, mas esperem pela promessa de meu Pai, da qual falei a vocês.[h] 5 Pois João
batizou com[a] água, mas dentro de poucos dias vocês serão batizados com o Espírito Santo".

[a] **1.5** Ou *em*.

1.1 [a]Lc 1.1-4; [b]Lc 3.23
1.2 [c]v. 9,11; Mc 16.19; [d]Mt 28.19,20; [e]Mc 6.30; [f]Jo 13.18
1.3 [g]Mt 28.17; Lc 24.34,36; Jo 20.19,26; 21.1.14; 1Co 15.5-7
1.4 [h]Lc 24.49; Jo 14.16; At 2.33

1.1 Para mais informações sobre "livro", ver "Rolos, selos e códices" em Ap 5; sobre "Teófilo", ver nota em Lc 1.3.
1.4,5 *Agrafos* ("coisas não escritas") são unidades de tradição concernentes a Cristo, na maioria frases atribuídas a Jesus e transmitidas a nós fora dos evangelhos canônicos. A coleção completa de ágrafos, reunida de todas as fontes, não é grande, e quando se elimina o que é obviamente apócrifo ou inautêntico, o que resta é de muito pouco valor. Os melhores ágrafos autênticos são aqueles encontrados no próprio NT, fora dos evangelhos: quatro em Atos (v. 4,5; v. 7,8; 11.16; 20.35), dois nas cartas de Paulo (1Co 11.24,25; 1Ts 4.15-17) e um em Tiago (1.12). Outras fontes de ágrafos são: 1) manuscritos antigos do NT (geralmente, os ditos preservados em tais manuscritos são variantes textuais); 2) literatura patrística (os escritos dos pais da Igreja, como Papias, bispo de Hierápolis de 80 a 155 d.C., aproximadamente, Justino Mártir, Clemente de Alexandria e Orígenes); 3) papiros descobertos no Egito no século XX, especialmente aqueles encontrados por Grenfell e Hunt em Oxirrinco; 4) evangelhos apócrifos, como *Evangelho segundo os hebreus*, *Evangelho segundo os egípcios* e *Evangelho de Tomé*, encontrados perto de Nag Hammadi, no alto Egito, e datados em cerca de 150 d.C. — alguns podem ser considerados como genuínos; 5) fontes islâmicas (frases atribuídas a Jesus, que são, na maior parte, sem valor).
1.5 Ver "Batismo no mundo antigo", em Mt 3.



NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

A Igreja: da ressurreição à conversão de Paulo

ATOS 1 O livro de Atos proporciona o único registro histórico das atividades dos cristãos primitivos desde a época da ressurreição de Jesus até a conversão de Paulo. Atos 1—8 precede a primeira menção a Paulo, e esses capítulos contêm um registro seletivo, detalhando principalmente a atividade dos apóstolos em Jerusalém logo após a ressurreição de Jesus.

Os primeiros cristãos começaram a estabelecer uma vida em comunidade. Viviam em conflito permanente com as autoridades judaicas, e logo os seguidores de Jesus foram expulsos do templo. As sementes da discórdia entre o cristianismo **helenista**[1] e o judaico começaram a surgir ainda nos primeiros anos (6.1). Enquanto isso, apesar de Atos não dizer muito sobre o trabalho missionário primitivo fora de Jerusalém, é certo que a Igreja experimentou um crescimento extraordinário. Os irmãos de Jesus, mencionados entre os primeiros cristãos (1.14), são conhecidos por sua atividade na difusão do evangelho por toda a região mais tarde conhecida como Palestina. Não temos muitos detalhes, mas Atos insinua que as comunidades dos cristãos estavam estabelecidas em Antioquia (11.19),[2] Damasco (9.2),[3] norte da África (8.27), e **Samaria** (8.5) antes da conversão de Paulo. As boas-novas do evangelho chegaram até mesmo a Roma, a principal cidade do mundo romano, antes do advento da empreitada missionária de Paulo.[4]

É bem provável que alguns dos peregrinos que estavam presentes em Jerusalém durante a crucificação e ressurreição de Jesus tenham se tornado cristãos (2.5). Quando as massas retornaram às suas cidades de origem, levaram o evangelho com elas. A perseguição também desempenhou um papel importante na difusão das boas-novas e no crescimento da igreja primitiva. Quando os cristãos migravam a fim de evitar a perseguição, estabeleciam novas comunidades cristãs nas vilas e cidades em que se estabeleciam.[5]

[1]Ver o Glossário na p. 2080 para as definições das palavras em negrito. [2]Ver "Antioquia da Síria, o centro do cristianismo", em Gl 2. [3]Ver "Damasco", em Is 17. [4]Ver "Roma", em Rm 2. [5]Ver "A expansão geográfica da Igreja sob perseguição", em At 8.

1.6 Mt 17.11

6 Então os que estavam reunidos lhe perguntaram: "Senhor, é neste tempo que vais restaurar[i] o reino a Israel?"

1.7 Mt 24.36

7 Ele lhes respondeu: "Não compete a vocês saber os tempos ou as datas que o Pai estabeleceu pela sua própria autoridade.[j] 8 Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês,[k] e serão minhas testemunhas[l] em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria,[m] e até os confins da terra".[n]

1.9 ov. 2

9 Tendo dito isso, foi elevado às alturas[o] enquanto eles olhavam, e uma nuvem o encobriu da vista deles. 10 E eles ficaram com os olhos fixos no céu enquanto ele subia. De repente surgiram diante deles dois homens vestidos de branco,[p] 11 que lhes disseram: "Galileus,[q] por que vocês estão olhando para o céu? Este mesmo Jesus, que dentre vocês foi elevado aos céus, voltará[r] da mesma forma como o viram subir".

1.10 pLc 24.4; Jo 20.12
1.11 qAt 2.7; rMt 16.27

A Escolha de Matias

1.12 sLc 24.52; tMt 21.1
1.13 uAt 9.37; 20.8; vMt 10.2-4; Mc 3.16-19; Lc 6.14-16
1.14 wAt 2.42; 6.4; xLc 23.49,55; yMt 12.46

12 Então eles voltaram para Jerusalém,[s] vindo do monte chamado das Oliveiras,[t] que fica perto da cidade, cerca de um quilômetro[a]. 13 Quando chegaram, subiram ao aposento[u] onde estavam hospedados. Achavam-se presentes Pedro, João, Tiago e André; Filipe, Tomé, Bartolomeu e Mateus; Tiago, filho de Alfeu, Simão, o zelote, e Judas, filho de Tiago.[v] 14 Todos eles se reuniam sempre em oração,[w] com as mulheres,[x] inclusive Maria, a mãe de Jesus, e com os irmãos dele.[y]

1.16 zv. 20; aJo 13.18
1.17 bJo 6.70,71; cv. 25

15 Naqueles dias Pedro levantou-se entre os irmãos, um grupo de cerca de cento e vinte pessoas, 16 e disse: "Irmãos, era necessário que se cumprisse[z] a Escritura que o Espírito Santo predisse por boca de Davi, a respeito de Judas,[a] que serviu de guia aos que prenderam Jesus. 17 Ele foi contado[b] como um dos nossos e teve participação neste ministério".[c]

1.18 dMt 26.14,15; eMt 27.3-10

18 (Com a recompensa[d] que recebeu pelo seu pecado, Judas comprou um campo.[e] Ali caiu de cabeça, seu corpo partiu-se ao meio, e as suas vísceras se derramaram. 19 Todos em Jerusalém ficaram sabendo disso, de modo que, na língua deles, esse campo passou a chamar-se Aceldama, isto é, Campo de Sangue.)

1.20 fSl 69.25; gSl 109.8

20 "Porque", prosseguiu Pedro, "está escrito no Livro de Salmos:

" 'Fique deserto o seu lugar,
e não haja ninguém que nele habite'[b];[f]

e ainda:

" 'Que outro ocupe o seu lugar'[c][d].[g]

1.22 hMc 1.4; iv. 8

21 Portanto, é necessário que escolhamos um dos homens que estiveram conosco durante todo o tempo em que o Senhor Jesus viveu entre nós, 22 desde o batismo de João[h] até o dia em que Jesus foi elevado dentre nós às alturas. É preciso que um deles seja conosco testemunha[i] de sua ressurreição."

1.24 jAt 6.6; 14.23; kJr 17.10; At 15.8; Ap 2.23
1.26 lAt 2.14

23 Então indicaram dois nomes: José, chamado Barsabás, também conhecido como Justo, e Matias. 24 Depois oraram:[j] "Senhor, tu conheces o coração de todos.[k] Mostra-nos qual destes dois tens escolhido 25 para assumir este ministério apostólico que Judas abandonou, indo para o lugar que lhe era devido". 26 Então tiraram sortes, e a sorte caiu sobre Matias; assim, ele foi acrescentado aos onze apóstolos.[l]

[a] **1.12** Grego: *à distância da caminhada de um sábado.*
[b] **1.20** Sl 69.25.
[c] **1.20** Grego: *episcopado*. Palavra que descreve a função pastoral.
[d] **1.20** Sl 109.8.

1.6 Assim como seus compatriotas, os discípulos aguardavam o dia em que Israel seria liberto do domínio estrangeiro e o estabelecimento de um reino na terra.

1.8 A Judeia era a região em que Jerusalém estava localizada. Samaria era a região contígua, ao norte (ver "A expansão geográfica da Igreja sob perseguição", em At 8).

1.9 Para mais informações sobre a *shekinah* (glória) de Deus (sua presença visível), ver nota em Êx 14.19.

1.11 Os Doze eram chamados "galileus" porque os discípulos, à exceção de Judas, que já não estava com eles, eram naturais da Galileia.

1.12 A ascensão ocorreu na encosta oriental do monte, entre Jerusalém e Betânia (ver "O monte das Oliveiras", em Zc 14).

A "distância da caminhada de um sábado" era extraída do raciocínio rabínico baseado em várias passagens do AT (Êx 16.29; Nm 35.5; Js 3.4). O judeu fiel não devia andar mais que 1,2 quilômetro no sábado (ver nota em Mt 15.2).

1.13 O "aposento" era provavelmente um cômodo no andar superior de uma casa grande, semelhante ao cenáculo em que foi realizada a última ceia (ver "A 'sala no andar superior' (cenáculo)", em Mc 14) — talvez na casa de Maria, mãe de Marcos (ver nota em 12.12).

Para mais informações sobre Bartolomeu, ver nota em Lc 6.14; sobre os zelotes, em Mt 10.4; sobre Tadeu (listado em Mt 10.3 e Mc 3.18 no lugar de "Judas, filho de Tiago"), em Mt 10.3.

1.14 Entre esses "irmãos", estaria Tiago, que mais tarde se tornaria o líder da igreja de Jerusalém (12.17; 15.13; 21.18; Gl 1.19; 2.9).

1.18,19 Esses versículos são um parêntese, uma explicação de Lucas, não parte do discurso de Pedro. Aceldama foi o campo comprado com o dinheiro que Judas recebeu por ter traído Jesus. O texto de Mt 27.3-10, que contém um relato mais completo da compra, afirma que os sacerdotes o compraram "para cemitério de estrangeiros". O campo era chamado "lugar de sangue" ("campo de Sangue" aqui e em Mt 27.8) em aramaico (a melhor tradução, embora alguns especialistas prefiram a tradução "campo do sono" ou "cemitério").

1.26 Ao lançar sortes, eles se submetiam à decisão do Senhor ascendido. Era comum o emprego de pedras ou palitos para designar a escolha (ver 1Cr 26.13-16; ver também "Lançando sortes", em Jó 6).

2.1 O dia de Pentecoste era o quinquagésimo dia após o sábado da semana da Páscoa (Lv 23.15,16) e, portanto, o primeiro dia da semana. O Pentecoste é também chamado "festa das semanas" (Dt 16.10), "festa do encerramento da colheita" (Êx 23.16) e "festa da colheita dos primeiros

A Vinda do Espírito Santo no Dia de Pentecoste

2 Chegando o dia de Pentecoste,[m] estavam todos reunidos[n] num só lugar. 2 De repente veio do céu um som, como de um vento muito forte, e encheu toda a casa na qual estavam assentados.[o] 3 E viram o que parecia línguas de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles. 4 Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas,[p] conforme o Espírito os capacitava.

5 Havia em Jerusalém judeus, devotos a Deus,[q] vindos de todas as nações do mundo. 6 Ouvindo-se o som, ajuntou-se uma multidão que ficou perplexa, pois cada um os ouvia falar em sua própria língua. 7 Atônitos e maravilhados,[r] eles perguntavam: "Acaso não são galileus todos estes homens que estão falando?[s] 8 Então, como os ouvimos, cada um de nós, em nossa própria língua materna? 9 Partos, medos e elamitas; habitantes da Mesopotâmia, Judeia e Capadócia,[t] do Ponto[u] e da província da Ásia,[v] 10 Frígia[w] e Panfília,[x] Egito e das partes da Líbia próximas a Cirene;[y] visitantes vindos de Roma, 11 tanto judeus como convertidos ao judaísmo; cretenses e árabes. Nós os ouvimos declarar as maravilhas de Deus em nossa própria língua!" 12 Atônitos e perplexos, todos perguntavam uns aos outros: "Que significa isto?"

13 Alguns outros, todavia, zombavam e diziam: "Eles beberam vinho demais".[z]

A Pregação de Pedro

14 Então Pedro levantou-se com os Onze e, em alta voz, dirigiu-se à multidão: "Homens da Judeia e todos os que vivem em Jerusalém, deixem-me explicar isto! Ouçam com atenção: 15 estes homens não estão bêbados, como vocês supõem. Ainda são nove horas da manhã![aa] 16 Ao contrário, isto é o que foi predito pelo profeta Joel:

17 " 'Nos últimos dias, diz Deus,
derramarei do meu Espírito sobre todos os povos.[b]

[a] **2.15** Grego: Esta é ainda a terceira hora do dia!

2.1 [m]Lv 23.15,16; At 20.16; [n]At 1.14
2.2 [o]At 4.31
2.4 [p]Mc 16.17; 1Co 12.10
2.5 [q]At 8.2
2.7 [r]v. 12; [s]At 1.11
2.9 [t]1Pe 1.1; [u]At 18.2; [v]At 16.6; Rm 16.5; 1Co 16.19; 2Co 1.8
2.10 [w]At 16.6; 18.23; [x]At 13.13; 15.38; [y]Mt 27.32
2.13 [z]1Co 14.23
2.15 [aa]1Ts 5.7
2.17 [b]Is 44.3; Jo 7.37-39; At 10.45; [c]At 21.9

frutos" (Nm 28.26). Ver "Festas de Israel", em Lv 23; e "Pentecoste", em Dt 16.

2.5 Os judeus "tementes a Deus" eram devotos de várias partes do mundo que estavam nesse dia em Jerusalém, como visitantes ou como residentes temporários (cf. Lc 2.25).

2.9-11 Representantes de vários países e povos são mencionados como testemunhas do Pentecoste (os números indicam a sequência em que estão listados): 1) os partos, habitantes do território que ia do Rio Tigre até a Índia; 2) os medos, habitantes da Média, que ficava a leste da Mesopotâmia, a nordeste da Pérsia e a sul-sudoeste do mar Cáspio; 3) os elamitas, que habitavam o Elão, no norte do Golfo Pérsico, delimitado a oeste pelo rio Tigre; 4) a Mesopotâmia, situada entre os rios Eufrates e Tigre; 5) a Judeia, terra natal dos judeus, talvez usada aqui no sentido do AT: "desde o ribeiro do Egito até [...] o Eufrates" (Gn 15.18), incluindo a Galileia; 6-8) Capadócia, Ponto e Ásia, distritos na Ásia Menor — a Ásia era uma província romana situada na Ásia Menor Ocidental, atual território da Turquia; 9-10) Frígia e Panfília, distritos na Ásia Menor; 11) Egito, que se tornara um refúgio para os judeus desde o século VIII a.C. (dois dos cinco distritos de Alexandria eram judaicos); 12) Líbia, região a oeste do Egito; 13) Cirene, capital de um distrito da Líbia chamado Cirenaica; 14) Roma, o lar de milhares de judeus; 15) os cretenses, que viviam em Creta, a quarta maior ilha do mar Mediterrâneo — a ilha tem 250 quilômetros de comprimento e está situada ao sul do mar Egeu (ver "Creta", em Tt 1); 16) Os árabes, provenientes de uma região a sudeste.

2.9 A Capadócia era uma grande região continental da Ásia Menor que, aparentemente, recebeu esse nome dos persas, embora seu povo fosse chamado "sírios" pelos gregos. No período final do Império Persa, a região foi dividida em dois territórios. O que estava mais ao norte foi posteriormente chamado Ponto, e o que estava mais ao sul, Capadócia, nome que foi mantido no período do NT. Era cercada ao norte pelo Ponto, a leste pela Síria e Armênia, ao sul pela Cilícia e a oeste pela Licaônia. Os romanos construíram estradas através dos "portões da Cilícia", na cordilheira do Tauro, de modo que a Capadócia podia ser facilmente acessada pelo sul. Os capadócios eram arianos. Os judeus dessa região estavam entre os ouvintes do primeiro sermão cristão, com habitantes de outras províncias da Anatólia.

2.10 No período bíblico, a Frígia era uma província continental a sudoeste da Ásia Menor. Seus planaltos, que se erguem a 1.250 metros, contêm inúmeras cidades e vilas consideráveis em tamanho e riqueza. Os historiadores concordam em que a província abrangia territórios maiores ou menores em épocas diferentes, mudando seus limites quase a cada geração. Parece que em certo momento seu território ocupava uma parte maior da Ásia Menor Ocidental, mas depois foi dividida em Frígia Maior e Frígia Menor. Mais tarde, os romanos dividiram-na em três partes. Alguns estudiosos da Bíblia acreditam que o nome Frígia é usado de forma imprecisa em Atos, por incluir pequenas províncias como a Pisídia. Apesar de uma grande atividade cristã ter se verificado na antiga Frígia, as referências a ela no relato bíblico são superficiais.

A Panfília era uma pequena província romana ao sul da Ásia Menor, estendendo-se por 125 quilômetros pela cordilheira do Tauro. Era cercada pela Pisídia ao norte, Cilícia a leste e Lícia a sudoeste. Nunca se tornou uma província importante, e seus limites sempre mudavam em razão de decisões políticas repentinas e arbitrárias. O imperador Cláudio inseriu a região no sistema provinciano no século I d.C. Diz-se que os habitantes da Panfília não eram instruídos, e o cristianismo nunca se desenvolveu ali, diferentemente do que ocorreu em outras províncias na Ásia Menor.

2.11 "Convertidos ao judaísmo" eram os gentios que empreendiam a plena observância da Lei mosaica e eram, portanto, recebidos na comunhão dos judeus (ver "Os prosélitos no judaísmo do segundo templo", em At 6; ver também nota sobre "tementes a Deus" em 10.2).

Creta é uma ilha do Mediterrâneo com Cítera a noroeste e Rodes a nordeste, formando um degrau de pedra natural entre a Europa e a Ásia Menor. A ilha mede cerca de 250 quilômetros de comprimento e 56 quilômetros de largura. A despeito de sua posição geográfica invejável, Creta não teve, na maior parte do tempo, um lugar proeminente na História, em parte por causa das dissensões internas. Creta foi, durante longo tempo, um grande centro de poder, a civilização minoica, que entrou em colapso por volta de 1200 a.C. (ver "Grécia: do período pré-histórico ao Império Micênico", em At 20). Em tempos mais recentes, Creta aceitou o domínio turco e a fé islâmica até 1913, quando foi formalmente incorporada à Grécia, na qual predomina a igreja ortodoxa (ver "Creta", em Tt 1).

2.13 No NT, a palavra grega principal para "vinho" é *oinos*. A palavra *gleukos* ("vinho novo", "vinho doce") ocorre somente aqui (ver "Vinho e bebida alcoólica no mundo antigo", em 1Pe 4).

2.15 Num dia de festa, como em Pentecoste, nenhum judeu quebraria o jejum antes das 10 horas da manhã. Assim, é muito improvável que um grupo de homens ficasse embriagado tão cedo.

Os seus filhos e as suas filhas profetizarão,[c]
os jovens terão visões,
os velhos terão sonhos.
2.18 [a]At 21.9-12 18 Sobre os meus servos e as minhas servas[a]
derramarei do meu Espírito naqueles dias,
e eles profetizarão.[d]
19 Mostrarei maravilhas
em cima, no céu,
e sinais em baixo, na terra:
sangue, fogo
e nuvens de fumaça.
2.20 [a]Mt 24.29 20 O sol se tornará em trevas
e a lua em sangue,[e]
antes que venha o grande
e glorioso dia do Senhor.
2.21 [b]Rm 10.13 21 E todo aquele que invocar
o nome do Senhor será salvo!'[b][f]

2.22 [a]Jo 4.48; At 10.38; [b]Jo 3.2 22 "Israelitas, ouçam estas palavras: Jesus de Nazaré foi aprovado por Deus diante de vocês por meio de milagres, maravilhas e sinais[g] que Deus fez entre vocês por intermédio dele,[h] como vocês

[a] **2.18** Ou *Até sobre os meus escravos e as minhas escravas.*
[b] **2.17-21** Jl 2.28-32.

2.18 Ver nota sobre profetisas em Êx 15.20,21.



NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

A diáspora judaica no século I d.C.

ATOS 2 Os judeus estavam vivendo fora de Israel pelo menos desde que os habitantes do Reino do Norte, Israel, foram levados para o exílio pela **Assíria** e os do Reino do Sul, Judá, foram exilados pela **Babilônia**.[1] Durante o período **helenístico**, os judeus da **Diáspora** foram dispersos por todo o Império Romano e fora dele.[2] A longa lista de nomes de lugares mencionados em Atos 2.9-11 é compatível com as evidências literárias e com as inscrições que registram a vasta distribuição geográfica dos judeus na época. Menção especial deve ser feita à presença antiga de uma vibrante comunidade judaica na Babilônia (que muito contribuiu para o vigor intelectual da fé), à grande comunidade que havia em Roma (que intercedia apaixonadamente pelos interesses políticos do judaísmo)[3] e à comunidade de Alexandria (que produziu rica erudição, inclusive os escritos de Filo).[4]

Os judeus da Diáspora lutavam para preservar sua identidade étnica exclusiva e religiosa, ao mesmo tempo em que se comportavam como bons cidadãos nos lugares em que viviam. Em geral, parece que obtiveram sucesso nas duas questões. O zelo em contribuir no tributo de meio *shekel* para o templo de Jerusalém e as frequentes peregrinações à Cidade Santa são evidências de que a grande maioria manteve fidelidade a sua fé.

Embora alguns violentos ataques contra os judeus ocorressem de tempos em tempos (notavelmente nos anos próximos da revolta judaica, em 66-70 d.C., e depois durante o reinado de Adriano), o povo judeu, no geral, tinha permissão para manter seus costumes exclusivos enquanto contribuíam para a vida cívica do império.

[1]Ver "O período pós-exílico do Antigo Testamento: o período persa", em Ne 7; "O período pós-exílico do Antigo Testamento: os períodos grego e hasmoneu", em Ne 7; "O período pós-exílico do Antigo Testamento: os períodos romano e herodiano, em Ne 7. [2]Ver "O Império Romano", em Rm 4. [3]Ver "Roma", em Rm 2. [4]Ver "Alexandria", em At 18.

mesmos sabem. 23 Este homem foi entregue por propósito determinado e pré-conhecimento[j] de Deus; e vocês, com a ajuda de homens perversos[a], o mataram, pregando-o na cruz.[j] 24 Mas Deus o ressuscitou dos mortos,[k] rompendo os laços da morte, porque era impossível que a morte o retivesse.[l] 25 A respeito dele, disse Davi:

" 'Eu sempre via o Senhor diante de mim.
Porque ele está à minha direita,
não serei abalado.
26 Por isso o meu coração está alegre e a minha língua exulta;
o meu corpo também repousará em esperança,
27 porque tu não me abandonarás no sepulcro[b],
nem permitirás que o teu Santo sofra decomposição.[m]
28 Tu me fizeste conhecer os caminhos da vida
e me encherás de alegria na tua presença'[c].

29 "Irmãos, posso dizer com franqueza que o patriarca[n] Davi morreu e foi sepultado,[o] e o seu túmulo está entre nós[p] até o dia de hoje. 30 Mas ele era profeta e sabia que Deus lhe prometera sob juramento que poria um dos seus descendentes no trono.[q] 31 Prevendo isso, falou da ressurreição do Cristo[d], que não foi abandonado no sepulcro e cujo corpo não sofreu decomposição.[r] 32 Deus ressuscitou este Jesus,[s] e todos nós somos testemunhas[t] desse fato. 33 Exaltado[u] à direita de Deus,[v] ele recebeu do Pai[w] o Espírito Santo[x] prometido e derramou[y] o que vocês agora veem e ouvem. 34 Pois Davi não subiu aos céus, mas ele mesmo declarou:

" 'O Senhor disse ao meu Senhor:
Senta-te à minha direita
35 até que eu ponha os teus inimigos
como estrado para os teus pés'[e].[z]

36 "Portanto, que todo o Israel fique certo disto: Este Jesus, a quem vocês crucificaram, Deus o fez Senhor e Cristo".[a]

37 Quando ouviram isso, ficaram aflitos em seu coração e perguntaram a Pedro e aos outros apóstolos: "Irmãos, que faremos?"[b]

38 Pedro respondeu: "Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado[c] em nome de Jesus Cristo para perdão dos seus pecados,[d] e receberão o dom do Espírito Santo. 39 Pois a promessa é para vocês, para os seus filhos[e] e para todos os que estão longe,[f] para todos quantos o Senhor, o nosso Deus, chamar".

40 Com muitas outras palavras os advertia e insistia com eles: "Salvem-se desta geração corrompida!"[g] 41 Os que aceitaram a mensagem foram batizados, e naquele dia houve um acréscimo de cerca de três mil pessoas.

A Comunhão dos Cristãos

42 Eles se dedicavam ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações.[h] 43 Todos estavam cheios de temor, e muitas maravilhas e sinais eram feitos pelos apóstolos.[i] 44 Os que criam mantinham-se unidos e tinham tudo em comum.[j] 45 Vendendo suas propriedades e bens, distribuíam a cada um conforme a sua necessidade.[k] 46 Todos os dias, continuavam a reunir-se no pátio do templo.[l] Partiam o pão[m] em casa e juntos participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração, 47 louvando a Deus e tendo a simpatia de todo o povo.[n] E o Senhor lhes acrescentava[o] diariamente os que iam sendo salvos.

2.23 [i]Lc 22.22; At 3.18; 4.28; [j]Lc 24.20; At 3.13
2.24 [k]v. 32; 1Co 6.14; 2Co 4.14; Ef 1.20; Cl 2.12; Hb 13.20; 1Pe 1.21; Ud 20.9
2.27 [m]v. 31; At 13.35
2.29 [n]At 7.8,9; [o]1Rs 2.10; At 13.36; [p]Ne 3.16
2.30 [q]2Sm 7.12; Sl 132.11
2.31 [r]Sl 16.10
2.32 [s]v. 24; [t]At 1.8
2.33 [u]Fp 2.9; [v]Mc 16.19; [w]At 1.4; [x]Jo 7.39; 14.26; [y]At 10.45
2.35 [z]Sl 110.1; Mt 22.44
2.36 [a]Lc 2.11
2.37 [b]Lc 3.10, 12,14
2.38 [c]At 8.12, 16,36,38; 22.16; [d]Lc 24.47; At 3.19
2.39 [e]Is 44.3; [f]At 10.45; Ef 2.13
2.40 [g]Dt 32.5
2.42 [h]At 1.14
2.43 [i]At 5.12
2.44 [j]At 4.32
2.45 [k]Mt 19.21
2.46 [l]Lc 24.53; At 5.21,42; [m]At 20.7
2.47 [n]Rm 14.18; [o]v. 41; At 5.14

[a] **2.23** Ou *daqueles que não possuem a lei*; (isto é, os gentios).
[b] **2.27** Grego: *Hades*; também no versículo 31. Esta palavra também pode ser traduzida por *inferno*, *morte* ou *profundezas*.
[c] **2.25-28** Sl 16.8-11.
[d] **2.31** Ou *Messias*. Tanto *Cristo* (grego) como *Messias* (hebraico) significam *Ungido*; também em todo o livro de Atos.
[e] **2.34,35** Sl 110.1.

2.27 Sobre o "sepulcro", ver "Sheol, Hades, Geena, Abismo e Tártaro: imagens do inferno", em Sl 139.
2.29 O túmulo de Davi podia ser visto em Jerusalém e ainda continha seus restos mortais. O texto de Sl 16.8-11 não se aplica plenamente a ele.
2.33 Sobre a expressão "à direita de Deus", ver "A 'mão direita' no pensamento antigo", em Hb 1.
2.38 Sobre o adjetivo "batizado", ver "Batismo no mundo antigo", em Mt 3.
2.41 Ver "Antes da expansão entre os gentios: as igrejas judaicas na Terra Santa", em Hb 12.
2.42 Sobre o "partir do pão", ver "A festa do Amor", em 1Co 11.
2.46 O "pátio do templo" provavelmente é o pórtico de Salomão (ver nota em Jo 10.23).

A Cura de um Mendigo Aleijado

3 Certo dia Pedro e João[p] estavam subindo ao templo[q] na hora da oração, às três horas da tarde[a].[r]
2 Estava sendo levado para a porta do templo[s] chamada Formosa um aleijado de nascença,[t] que ali
era colocado todos os dias para pedir esmolas[u] aos que entravam no templo. 3 Vendo que Pedro e João
iam entrar no pátio do templo, pediu-lhes esmola. 4 Pedro e João olharam bem para ele e, então, Pedro
disse: "Olhe para nós!" 5 O homem olhou para eles com atenção, esperando receber deles alguma coisa.
6 Disse Pedro: "Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isto lhe dou. Em nome de Jesus Cristo,
o Nazareno,[v] ande". 7 Segurando-o pela mão direita, ajudou-o a levantar-se, e imediatamente os pés e os
tornozelos do homem ficaram firmes. 8 E de um salto pôs-se em pé e começou a andar. Depois entrou com
eles no pátio do templo, andando, saltando[w] e louvando a Deus. 9 Quando todo o povo[x] o viu andando e
louvando a Deus, 10 reconheceu que era ele o mesmo homem que costumava mendigar sentado à porta do
templo chamada Formosa.[y] Todos ficaram perplexos e muito admirados com o que lhe tinha acontecido.

A Pregação de Pedro no Templo

11 Apegando-se o mendigo a Pedro e João,[z] todo o povo ficou maravilhado e correu até eles, ao
lugar chamado Pórtico de Salomão.[a] 12 Vendo isso, Pedro lhes disse: "Israelitas, por que isto os surpreende? Por que vocês estão olhando para nós, como se tivéssemos feito este homem andar por nosso
próprio poder ou piedade? 13 O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus dos nossos antepassados,[b]
glorificou seu servo Jesus, a quem vocês entregaram para ser morto e negaram perante Pilatos,[c] embora ele tivesse decidido soltá-lo.[d] 14 Vocês negaram publicamente o Santo[e] e Justo[f] e pediram que fosse
libertado um assassino.[g] 15 Vocês mataram o autor da vida, mas Deus o ressuscitou dos mortos.[h] E nós
somos testemunhas disso. 16 Pela fé no nome de Jesus, o Nome curou este homem que vocês veem e
conhecem. A fé que vem por meio dele lhe deu esta saúde perfeita, como todos podem ver.
17 "Agora, irmãos, eu sei que vocês agiram por ignorância,[i] bem como os seus líderes.[j] 18 Mas foi assim que Deus cumpriu o que tinha predito[k] por todos os profetas,[l] dizendo que o seu Cristo haveria de
sofrer.[m] 19 Arrependam-se, pois, e voltem-se para Deus, para que os seus pecados sejam cancelados,[n]
20 para que venham tempos de descanso da parte do Senhor, e ele mande o Cristo, o qual lhes foi
designado, Jesus. 21 É necessário que ele permaneça no céu[o] até que chegue o tempo em que Deus
restaurará todas as coisas,[p] como falou há muito tempo, por meio dos seus santos profetas.[q] 22 Pois
disse Moisés: 'O Senhor Deus levantará dentre seus irmãos um profeta como eu; ouçam-no em tudo o
que ele disser.[r] 23 Quem não ouvir esse profeta, será eliminado do meio do seu povo'[b].[s]
24 "De fato, todos os profetas,[t] de Samuel em diante, um por um, falaram e predisseram estes dias.
25 E vocês são herdeiros[u] dos profetas e da aliança[v] que Deus fez com os seus antepassados. Ele disse
a Abraão: 'Por meio da sua descendência todos os povos da terra serão abençoados'[c].[w] 26 Tendo Deus
ressuscitado[x] o seu Servo[d], enviou-o primeiramente[y] a vocês, para abençoá-los, convertendo cada um
de vocês das suas maldades".

Pedro e João perante o Sinédrio

4 Enquanto Pedro e João falavam ao povo, chegaram os sacerdotes, o capitão da guarda do templo[z]
e os saduceus.[a] 2 Eles estavam muito perturbados porque os apóstolos estavam ensinando o povo
e proclamando em Jesus a ressurreição dos mortos.[b] 3 Agarraram Pedro e João e, como já estava anoitecendo, os colocaram na prisão[c] até o dia seguinte. 4 Mas muitos dos que tinham ouvido a mensagem
creram, chegando o número[d] dos homens que creram a perto de cinco mil.

[a] **3.1** Grego: *à hora nona.*
[b] **3.23** Dt 18.15,18,19.
[c] **3.25** Gn 12.3; 22.18; 26.4 e 28.14.
[d] **3.26** Is 52.13.

3.1 Os três horários fixos de oração no judaísmo tardio eram: no meio da manhã (hora terceira — nove da manhã), a hora do sacrifício da tarde (hora nona — três da tarde) e o pôr do sol.
3.2,3 A "porta do templo chamada Formosa" era a entrada predileta para o átrio. Era provavelmente o portão revestido de bronze, chamado em outras fontes portão de Nicanor. Ao que parece, conduzia as pessoas do pátio dos Gentios ao pátio das Mulheres, no muro leste do templo. Sobre o ato de "pedir esmolas" e da caridade, ver nota em Mt 6.1,2.
3.8 O homem passou pelo pátio exterior (o pátio dos Gentios), entrou no pátio das Mulheres, que continha as caixas de ofertas, e depois entrou no pátio de Israel. Até os pátios interiores, eram nove portões.
3.11 Sobre o pórtico de Salomão, ver nota em Jo 10.23.
3.13 Ver "Pôncio Pilatos", em Lc 23.
4.1 O "capitão da guarda do templo" era membro de uma família sacerdotal de destaque, o segundo em importância depois do sumo sacerdote. Os saduceus eram uma seita judaica cujos membros provinham da linhagem sacerdotal e controlavam o templo (ver nota em Mt 3.7; ver também "Os saduceus", em Mt 22). Não acreditavam na ressurreição nem num messias pessoal, mas sustentavam que a era messiânica — um período ideal — já estava presente e precisava ser preservada. O sumo sacerdote, um dentre os outros sacerdotes, presidia o Sinédrio (ver notas em Mc 14.55; ver também "O Sinédrio", em At 23).
4.3 Os sacrifícios da tarde terminavam por volta das quatro horas da tarde, e as portas do templo eram fechadas em seguida. Quaisquer processos jurídicos que envolvessem a vida e a morte tinham de ser iniciados e concluídos à luz do dia.
4.4 Ver "Antes da expansão entre os gentios: as igrejas judaicas na Terra Santa", em Hb 12.

5 No dia seguinte, as autoridades,[e] os líderes religiosos e os mestres da lei reuniram-se em Jerusalém. 6 Estavam ali Anás, o sumo sacerdote, bem como Caifás,[f] João, Alexandre e todos os que eram da família do sumo sacerdote. 7 Mandaram trazer Pedro e João diante deles e começaram a interrogá-los: "Com que poder ou em nome de quem vocês fizeram isso?"

8 Então Pedro, cheio do Espírito Santo, disse-lhes: "Autoridades e líderes do povo![g] 9 Visto que hoje somos chamados para prestar contas de um ato de bondade em favor de um aleijado,[h] sendo interrogados acerca de como ele foi curado, 10 saibam os senhores e todo o povo de Israel que por meio do nome de Jesus Cristo, o Nazareno, a quem os senhores crucificaram, mas a quem Deus ressuscitou dos mortos,[i] este homem está aí curado diante dos senhores. 11 Este Jesus é

" 'a pedra que vocês, construtores,
rejeitaram, e que se tornou a pedra angular'[a].[j]

12 Não há salvação em nenhum outro, pois, debaixo do céu não há nenhum outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos".[k]

13 Vendo a coragem de Pedro e de João[l] e percebendo que eram homens comuns[m] e sem instrução, ficaram admirados e reconheceram que eles haviam estado com Jesus. 14 E, como podiam ver ali com eles o homem que fora curado, nada podiam dizer contra eles. 15 Assim, ordenaram que se retirassem do Sinédrio[b][n] e começaram a discutir, 16 perguntando: "Que faremos com esses homens?[o] Todos os que moram em Jerusalém sabem que eles realizaram um milagre notório[p] que não podemos negar. 17 Todavia, para impedir que isso se espalhe ainda mais no meio do povo, precisamos adverti-los de que não falem com mais ninguém sobre esse nome".

18 Então, chamando-os novamente, ordenaram-lhes que não falassem nem ensinassem em nome de Jesus.[q] 19 Mas Pedro e João responderam: "Julguem os senhores mesmos se é justo aos olhos de Deus obedecer aos senhores e não a Deus.[r] 20 Pois não podemos deixar de falar do que vimos e ouvimos".

[a] **4.11** Sl 118.22.
[b] **4.15** Conselho dos principais líderes do povo judeu; também em todo o livro de Atos.

4.5 [e]Lc 23.13
4.6 [f]Mt 26.3; Lc 3.2
4.8 [g]v. 5; Lc 23.13
4.9 [h]At 3.6
4.10 [i]At 2.24
4.11 [j]Sl 118.22; Is 28.16; Mt 21.42
4.12 [k]Mt 1.21; At 10.43; 1Tm 2.5
4.13 [l]Lc 22.8; [m]Mt 11.25
4.15 [n]Mt 5.22
4.16 [o]Jo 11.47; [p]At 3.6-10
4.18 [q]At 5.40
4.19 [r]At 5.29

4.5 "As autoridades, os líderes religiosos e os mestres da lei" perfaziam o Sinédrio (ver nota em Mc 14.55).
4.6 Para mais informações sobre Anás, ver nota em Lc 3.2.
4.13 Pedro e João não haviam sido instruídos em escolas rabínicas nem detinham cargos oficiais nos círculos religiosos reconhecidos.
4.15 Sobre o Sinédrio, ver nota em Mc 14.55; ver também "O Sinédrio", em At 23.



NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

Os sumos sacerdotes Anás e Caifás

ATOS 4 Do reinado de Herodes em diante,[1] muitas famílias sacerdotais da alta classe ("casas") de Israel competiam pelo sumo sacerdócio.[2] Uma vez que os sacerdotes eram regularmente depostos pelas autoridades políticas (pelos Herodes ou pelos romanos), foram muitos, sem dúvida, os que serviram nessa função durante a primeira metade do século I d.C. Para tornar a questão ainda mais complicada, parece que, mesmo quem não ocupava o cargo adotava o título de sumo sacerdote, caso pertencesse a uma dessas seletas famílias.

Anás, sumo sacerdote de 6 a 15 d.C. (cinco de seus filhos assumiram o cargo depois dele), e seu genro, José Caifás, sumo sacerdote de 18 a 36 d.C., eram da casa de Hanã. Os Evangelhos indicam que, enquanto Caifás era o sumo sacerdote oficial no tempo de Jesus, Anás ainda detinha considerável poder. É digno de nota que Anano, um dos filhos de Anás, foi o sumo sacerdote que decretou a execução de Tiago, irmão de Jesus, em 62 d.C. (Flávio Josefo, *Antiguidades judaicas*, 20.9.1). De acordo com Josefo, os que eram "rígidos na observância da Lei" (provavelmente os fariseus)[3] ficaram tão incomodados com essa ação que protestaram diante do rei Agripa e do procurador Albino. Como resultado, Anás foi deposto do cargo de sumo sacerdote apenas três meses após assumir o cargo.

[1]Ver "Herodes, o Grande", em Mc 3. [2]Ver "Sacerdócio judaico e vida religiosa no século I d.C.", em Lc 18; sobre o contexto histórico, ver "Os levitas e os sacerdotes", em 2Cr 24. [3]Ver "Os fariseus", em Mt 5.

4.21 sAt 5.26; tMt 9.8

21 Depois de mais ameaças, eles os deixaram ir. Não tinham como castigá-los, porque todo o povo[s] estava louvando a Deus[t] pelo que acontecera, 22 pois o homem que fora curado milagrosamente tinha mais de quarenta anos de idade.

A Oração dos Primeiros Cristãos

23 Quando foram soltos, Pedro e João voltaram para os seus companheiros e contaram tudo o que os chefes dos sacerdotes e os líderes religiosos lhes tinham dito. 24 Ouvindo isso, levantaram juntos a
4.25 uAt 1.16 voz a Deus, dizendo: "Ó Soberano, tu fizeste os céus, a terra, o mar e tudo o que neles há! 25 Tu falaste pelo Espírito Santo por boca do teu servo, nosso pai Davi:[u]

" 'Por que se enfurecem
as nações, e os povos conspiram em vão?
4.26 vSl 2.1,2; Dn 9.25; Lc 4.18; At 10.38; Hb 1.9 26 Os reis da terra se levantam,
e os governantes se reúnem
contra o Senhor
e contra o seu Ungido'[a].[v]

4.27 wV Mt 14.1; xMt 27.2; Lc 23.12; yv. 30 4.28 zAt 2.23 4.29 av. 13.31; At 9.27; 14.3; Fp 1.14 4.30 bJo 4.48; cv. 27 4.31 dAt 2.2; ev. 29

27 De fato, Herodes[w] e Pôncio Pilatos[x] reuniram-se com os gentios[b] e com o povo de Israel nesta cidade, para conspirar contra o teu santo servo Jesus,[y] a quem ungiste. 28 Fizeram o que o teu poder e a tua vontade haviam decidido de antemão que acontecesse.[z] 29 Agora, Senhor, considera as ameaças deles e capacita os teus servos para anunciarem a tua palavra corajosamente.[a] 30 Estende a tua mão para curar e realizar sinais e maravilhas[b] por meio do nome do teu santo servo Jesus".[c]

31 Depois de orarem, tremeu o lugar em que estavam reunidos;[d] todos ficaram cheios do Espírito Santo e anunciavam corajosamente a palavra de Deus.[e]

Os Discípulos Repartem seus Bens

4.32 fAt 2.44

4.33 gLc 24.48; hAt 1.22

32 Da multidão dos que creram, uma era a mente e um o coração. Ninguém considerava unicamente sua coisa alguma que possuísse, mas compartilhavam tudo o que tinham.[f] 33 Com grande poder os apóstolos continuavam a testemunhar[g] da ressurreição[h] do Senhor Jesus, e grandiosa graça estava sobre todos eles. 34 Não havia pessoas necessitadas entre eles, pois os que possuíam terras ou casas as vendiam,[i] traziam o dinheiro da venda 35 e o colocavam aos pés dos apóstolos,[j] que o distribuíam segundo a necessidade de cada um.[k]

4.34 iMt 19.21; At 2.45 4.35 jv. 37; At 5.2; kAt 2.45; 6.1

4.36 lAt 9.27; 1Co 9.6 4.37 mv. 35; At 5.2

36 José, um levita de Chipre a quem os apóstolos deram o nome de Barnabé,[l] que significa "encorajador[c]", 37 vendeu um campo que possuía, trouxe o dinheiro e o colocou aos pés dos apóstolos.[m]

Ananias e Safira

5.2 nAt 4.35,37

5 Um homem chamado Ananias, com Safira, sua mulher, também vendeu uma propriedade. 2 Ele reteve parte do dinheiro para si, sabendo disso também sua mulher; e o restante levou e colocou aos pés dos apóstolos.[n]

5.3 oMt 4.10; pJo 13.2,27; qv. 9

3 Então perguntou Pedro: "Ananias, como você permitiu que Satanás[o] enchesse o seu coração,[p] a ponto de você mentir ao Espírito Santo[q] e guardar para você uma parte do dinheiro que recebeu pela propriedade? 4 Ela não pertencia a você? E, depois de vendida, o dinheiro não estava em seu poder? O que o levou a pensar em fazer tal coisa? Você não mentiu aos homens, mas sim a Deus".

5.5 rv. 10; sv. 11

5 Ouvindo isso, Ananias caiu morto.[r] Grande temor[s] apoderou-se de todos os que ouviram o que

5.6 tJo 19.40

tinha acontecido. 6 Então os moços vieram, envolveram seu corpo,[t] levaram-no para fora e o sepultaram.

5.8 uv. 2

7 Cerca de três horas mais tarde, entrou sua mulher, sem saber o que havia acontecido. 8 Pedro lhe perguntou: "Diga-me, foi esse o preço que vocês conseguiram pela propriedade?"

Respondeu ela: "Sim, foi esse mesmo".[u]

[a] **4.25,26** Sl 2.1,2.
[b] **4.27** Isto é, os que não são judeus; também em todo o livro de Atos.
[c] **4.36** Ou *consolador*. Grego: *filho da consolação*.

4.22 A idade do homem indica que ele era coxo havia tanto tempo que não tinha mais esperança de que sua condição pudesse um dia melhorar.
4.27 Herodes é Herodes Antipas, tetrarca da Galileia e da Pereia (ver nota em Mt 14.1). Pôncio Pilatos era o governador romano da Judeia (ver nota em Lc 3.1; ver também "Pôncio Pilatos", em Lc 23).
4.36 Embora os levitas não possuíssem herança na Terra Santa, esses regulamentos talvez não se aplicassem aos levitas de outros países, como Chipre. Chipre é uma ilha na parte leste do mar Mediterrâneo. Desde os tempos dos macabeus, havia judeus estabelecidos ali. Barnabé era de Chipre (ver nota em 13.1,2).
5.2 O casal tinha o direito de guardar para si quanto quisesse do dinheiro, mas o pecado era fingir que haviam dado tudo, o que não era verdade.
5.6 Sobre as práticas de sepultamento do NT, ver nota em Mt 26.12; ver também "Práticas judaicas relativas ao sepultamento", em Lc 9; e "Perfumes e óleos de unção", em Jo 12.

9 Pedro lhe disse: "Por que vocês entraram em acordo para tentar o Espírito do Senhor?[v] Veja! Estão à porta os pés dos que sepultaram seu marido, e eles a levarão também".

10 Naquele mesmo instante, ela caiu morta aos pés dele.[w] Então os moços entraram e, encontrando-a morta, levaram-na e a sepultaram ao lado de seu marido. 11 E grande temor[x] apoderou-se de toda a igreja e de todos os que ouviram falar desses acontecimentos.

Os Apóstolos Curam Muitos Doentes

12 Os apóstolos realizavam muitos sinais e maravilhas[y] no meio do povo. Todos os que creram costumavam reunir-se[z] no Pórtico de Salomão.[a] 13 Dos demais, ninguém ousava juntar-se a eles, embora o povo os tivesse em alto conceito.[b] 14 Em número cada vez maior, homens e mulheres criam no Senhor e lhes eram acrescentados, 15 de modo que o povo também levava os doentes às ruas e os colocava em camas e macas, para que pelo menos a sombra de Pedro se projetasse sobre alguns, enquanto ele passava.[c] 16 Afluíam também multidões das cidades próximas a Jerusalém, trazendo seus doentes e os que eram atormentados por espíritos imundos[d]; e todos eram curados.[d]

Os Apóstolos São Perseguidos

17 Então o sumo sacerdote e todos os seus companheiros, membros do partido[e] dos saduceus,[f] ficaram cheios de inveja. 18 Por isso, mandaram prender os apóstolos, colocando-os numa prisão pública.[g] 19 Mas durante a noite um anjo[h] do Senhor abriu as portas do cárcere,[i] levou-os para fora e 20 disse: "Dirijam-se ao templo e relatem ao povo toda a mensagem desta Vida".[j]

21 Ao amanhecer, eles entraram no pátio do templo, como haviam sido instruídos, e começaram a ensinar o povo.

Quando chegaram o sumo sacerdote e os seus companheiros,[k] convocaram o Sinédrio[l] — toda a assembleia dos líderes religiosos de Israel — e mandaram buscar os apóstolos na prisão. 22 Todavia, ao chegarem à prisão, os guardas não os encontraram ali. Então, voltaram e relataram: 23 "Encontramos a prisão trancada com toda a segurança, com os guardas diante das portas; mas, quando as abrimos não havia ninguém". 24 Diante desse relato, o capitão da guarda do templo e os chefes dos sacerdotes[m] ficaram perplexos, imaginando o que teria acontecido.

25 Nesse momento chegou alguém e disse: "Os homens que os senhores puseram na prisão estão no pátio do templo, ensinando o povo". 26 Então, indo para lá com os guardas, o capitão trouxe os apóstolos, mas sem o uso de força, pois temiam que o povo[n] os apedrejasse.

27 Tendo levado os apóstolos, apresentaram-nos ao Sinédrio[o] para serem interrogados pelo sumo sacerdote, 28 que lhes disse: "Demos ordens expressas a vocês para que não ensinassem neste nome.[p] Todavia, vocês encheram Jerusalém com sua doutrina e nos querem tornar culpados do sangue desse homem".[q]

29 Pedro e os outros apóstolos responderam: "É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens![r] 30 O Deus dos nossos antepassados[s] ressuscitou Jesus,[t] a quem os senhores mataram, suspendendo-o num madeiro.[u] 31 Deus o exaltou, elevando-o à sua direita[v] como Príncipe e Salvador,[w] para dar a Israel arrependimento e perdão de pecados.[x] 32 Nós somos testemunhas destas coisas,[y] bem como o Espírito Santo,[z] que Deus concedeu aos que lhe obedecem".

33 Ouvindo isso, eles ficaram furiosos[a] e queriam matá-los. 34 Mas um fariseu chamado Gamaliel,[b] mestre da lei,[c] respeitado por todo o povo, levantou-se no Sinédrio e pediu que os homens fossem retirados por um momento. 35 Então lhes disse: "Israelitas, considerem cuidadosamente o que

[a] **5.16** Ou *malignos.*

5.9 [v] v. 3
5.10 [w] v. 5
5.11 [x] v. 5; At 19.17
5.12 [y] At 2.43; [z] At 4.32; [a] At 3.11
5.13 [b] At 2.47; 4.21
5.15 [c] At 19.12
5.16 [d] Mc 16.17
5.17 [e] At 15.5; [f] At 4.1
5.18 [g] At 4.3
5.19 [h] Mt 1.20; Lc 1.11; At 8.26; 27.23; [i] At 16.26
5.20 [j] Jo 6.63,68
5.21 [k] At 4.5,6; [l] v. 27,34,41; Mt 5.22
5.24 [m] At 4.1
5.26 [n] At 4.21
5.27 [o] Mt 5.22
5.28 [p] At 4.18; [q] Mt 23.35; 27.25; At 2.23,36; 3.14,15; 7.52
5.29 [r] At 4.19
5.30 [s] At 3.13; [t] At 2.24; [u] At 10.39; 13.29; Gl 3.13; 1Pe 2.24
5.31 [v] At 2.33; [w] Lc 2.11; [x] Mt 1.21; Lc 24.47; At 2.38
5.32 [y] Lc 24.48; [z] Jo 15.26
5.33 [a] At 2.37; 7.54
5.34 [b] At 22.3; [c] Lc 2.46

5.11 Esse é o primeiro emprego do termo "igreja" em Atos. Pode denotar a congregação local (8.1; 11.22; 13.1) ou a igreja universal (ver 20.28). A palavra grega traduzida por "igreja" (*ekklesia*) também era empregada para designar as assembleias, políticas ou não (ver 19.32,41), e, na *Septuaginta*, o Israel reunido em assembleia religiosa.

5.12 Sobre o pórtico de Salomão, ver nota em Jo 10.23.

5.17 O sumo sacerdote oficial, reconhecido por Roma, era Caifás, mas os judeus consideravam Anás, sogro de Caifás, o verdadeiro sumo sacerdote, pois o cargo de sumo sacerdote era vitalício (ver nota em Lc 3.2). Para mais informações sobre os saduceus, ver nota em At 4.1. Depois do dia de Pentecoste, os saduceus foram diligentes contra a Igreja nascente. Com os sacerdotes e o capitão do templo, capturaram Pedro e João e os lançaram na prisão. Pouco tempo depois, capturaram os demais apóstolos e elaboravam planos para matá-los (ver também 5.33). Sua atitude hostil persistiu por todo o período apostólico, e não há relato de que algum saduceu tenha sido recebido na Igreja. De acordo com Flávio Josefo (*Antiguidades judaicas*, 20.9.1), os membros dessa seita foram responsáveis pela morte de Tiago, irmão do Senhor. Com a destruição de Jerusalém em 70 d.C., o partido desapareceu (ver também "Os saduceus", em Mt 22).

5.18 Sobre a "prisão pública", ver "Prisão no mundo romano: na prisão *versus* prisão domiciliar", em At 26.

5.19 Sobre o "anjo do Senhor", ver "Anjos e espíritos guardiões na Bíblia e no antigo Oriente Médio", em Zc 1.

5.21 Sobre o Sinédrio, ver nota em Mc 14.55; ver também "O Sinédrio", em At 23.

5.34 Gamaliel foi o mestre judeu mais famoso de seu tempo e tradicionalmente relacionado entre os "cabeças das escolas" (ver "Gamaliel, o professor de Paulo", em At 22). É possível que fosse neto de Hillel. Assim como Hillel (ver nota em Mt 19.3), era moderado em suas opiniões, característica evidenciada na recomendação cautelosa que faz nessa ocasião. Saulo (Paulo) foi um dos seus alunos (22.3).

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

MASSADA

ATOS 5 As ruínas da fortaleza de Massada (ver mapa 9), construída num planalto, ainda existem no deserto da Judeia, ao sul de En-Gedi.[1] O planalto, do qual se avista o mar Morto, ergue-se a mais de 400 metros acima do terreno que o circunda e mede 800 metros de comprimento. Massada foi local de vários palácios ativos durante o período do NT e tornou-se uma fortaleza importante para os judeus zelotes que lutavam contra a ocupação romana, no século I d.C.[2]

Massada foi estabelecida durante o século II a.C. e concluída por Herodes, que reinou de 37 a 4 a.C.[3] Ele construiu ali um elaborado palácio, com sistema coletor da água da chuva e muros fortificados que permitiam longos períodos de isolamento. O controle passou para os romanos em 6 a.C. e depois para os judeus zelotes, em 66 d.C. Os zelotes transformaram os palácios em postos militares avançados, converteram outras construções em banheiros cerimoniais e numa casa de estudo e construíram uma sinagoga.



Sala em Massada, em que 11 pedaços de cerâmica foram encontrados com nomes de homens (possivelmente os escolhidos para matar os outros e depois cometer suicídio)
Foto: © Todd Bolen/Bible Places.com

Os romanos atacaram Massada em 73 d.C. Os escravos do exército construíram uma rampa de 200 metros de altura ao lado das colinas a fim de empreender um ataque em larga escala. Reconhecendo que a derrota era inevitável, Eleazar, líder de Massada, convenceu os 960 ocupantes da fortaleza de que a morte seria melhor que a escravidão romana. Dez homens foram indicados para matar todos os outros, inclusive mulheres e crianças, e um deles foi escolhido para matar os últimos dez, inclusive a si próprio. Quando os romanos alcançaram o topo do planalto, não havia mais ninguém ali para ser dominado.

O conselho de Gamaliel, em Atos 5.38,39, provou-se verdadeiro em Massada: embora os zelotes alojados ali comandassem rebeliões notáveis, seus planos bem elaborados foram por fim frustrados porque eram planos humanos, não provinham de Deus.[4]

[1]Ver "En-Gedi", em 2Cr 20. [2]Ver "Os zelotes e os essênios", em Mt 10; e "O exército romano e a ocupação da Terra Santa", em At 27. [3]Ver "Herodes, o Grande", em Mc 3. [4]Ver "Gamaliel, o professor de Paulo", em At 22.



Piscina de Herodes em Massada
Foto: © Todd Bolen/Bible Places.com

pretendem fazer a esses homens. 36 Há algum tempo, apareceu Teudas, reivindicando ser alguém, e cerca de quatrocentos homens se juntaram a ele. Ele foi morto, todos os seus seguidores se dispersaram e acabaram em nada. 37 Depois dele, nos dias do recenseamento,[d] apareceu Judas, o galileu, que liderou um grupo em rebelião. Ele também foi morto, e todos os seus seguidores foram dispersos. 38 Portanto, neste caso eu os aconselho: deixem esses homens em paz e soltem-nos. Se o propósito ou atividade deles for de origem humana, fracassará;[e] 39 se proceder de Deus, vocês não serão capazes de impedi-los, pois se acharão lutando contra Deus".[f]

40 Eles foram convencidos pelo discurso de Gamaliel. Chamaram os apóstolos e mandaram açoitá-los.[g] Depois, ordenaram-lhes que não falassem no nome de Jesus e os deixaram sair em liberdade.

41 Os apóstolos saíram do Sinédrio, alegres[h] por terem sido considerados dignos de serem humilhados por causa do Nome.[i] 42 Todos os dias, no templo[j] e de casa em casa, não deixavam de ensinar e proclamar que Jesus é o Cristo.

5.37 [q]Lc 2.1,2
5.38 [e]Mt 15.13
5.39 [f]Pv 21.30; At 7.51; 11.17
5.40 [g]Mt 10.17
5.41 [h]Mt 5.12; [i]Jo 15.21
5.42 [j]At 2.46

A Escolha dos Sete

6 Naqueles dias, crescendo o número de discípulos,[k] os judeus de fala grega[l] entre eles queixaram-se dos judeus de fala hebraica[a], porque suas viúvas[m] estavam sendo esquecidas na distribuição diária de alimento.[n] 2 Por isso os Doze reuniram todos os discípulos e disseram: "Não é certo negligenciarmos o ministério da palavra de Deus, a fim de servir às mesas. 3 Irmãos,[o] escolham entre vocês sete homens de bom testemunho, cheios do Espírito e de sabedoria. Passaremos a eles essa tarefa 4 e nos dedicaremos à oração[p] e ao ministério da palavra".

5 Tal proposta agradou a todos. Então escolheram Estêvão,[q] homem cheio de fé e do Espírito Santo,[r] além de Filipe,[s] Prócoro, Nicanor, Timom, Pármenas e Nicolau, um convertido ao judaísmo, proveniente de Antioquia. 6 Apresentaram esses homens aos apóstolos, os quais oraram[t] e lhes impuseram as mãos.[u]

6.1 [k]At 2.41; [l]At 9.29; [m]At 9.39,41; [n]At 4.35
6.3 [o]At 1.16
6.4 [p]At 1.14
6.5 [q]v. 8; At 11.19; [r]At 11.24; [s]At 8.5-40; 21.8
6.6 [t]At 1.24; 8.17; 13.3; 2Tm 1.6; [u]Nm 8.10; At 9.17; 1Tm 4.14

[a] **6.1** Ou *aramaica.*

No período do NT, os escribas eram uma classe de homens instruídos que faziam do estudo sistemático e da exposição da Lei sua ocupação profissional (ver "O escriba", em Ed 8). No NT, são geralmente chamados "mestres da lei" (ver notas em Mt 2.4; Lc 5.17). Esses homens se destacam nos Evangelhos, geralmente associados com os fariseus (Mt 5.20; 12.38; 15.1; 23.2,13; Mc 7.5; Lc 5.21,30; 6.7; 11.53; 15.2; Jo 8.3), mas também são mencionados sozinhos, uma vez que não eram necessariamente fariseus (Mt 9.3; Mc 2.6; 3.22; 9.14; Lc 20.39). Os fariseus eram um partido religioso (ver nota em Mt 3.7; ver também "Os fariseus", em Mt 5), enquanto os escribas tinham um ofício. A dupla designação os diferenciava dos fariseus, porém muitos deles pertenciam ao partido dos fariseus, que reconhecia as interpretações legais dos escribas. Certas expressões (e.g., "os fariseus e aqueles mestres da lei que eram da mesma facção") implicam que os saduceus também tinham seus escribas (Mc 2.16; Lc 5.30; At 23.9).

5.36,37 Flávio Josefo (*Antiguidades judaicas,* 20.5.1) menciona um Teudas, que liderou uma considerável revolta em 44/45 d.C. Esse pode não ser o Teudas do discurso de Gamaliel, proferido alguns anos antes. Sugerir que Lucas usou Josefo e confundiu Teudas e Judas (ver nota seguinte), invertendo a ordem cronológica, é desconsiderar a costumeira precisão de Lucas. Há pouco em comum entre os "quatrocentos" de Lucas e o relato de uma rebelião mais extensiva encontrada em Josefo. É bem provável que a referência em Josefo seja uma interpolação de Atos (alterando ou pervertendo o relato bíblico). Pode ter havido mais de um Teudas, porém nosso conhecimento da história da província é muito escasso para possamos discutir essa clara possibilidade.

5.37 O historiador judeu Flávio Josefo refere-se a Judas, o galileu, como homem de Gamala em Gaulanites, que se recusou a pagar tributo a César (ver nota anterior). A revolta foi esmagada, mas um movimento iniciado na mesma época talvez tenha continuado no partido dos zelotes, violento grupo revolucionário judeu que fazia oposição ao domínio romano na Terra Santa (ver "Os zelotes e os essênios", em Mt 10; e "Conflitos messiânicos e a queda de Jerusalém", em Mc 4).

5.40 Os apóstolos foram "açoitados", isto é, espancados com a penalidade judaica de "quarenta açoites menos um" (cf. 2Co 11.24; para uma comparação com o açoite romano, ver nota em Mt 27.26.)

6.1 Nessa altura dos acontecimentos, a Igreja era inteiramente judaica em sua composição (ver "A Igreja: da ressurreição à conversão de Paulo", em At 1). Havia, no entanto, dois grupos de judeus que participavam da comunhão: 1) os judeus gregos ou helenísticos, nascidos fora da Palestina, que falavam a língua grega e eram mais gregos que hebreus em suas atitudes e concepções (ver nota em 16.1); 2) Os judeus hebreus, que falavam a língua aramaica e/ou hebraica da Palestina e conservavam a cultura e os costumes judaicos.

As viúvas, sem ninguém para cuidar delas, precisavam de ajuda e assim ficaram sob a responsabilidade da igreja (ver "O cuidado com as viúvas e os órfãos na Bíblia e no antigo Oriente Médio", em Dt 24).

6.2 Nessa etapa inicial, os apóstolos tinham a responsabilidade pela vida da igreja em geral, até mesmo pelo ministério da Palavra de Deus e pelo cuidado com os necessitados.

6.5 É interessante um prosélito (ver "Os prosélitos no judaísmo do segundo templo", em At 6) estar incluído entre eles, mais ainda o fato de Lucas ressaltar seu lugar de origem, Antioquia da Síria (ver nota em 11.19), a cidade para a qual o evangelho seria levado em breve e que se tornaria a "matriz" da iminente campanha missionária aos gentios (ver "Antioquia da Síria, o centro do cristianismo", em Gl 2).

6.6 A imposição de mãos era usada no período do AT para outorgar bênçãos (Gn 48.13-20), para transferir a culpa do pecador para o sacrifício (Lv 1.4) e para comissionar uma pessoa a nova responsabilidade (Nm 27.23). No período do NT, a imposição de mãos era praticada na cura (Mc 1.41; At 28.8), no ato de abençoar (Mc 10.16), na ordenação ou comissionamento (At 6.6; 13.3; 1Tm 5.22) e na outorga de dons espirituais (At 8.17; 19.6; 1Tm 4.14; 2Tm 1.6).

Esses sete homens receberam a designação de cumprir as responsabilidades determinadas pelos Doze. A palavra grega usada em referência à responsabilidade deles ("servir") é o verbo do qual provém o substantivo "diácono". O substantivo grego traduzido por "diácono" pode também ser traduzido por "ministro" ou "servidor". Os homens nomeados nessa ocasião foram simplesmente chamados os Sete (At 21.8), assim como os apóstolos eram chamados os Doze. É objeto de debate se os Sete foram os primeiros diáconos ou se foram mais tarde substituídos (ver nota em 1Tm 3.8-13).

6.7 vAt 12.24; 19.20

7 Assim, a palavra de Deus se espalhava.v Crescia rapidamente o número de discípulos em Jerusalém; também um grande número de sacerdotes obedecia à fé.

A Prisão de Estêvão

6.8 wJo 4.48

8 Estêvão, homem cheio da graça e do poder de Deus, realizava grandes maravilhas e sinaisw no meio do povo. 9 Contudo, levantou-se oposição dos membros da chamada sinagoga dos Libertos, dos judeus de Cirenex e de Alexandria, bem como das províncias da Cilíciay e da Ásia.z Esses homens começaram a discutir com Estêvão, 10 mas não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito com que ele falava.a

6.9 xMt 27.32; yAt 15.23,41; 22.3; 23.34; zAt 2.9

6.10 aLc 21.15

11 Então subornaramb alguns homens para dizerem: "Ouvimos Estêvão falar palavras blasfemas contra Moisés e contra Deus".c

6.11 b1Rs 21.10; cMt 26.59-61

12 Com isso agitaram o povo, os líderes religiosos e os mestres da lei. E, prendendo Estêvão, levaram-no ao Sinédrio.d 13 Ali apresentaram falsas testemunhas, que diziam: "Este homem não para de falar contra este lugar santoe e contra a Lei. 14 Pois o ouvimos dizer que esse Jesus, o Nazareno, destruirá este lugar e mudará os costumes que Moisés nos deixou".f

6.12 dMt 5.22

6.13 eAt 21.28

6.14 fAt 15.1; 21.21; 26.3; 28.17

15 Olhando para ele, todos os que estavam sentados no Sinédriog viram que o seu rosto parecia o rosto de um anjo.

6.15 gMt 5.22

6.7 Esse "grande número de sacerdotes", embora pela linhagem e pelo serviço vitalício estivessem envolvidos nas observâncias sacerdotais da antiga aliança, aceitaram a pregação dos apóstolos, segundo a qual um sacrifício tornara desnecessários os demais (Hb 8.13).

6.9 Os Libertos (também chamados Libertinos) eram, muito provavelmente, judeus que haviam sido capturados e levados para Roma por Pompeu, em 63 a.C., libertos em seguida e repatriados na Palestina, onde, aparentemente, construíram uma sinagoga ainda ocupada por seus descendentes um século depois da campanha palestiniana de Pompeu.

Cirene era a principal cidade da Líbia e da África do Norte, a meio caminho entre Alexandria e Cartago. Um de seus grupos populacionais era composto de judeus.

Alexandria era a capital do Egito e a segunda cidade do império, depois de Roma (ver "Alexandria", em At 18). Dois dos cinco bairros de Alexandria eram judeus.

Cilícia era uma província romana no canto sudeste da Ásia Menor, fronteiriça com a Síria. Tarso, onde Paulo nasceu, era uma de suas principais cidades (ver notas em 22.3; 15.23).

A Ásia era uma província romana situada na parte ocidental da Ásia Menor. Éfeso, onde Paulo ministrou durante alguns anos, era a capital (ver "Éfeso nos tempos de Paulo", em 2Tm 4).

6.11 Estêvão havia declarado que a adoração a Deus já não devia ser limitada ao templo (7.48,49), por isso seus oponentes torceram suas palavras a fim de produzir a falsa acusação de que Estêvão estava atacando o templo, a Lei, Moisés e, em última análise, a Deus.

6.12 Para mais informações sobre os "líderes religiosos", ver notas em Mt 21.23 e Lc 7.3; sobre os "mestres da lei" ver notas em Mt 2.4 e Lc 5.17; sobre o Sinédrio, ver nota em Mc 14.55.

6.13 O "lugar santo" é o templo em Jerusalém.



NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

Os prosélitos no judaísmo do Segundo Templo

ATOS 6 Embora os judeus fossem uma minoria no Império Romano, conseguiam atrair um número significativo de simpatizantes e convertidos para sua comunidade. A adesão dos gentios ao judaísmo dava-se em níveis variados:

✣ Os benfeitores, como o centurião de Lucas 7.1-10, que apoiavam a comunidade judaica e, aparentemente, eram simpáticos às crenças do povo judeu.

✣ Os "tementes a Deus", que eram filiados à sinagoga e demonstravam um entusiástico interesse pelo judaísmo (ver, e.g., At 10.2; 13.16,17; 17.4; há também uma menção importante aos "tementes a Deus" numa inscrição de 210 d.C., aproximadamente, em Afrodisias, na moderna Turquia).

✣ O prosélito de fato convertido ao judaísmo, que cumpria todas as suas exigências. Josefo menciona Izates, membro da família real de Adiabena, que aceitou o judaísmo e providenciou para que ele mesmo fosse circuncidado, a fim de adotar plenamente o modo de vida judaico (*Antiguidades judaicas*, 20.2.3,4).[1]

O número de gentios convertidos ao judaísmo não era insignificante, mas não há certeza de que houvesse um concentrado movimento missionário judaico entre os gentios, comparável ao do cristianismo primitivo. A maior parte dos que se juntavam à comunidade judaica, provavelmente, eram motivados pelas relações pessoais ou comerciais com os judeus (mais particularmente o casamento) ou por uma busca pessoal da verdade.[2]

[1]Ver "Circuncisão no mundo antigo", em Rm 3. [2]Ver "As escolas filosóficas gregas", em Cl 2.

O Discurso de Estêvão no Sinédrio

7 Então o sumo sacerdote perguntou a Estêvão: "São verdadeiras estas acusações?"
2 A isso ele respondeu: "Irmãos e pais,[h] ouçam-me! O Deus glorioso[i] apareceu a Abraão, nosso
pai, estando ele ainda na Mesopotâmia, antes de morar em Harã,[j] e lhe disse: 3 'Saia da sua terra e do
meio dos seus parentes e vá para a terra que eu lhe mostrarei'[a].[k]
4 "Então ele saiu da terra dos caldeus e se estabeleceu em Harã. Depois da morte de seu pai, Deus o
trouxe a esta terra, onde vocês agora vivem.[l] 5 Deus não lhe deu nenhuma herança aqui, nem mesmo
o espaço de um pé. Mas lhe prometeu que ele e, depois dele, seus descendentes, possuiriam a terra,[m]
embora, naquele tempo, Abraão não tivesse filhos. 6 Deus lhe falou desta forma: 'Seus descendentes
serão peregrinos numa terra estrangeira, e serão escravizados e maltratados por quatrocentos anos.[n]
7 Mas eu castigarei a nação a quem servirão como escravos, e depois sairão dali e me adorarão neste
lugar'[b].[o] 8 E deu a Abraão a aliança da circuncisão.[p] Por isso, Abraão gerou Isaque e o circuncidou oito
dias depois do seu nascimento.[q] Mais tarde, Isaque gerou Jacó,[r] e este os doze patriarcas.[s]
9 "Os patriarcas, tendo inveja de José,[t] venderam-no como escravo para o Egito.[u] Mas Deus estava
com ele[v] 10 e o libertou de todas as suas tribulações, dando a José favor e sabedoria diante do faraó, rei
do Egito; este o tornou governador do Egito e de todo o seu palácio.[w]
11 "Depois houve fome em todo o Egito e em Canaã, trazendo grande sofrimento, e os nossos
antepassados não encontravam alimento.[x] 12 Ouvindo que havia trigo no Egito, Jacó enviou nossos
antepassados em sua primeira viagem.[y] 13 Na segunda viagem deles, José fez-se reconhecer por seus
irmãos,[z] e o faraó pôde conhecer a família de José. 14 Depois disso, José mandou buscar seu pai, Jacó,
e toda a sua família,[a] que eram setenta e cinco pessoas.[b] 15 Então Jacó desceu ao Egito, onde faleceram
ele e os nossos antepassados.[c] 16 Seus corpos foram levados de volta a Siquém e colocados no túmulo
que Abraão havia comprado ali dos filhos de Hamor, por certa quantia.[d]
17 "Ao se aproximar o tempo em que Deus cumpriria sua promessa a Abraão, aumentou muito o
número do nosso povo no Egito.[e] 18 Então outro rei, que nada sabia a respeito de José, passou a go-
vernar o Egito.[f] 19 Ele agiu traiçoeiramente para com o nosso povo e oprimiu os nossos antepassados,
obrigando-os a abandonar os seus recém-nascidos, para que não sobrevivessem.[g]
20 "Naquele tempo nasceu Moisés, que era um menino extraordinário[c]. Por três meses ele foi
criado na casa de seu pai.[h] 21 Quando foi abandonado, a filha do faraó o tomou e o criou como seu
próprio filho.[i] 22 Moisés foi educado em toda a sabedoria dos egípcios[j] e veio a ser poderoso em pa-
lavras e obras.
23 "Ao completar quarenta anos, Moisés decidiu visitar seus irmãos israelitas. 24 Ao ver um deles
sendo maltratado por um egípcio, saiu em defesa do oprimido e o vingou, matando o egípcio. 25 Ele
pensava que seus irmãos compreenderiam que Deus o estava usando para salvá-los, mas eles não o
compreenderam. 26 No dia seguinte, Moisés dirigiu-se a dois israelitas que estavam brigando, e tentou
reconciliá-los, dizendo: 'Homens, vocês são irmãos; por que ferem um ao outro?'
27 "Mas o homem que maltratava o outro empurrou Moisés e disse: 'Quem o nomeou líder e juiz
sobre nós? 28 Quer matar-me como matou o egípcio ontem?'[d] 29 Ouvindo isso, Moisés fugiu para
Midiã, onde ficou morando como estrangeiro e teve dois filhos.[k]
30 "Passados quarenta anos, apareceu a Moisés um anjo nas labaredas de uma sarça em chamas
no deserto, perto do monte Sinai. 31 Vendo aquilo, ficou atônito. E, aproximando-se para observar,
ouviu a voz do Senhor:[l] 32 'Eu sou o Deus dos seus antepassados, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque
e o Deus de Jacó'[e]. Moisés, tremendo de medo, não ousava olhar.[m]

7.2 [h]At 22.1; [i]Sl 29.3; [j]Gn 11.31; 15.7
7.3 [k]Gn 12.1
7.4 [l]Gn 12.5
7.5 [m]Gn 12.7; 17.8; 26.3
7.6 [n]Êx 12.40
7.7 [o]Êx 3.12
7.8 [p]Gn 17.9-14; [q]Gn 21.2-4; [r]Gn 25.26; [s]Gn 29.31-35; 30.5-13,17-24; 35.16-18,22-26
7.9 [t]Gn 37.4,11; [u]Gn 37.28; Sl 105.17; [v]Gn 39.2,21,23
7.10 [w]Gn 41.37-43
7.11 [x]Gn 41.54
7.12 [y]Gn 42.1,2
7.13 [z]Gn 45.1-4
7.14 [a]Gn 45.9,10; [b]Gn 46.26,27; Êx 1.5; Dt 10.22
7.15 [c]Gn 46.5-7; 49.33; Êx 1.6
7.16 [d]Gn 23.16-20; 33.18,19; 50.13; Js 24.32
7.17 [e]Êx 1.7; Sl 105.24
7.18 [f]Êx 1.8
7.19 [g]Êx 1.10-22
7.20 [h]Êx 2.2; Hb 11.23
7.21 [i]Êx 2.3-10
7.22 [j]1Rs 4.30; Is 19.11
7.29 [k]Êx 2.11-15
7.31 [l]Êx 3.1-4
7.32 [m]Êx 3.6

[a] **7.3** Gn 12.1.
[b] **7.6,7** Gn 15.13,14.
[c] **7.20** Grego: *era bonito aos olhos de Deus.*
[d] **7.27,28** Êx 2.14.
[e] **7.32** Êx 3.6.

7.1 O sumo sacerdote provavelmente era Caifás (ver nota em Mt 26.3; ver também "Os sumos sacerdotes Anás e Caifás", em At 4).
7.2-53 O discurso de Estêvão marca uma ruptura decisiva entre o judaísmo e o cristianismo e aponta para as vigorosas explicações das diferenças entre a antiga e a nova fé, explicadas nos escritos de Paulo e pelo autor de Hebreus.
7.4 A "terra dos caldeus" é um distrito no sul da Babilônia. Mais tarde, o nome foi aplicado a uma região que incluía toda a Babilônia.
7.8 Sobre a "aliança da circuncisão", ver Gn 17.10 e nota.
7.16 Flávio Josefo preserva uma tradição segundo a qual os irmãos de José foram sepultados em Hebrom. O dispositivo retórico de Estêvão (mediante o qual relembra que Jacó e os 12 patriarcas não foram sepultados no Egito, mas em Canaã) parece estranho aos leitores atuais, mas era bem compreendido pelos ouvintes de então.
7.23 Moisés tinha 80 anos de idade quando foi enviado para falar ao faraó (Êx 7.7) e 120 quando morreu (Dt 34.7). As palavras de Estêvão concordam com uma tradição segundo a qual Moisés teria deixado o Egito pela primeira vez aos 40 anos de idade.
7.29 Ver "Midiã", em Êx 4.
7.30 O monte Sinai é chamado Horebe em Êx 3.1 (ver "Localização do monte Sinai", em Êx 19).

7.33 nÊx 3.5; Js 5.15
7.34 oÊx 3.7-10
7.35 pv. 27
7.36 qÊx 12.41; 33.1; rÊx 14.21
7.37 sDt 18.15,18; At 3.22
7.38 tv. 53; uÊx 19.17; vDt 32.45-47; Hb 4.12; wRm 3.2
7.39 xNm 14.3,4
7.40 yÊx 32.1,23
7.41 zÊx 32.4-6; Sl 106.19,20; Ap 9.20
7.42 aJs 24.20; Is 63.10; bJr 19.13
7.43 cAm 5.25-27
7.44 dÊx 38.21; eÊx 25.8,9,40
7.45 fJs 3.14-17; 18.1; 23.9; 24.18; Sl 44.2
7.46 g2Sm 7.8-16; Sl 132.1-5
7.48 h1Rs 8.27; 2Cr 2.6
7.49 iMt 5.34,35
7.50 jIs 66.1,2
7.51 kÊx 32.9; 33.3,5; lLv 26.41; Dt 10.16; Jr 4.4; 9.26
7.52 m2Cr 36.16; Mt 5.12; nAt 3.14; 1Ts 2.15
7.53 ov. 38; Gl 3.19; Hb 2.2
7.54 pAt 5.33
7.55 qMc 16.19
7.56 rMt 3.16; sMt 8.20
7.58 tLc 4.29; uLv 24.14,16; Dt 13.9; vAt 22.20; wAt 8.1

33 "Então o Senhor lhe disse: 'Tire as sandálias dos pés, porque o lugar em que você está é terra santa.n 34 De fato tenho visto a opressão sobre o meu povo no Egito. Ouvi seus gemidos e desci para livrá-lo. Venha agora, e eu o enviarei de volta ao Egito'a.o

35 "Este é o mesmo Moisés que tinham rejeitado com estas palavras: 'Quem o nomeou líder e juiz?'p Ele foi enviado pelo próprio Deus para ser líder e libertador deles, por meio do anjo que lhe tinha aparecido na sarça. 36 Ele os tirou de lá, fazendo maravilhas e sinais no Egito,q no mar Vermelhor e no deserto durante quarenta anos.

37 "Este é aquele Moisés que disse aos israelitas: 'Deus levantará dentre seus irmãos um profeta como eu'b.s 38 Ele estava na congregação, no deserto, com o anjot que lhe falava no monte Sinai e com os nossos antepassados,u e recebeu palavras vivas,v para transmiti-las a nós.w

39 "Mas nossos antepassados se recusaram a obedecer-lhe; ao contrário, rejeitaram-no e em seu coração voltaram para o Egito.x 40 Disseram a Arão: 'Faça para nós deuses que nos conduzam, pois a esse Moisés que nos tirou do Egito, não sabemos o que lhe aconteceu!'cy 41 Naquela ocasião fizeram um ídolo em forma de bezerro. Trouxeram-lhe sacrifícios e fizeram uma celebração em honra ao que suas mãos tinham feito.z 42 Mas Deus afastou-sea deles e os entregou à adoração dos astros,b conforme o que foi escrito no livro dos profetas:

" 'Foi a mim que vocês apresentaram sacrifícios e ofertas
durante os quarenta anos no deserto, ó nação de Israel?
43 Em vez disso, levantaram o santuário de Moloque
e a estrela do seu deus Renfã,
ídolos que vocês fizeram para adorar!
Portanto, eu os enviarei para o exílio,c para além da Babilônia'd.

44 "No deserto os nossos antepassados tinham o tabernáculo da aliança,d que fora feito segundo a ordem de Deus a Moisés, de acordo com o modelo que ele tinha visto.e 45 Tendo recebido o tabernáculo, nossos antepassados o levaram, sob a liderança de Josué, quando tomaram a terra das nações que Deus expulsou de diante deles.f Esse tabernáculo permaneceu nesta terra até a época de Davi, 46 que encontrou graça diante de Deus e pediu que ele lhe permitisse providenciar uma habitação para o Deus de Jacó.g 47 Mas foi Salomão quem lhe construiu a casa.

48 "Todavia, o Altíssimo não habita em casas feitas por homens.h Como diz o profeta:

49 " 'O céu é o meu trono;
a terra, o estrado dos meus pés.i
Que espécie de casa vocês me edificarão?
diz o Senhor,
ou, onde seria meu lugar de descanso?
50 Não foram as minhas mãos que fizeram todas estas coisas?'ej

51 "Povo rebelde, obstinadofk de coraçãol e de ouvidos! Vocês são iguais aos seus antepassados: sempre resistem ao Espírito Santo! 52 Qual dos profetas os seus antepassados não perseguiram?m Eles mataram aqueles que prediziam a vinda do Justo, de quem agora vocês se tornaram traidores e assassinosn — 53 vocês, que receberam a Lei por intermédio de anjos,o mas não lhe obedeceram".

O Apedrejamento de Estêvão

54 Ouvindo isso, ficaram furiososp e rangeram os dentes contra ele. 55 Mas Estêvão, cheio do Espírito Santo, levantou os olhos para o céu e viu a glória de Deus, e Jesus em pé, à direita de Deus,q 56 e disse: "Vejo os céus abertosr e o Filho do homems em pé, à direita de Deus".

57 Mas eles taparam os ouvidos e, dando fortes gritos, lançaram-se todos juntos contra ele, 58 arrastaram-no para fora da cidadet e começaram a apedrejá-lo.u As testemunhas deixaram seus mantosv aos pés de um jovem chamado Saulo.w

a **7.33,34** Êx 3.5,7,8,10.
b **7.37** Dt 18.15.
c **7.40** Êx 32.1.
d **7.42,43** Am 5.25-27, segundo a antiga versão grega.
e **7.49,50** Is 66.1,2.
f **7.51** Grego: *incircunciso.*

7.38 Segundo a interpretação judaica da época, a Lei fora outorgada a Moisés por intermediação angelical — e seu chamado ocorrera da mesma forma (ver Êx 3.2; ver também At 7.53; Gl 3.19; Hb 2.2).
7.43 Para mais informações sobre Moloque, ver nota em Lv 18.21.
7.53 Ver nota no v. 38.
7.56 Ver "A 'mão direita' no pensamento antigo", em Hb 1.
7.58 Pelo fato de as testemunhas terem deixado as roupas de Estêvão aos pés de Saulo, alguns pensam que este era o responsável pela execução.

59 Enquanto apedrejavam Estêvão, este orava: "Senhor Jesus, recebe o meu espírito".[x] 60 Então caiu de joelhos[y] e bradou: "Senhor, não os consideres culpados deste pecado".[z] E, tendo dito isso, adormeceu.

8 E Saulo[a] estava ali, consentindo na morte de Estêvão.

A Perseguição e a Dispersão da Igreja

Naquela ocasião desencadeou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém. Todos, exceto os apóstolos, foram dispersos[b] pelas regiões da Judeia e de Samaria.[c] 2 Alguns homens piedosos sepultaram Estêvão e fizeram por causa dele grande lamentação. 3 Saulo,[d] por sua vez, devastava a igreja.[e] Indo de casa em casa, arrastava homens e mulheres e os lançava na prisão.

Filipe em Samaria

4 Os que haviam sido dispersos[f] pregavam a palavra por onde quer que fossem.[g] 5 Indo Filipe[h] para uma cidade de Samaria, ali lhes anunciava o Cristo. 6 Quando a multidão ouviu Filipe e viu os sinais milagrosos que ele realizava, deu unânime atenção ao que ele dizia. 7 Os espíritos imundos[a] saíam de muitos,[i] dando gritos, e muitos paralíticos e mancos foram curados.[j] 8 Assim, houve grande alegria naquela cidade.

Simão, o Mago

9 Um homem chamado Simão vinha praticando feitiçaria[k] durante algum tempo naquela cidade, impressionando todo o povo de Samaria. Ele se dizia muito importante,[l] 10 e todo o povo, do mais simples ao mais rico, dava-lhe atenção e exclamava: "Este homem é o poder divino conhecido como Grande Poder".[m] 11 Eles o seguiam, pois ele os havia iludido com sua mágica durante muito tempo. 12 No entanto, quando Filipe lhes pregou as boas-novas do Reino de Deus[n] e do nome de Jesus Cristo, creram nele e foram batizados, tanto homens como mulheres. 13 O próprio Simão também creu e foi batizado,[o] e seguia Filipe por toda parte, observando maravilhado os grandes sinais e milagres[p] que eram realizados.

14 Os apóstolos em Jerusalém, ouvindo que Samaria[q] havia aceitado a palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João.[r] 15 Estes, ao chegarem, oraram para que eles recebessem o Espírito Santo,[s] 16 pois o Espírito ainda não havia descido sobre nenhum deles;[t] tinham apenas sido batizados em nome do Senhor Jesus.[u] 17 Então Pedro e João lhes impuseram as mãos,[v] e eles receberam o Espírito Santo.

18 Vendo Simão que o Espírito era dado com a imposição das mãos dos apóstolos, ofereceu-lhes dinheiro 19 e disse: "Deem-me também este poder, para que a pessoa sobre quem eu puser as mãos receba o Espírito Santo".

20 Pedro respondeu: "Pereça com você o seu dinheiro! Você pensa que pode comprar o dom de Deus com dinheiro?[w] 21 Você não tem parte nem direito algum neste ministério, porque o seu coração não é reto[x] diante de Deus. 22 Arrependa-se dessa maldade e ore ao Senhor. Talvez ele perdoe tal pensamento do seu coração, 23 pois vejo que você está cheio de amargura e preso pelo pecado".

24 Simão, porém, respondeu: "Orem vocês ao Senhor por mim,[y] para que não me aconteça nada do que vocês disseram".

25 Tendo testemunhado e proclamado a palavra do Senhor, Pedro e João voltaram a Jerusalém, pregando o evangelho em muitos povoados samaritanos.[z]

Filipe e o Etíope

26 Um anjo do Senhor[a] disse a Filipe: "Vá para o sul, para a estrada deserta que desce de Jerusalém a Gaza". 27 Ele se levantou e partiu. No caminho encontrou um eunuco[b] etíope,[c] um oficial importante,

[a] **8.7** Ou *malignos.*

7.59 [x]Sl 31.5; Lc 23.46
7.60 [y]At 9.40; [z]Mt 5.44
8.1 [a]At 7.58; [b]At 11.19; [c]At 9.31
8.3 [d]At 7.58; [e]At 22.4,19; 26.10,11; 1Co 15.9; Gl 1.13,23; Fp 3.6; 1Tm 1.13
8.4 [f]v. 1; [g]At 15.35
8.5 [h]At 6.5
8.7 [i]Mc 16.17; [j]Mt 4.24
8.9 [k]At 13.6; [l]At 5.36
8.10 [m]At 14.11; 28.6
8.12 [n]At 1.3; [o]At 2.38
8.13 [p]v. 6; At 19.11
8.14 [q]v. 1; [r]Lc 22.8
8.15 [s]At 2.38
8.16 [t]At 19.2; [u]Mt 28.19; At 2.38
8.17 [v]At 6.6
8.20 [w]2Rs 5.16; Dn 5.17; Mt 10.8; At 2.38
8.21 [x]Sl 78.37
8.24 [y]Êx 8.8; Nm 21.7; 1Rs 13.6
8.25 [z]v. 40
8.26 [a]At 5.19
8.27 [b]Sl 68.31; 87.4; Sf 3.10; [c]Is 56.3-5; [d]1Rs 8.41-43; Jo 12.20

8.1 Ver "A expansão geográfica da Igreja sob perseguição", em At 8; e "Primeiras perseguições à Igreja", em Ap 17.
8.5 Filipe, judeu grego e um dos Sete da igreja de Jerusalém (ver nota em 6.6), tornou-se evangelista, levando o evangelho à raça mista dos samaritanos — uma mistura de judeus deixados para trás no tempo do exílio de Israel e de gentios assentados à força na região pela Assíria (2Rs 17.24; ver nota em Lc 10.33; ver também "Os samaritanos", em Jo 8). Alguns manuscritos trazem "a cidade de Samaria" — referência à antiga capital de Samaria, que recebera o novo nome de Sebastes —, em vez de "uma cidade na Samaria".
8.9 Na literatura cristã primitiva, esse "mágico" (Simão, o mago) é descrito como o principal herege da Igreja e "pai" do ensino gnóstico (ver "Os gnósticos e seus escritos sagrados", em 1Jo 4). Ver nota sobre os "magos" em Mt 2.1.
8.14 A igreja de Jerusalém assumiu a responsabilidade de inspecionar novas campanhas evangelísticas e as comunidades de cristãos por elas produzidas (ver 11.22).
8.16 Ver "Batismo no mundo antigo", em Mt 3.
8.17 Sobre a frase "lhes impuseram as mãos", ver nota em 6.6.
8.25 Sobre os "povoados samaritanos", ver nota em Lc 10.33; ver também "Os samaritanos", em Jo 8.
8.26 Sobre "anjo do Senhor", ver "Anjos e espíritos guardiões na Bíblia e no antigo Oriente Médio", em Zc 1.
De Jerusalém a Gaza, a distância era de cerca de 80 quilômetros.
8.27 A Etiópia correspondia nesse período à Núbia, desde a região do alto Nilo, na primeira catarata (Assuã), até Cartum.

encarregado de todos os tesouros de Candace, rainha dos etíopes. Esse homem viera a Jerusalém para
8.29 [e]At 10.19; 11.12; 13.2; 20.23; 21.11 adorar a Deus e,[d] 28 de volta para casa, sentado em sua carruagem, lia o livro do profeta Isaías. 29 E o
Espírito disse[e] a Filipe: "Aproxime-se dessa carruagem e acompanhe-a".
30 Então Filipe correu para a carruagem, ouviu o homem lendo o profeta Isaías e lhe perguntou:
"O senhor entende o que está lendo?"
31 Ele respondeu: "Como posso entender se alguém não me explicar?" Assim, convidou Filipe para
subir e sentar-se ao seu lado.
32 O eunuco estava lendo esta passagem da Escritura:

"Ele foi levado como ovelha para o matadouro,
e, como cordeiro mudo
diante do tosquiador,
ele não abriu a sua boca.
8.33 [f]Is 53.7,8 33 Em sua humilhação foi privado de justiça.
Quem pode falar dos seus descendentes?
Pois a sua vida foi tirada da terra"[a,f]

[d] **8.32,33** Is 53.7,8.

Sobre a função do "eunuco", ver "O eunuco" em Is 56.
"Candace" era o título tradicional da rainha-mãe da Etiópia (assim como "faraó" era o título designado aos reis egípcios e "césar" aos imperadores romanos), responsável pelo cumprimento dos deveres seculares do monarca reinante — considerado sublime demais para atividades dessa categoria. O eunuco veio a Jerusalém para adorar.
Se o etíope não era prosélito no sentido pleno da palavra, era um gentio temente a Deus (ver notas em Jo 12.20; At 10.2; cf. "convertidos" na nota de At 2.11; ver também "Os prosélitos no judaísmo do segundo templo", em At 6).
8.30 Era costume fazer-se a leitura em voz audível.



NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

A expansão geográfica da Igreja sob perseguição

ATOS 8 A expansão do cristianismo foi um resultado direto — se não antecipado — da perseguição. No mesmo dia em que Estêvão se tornou o primeiro mártir cristão, uma cruel perseguição irrompeu em Jerusalém. Os cristãos que deixaram a cidade foram dispersos por toda a Judeia e **Samaria**[1] e proclamavam o evangelho onde quer que se estabelecessem (8.1-4).

Filipe dirigiu-se para o norte e chegou a uma cidade não identificada da região de Samaria, que muitos especialistas acreditam ter sido a antiga cidade de Samaria (1Rs 20.1), depois chamada Sebaste. Outros entendem que seja Sicar, visitada por Jesus, de acordo com registrado em João 4, ou ainda Gita.

De qualquer modo, o empenho evangelístico de Filipe resultou em tantos convertidos que Pedro e João foram juntar-se a ele. Quando mais tarde retornaram a Jerusalém, os apóstolos seguiram o exemplo de Filipe, pregando nas vilas samaritanas ao longo do caminho (At 8.25).[2] Filipe foi, então, enviado para o sul de Jerusalém, aos arredores da antiga cidade filisteia de Gaza, na qual teve seu encontro com o eunuco etíope (v. 26-39). No mundo greco-romano, a Etiópia era considerada a região civilizada do extremo sul, de modo que esse incidente pode ter dado aos cristãos primitivos uma visão antecipada da promessa de que a mensagem chegaria "aos confins da terra" (1.8).

O capítulo 8 encerra mostrando Filipe mais ao norte da costa mediterrânea, pregando de Azoto a Cesareia, na qual ele por fim se estabeleceu (21.8).[3] Suas viagens o levariam a Lida e Jope, provavelmente as "cidades" em que pregou (8.40). Parece que Pedro mais uma vez seguiu o caminho de Filipe, ao parar para pregar em Lida e Jope e a Cornélio, em Cesareia (9.32—10.48).

O cristianismo também se espalhou na direção do Oriente, até Damasco. Saulo se dirigia para lá quando aconteceu sua dramática conversão (9.1-6).[4] Em 11.19-26, Lucas acrescenta informações a respeito da dispersão dos cristãos de Jerusalém: alguns discípulos aventuraram-se pelo norte da Galileia até a região da **Fenícia** e ainda mais adiante, até a cidade de Antioquia,[5] enquanto outros viajaram na direção do Ocidente, até a ilha de Chipre. No final do livro de Atos, Paulo chega a Roma, a capital do mundo conhecido da época. Foi de cidade em cidade que as boas-novas se espalharam por todo o Império Romano, chegando às províncias mais longínquas, como a África e a Europa.

[1]Ver "Onri e Samaria", em 1Rs 16. [2]Ver "Os samaritanos", em Jo 8. [3]Ver "A Cesareia marítima", em At 10. [4]Ver "Damasco", em Is 17. [5]Ver "Antioquia da Síria, o centro do cristianismo", em Gl 2.

34 O eunuco perguntou a Filipe: "Diga-me, por favor: de quem o profeta está falando? De si próprio ou de outro?" 35 Então Filipe, começando[g] com aquela passagem da Escritura,[h] anunciou-lhe as boas-novas de Jesus.

36 Prosseguindo pela estrada, chegaram a um lugar onde havia água. O eunuco disse: "Olhe, aqui há água. Que me impede de ser batizado?"[i] 37 Disse Filipe: "Você pode, se crê de todo o coração". O eunuco respondeu: "Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus".[a] 38 Assim, deu ordem para parar a carruagem. Então Filipe e o eunuco desceram à água, e Filipe o batizou. 39 Quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou Filipe repentinamente;[j] o eunuco não o viu mais e, cheio de alegria, seguiu o seu caminho. 40 Filipe, porém, apareceu em Azoto e, indo para Cesareia,[k] pregava o evangelho em todas as cidades[l] pelas quais passava.

8.35 [g]Mt 5.2; [h]Lc 24.27; At 17.2; 18.28; 28.23
8.36 [i]At 10.47
8.39 [j]1Rs 18.12; 2Rs 2.16; Ez 3.12,14; 8.3; 11.1,24; 43.5; 2Co 12.2
8.40 [k]At 10.1,24; 12.19; 21.8,16; 23.23,33; 25.1,4,6,13; [l]v. 25

A Conversão de Saulo

9 Enquanto isso, Saulo ainda respirava ameaças de morte contra os discípulos do Senhor.[m] Dirigindo-se ao sumo sacerdote, 2 pediu-lhe cartas para as sinagogas de Damasco, de maneira que, caso encontrasse ali homens ou mulheres que pertencessem ao Caminho,[n] pudesse levá-los presos para Jerusalém. 3 Em sua viagem, quando se aproximava de Damasco, de repente brilhou ao seu redor uma luz vinda do céu.[o] 4 Ele caiu por terra e ouviu uma voz que lhe dizia: "Saulo, Saulo, por que você me persegue?"

5 Saulo perguntou: "Quem és tu, Senhor?"

Ele respondeu: "Eu sou Jesus, a quem você persegue. 6 Levante-se, entre na cidade; alguém dirá o que você deve fazer".[p]

7 Os homens que viajavam com Saulo pararam emudecidos; ouviam a voz,[q] mas não viam ninguém.[r] 8 Saulo levantou-se do chão e, abrindo os olhos, não conseguia ver nada. E os homens o levaram pela mão até Damasco. 9 Por três dias ele esteve cego, não comeu nem bebeu.

10 Em Damasco havia um discípulo chamado Ananias. O Senhor o chamou numa visão:[s] "Ananias!"

"Eis-me aqui, Senhor", respondeu ele.

11 O Senhor lhe disse: "Vá à casa de Judas, na rua chamada Direita, e pergunte por um homem de Tarso[t] chamado Saulo. Ele está orando; 12 numa visão viu um homem chamado Ananias chegar e impor-lhe as mãos[u] para que voltasse a ver".

13 Respondeu Ananias: "Senhor, tenho ouvido muita coisa a respeito desse homem e de todo o mal que ele tem feito aos teus santos[v] em Jerusalém.[w] 14 Ele chegou aqui com autorização dos chefes dos sacerdotes[x] para prender todos os que invocam o teu nome".

15 Mas o Senhor disse a Ananias: "Vá! Este homem é meu instrumento[y] escolhido para levar o meu nome perante os gentios[z] e seus reis,[a] e perante o povo de Israel. 16 Mostrarei a ele quanto deve sofrer pelo meu nome".[b]

17 Então Ananias foi, entrou na casa, pôs as mãos sobre[c] Saulo e disse: "Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que apareceu no caminho por onde você vinha, enviou-me para que você volte a ver e seja cheio do Espírito Santo". 18 Imediatamente, algo como escamas caiu dos olhos de Saulo e ele passou a ver novamente. Levantando-se, foi batizado 19 e, depois de comer, recuperou as forças.

9.1 [m]At 8.3
9.2 [n]At 19.9,23; 22.4; 24.14,22
9.3 [o]1Co 15.8
9.6 [p]v. 16
9.7 [q]Jo 12.29; [r]Dn 10.7; At 22.9
9.10 [s]At 10.3, 17,19
9.11 [t]v. 30; At 21.39; 22.3
9.12 [u]Mc 5.23
9.13 [v]v. 32; Rm 1.7; 16.2,15; [w]At 8.3
9.14 [x]v. 2,21
9.15 [y]At 13.2; Rm 1.1; Gl 1.15; [z]Rm 11.13; 15.15,16; Gl 2.7,8; Ef 3.7,8; [a]At 25.22,23; 26.1
9.16 [b]At 20.23; 21.11; 2Co 11.23-27
9.17 [c]At 6.6
9.19 [d]At 11.26; [e]At 26.20

[a] **8.37** Muitos manuscritos antigos não trazem o versículo 37.

8.36 Havia vários lugares possíveis na qual o eunuco pode ter sido batizado: um ribeiro no vale de Elá (que Davi atravessou para enfrentar Golias, 1Sm 17.40); o uádi el-Hasi, imediatamente ao norte de Gaza; as águas de uma fonte ou de um dos muitos açudes da região.

8.40 Azoto, a Asdode do AT (ver 1Sm 5.1), era uma das cinco cidades principais da Filístia e distava uns 31 quilômetros de Gaza e 97 quilômetros de Cesareia.

Cesareia, situada 48 quilômetros ao norte de Jope, foi reedificada por Herodes. Seu porto era excelente e servia de quartel-general para os governadores romanos (ver "A Cesareia marítima", em At 10).

9.1 Saulo nasceu em Tarso (ver nota em 22.3) e recebeu sua instrução de Gamaliel (ver "Gamaliel, o professor de Paulo", em At 22). Não sabemos se Saulo estava diretamente envolvido na morte de outra pessoa além de Estêvão (8.1), mas parece ter havido casos semelhantes (ver "Primeiras perseguições à Igreja", em Ap 17).

O sumo sacerdote é provavelmente Caifás (ver nota em Mt 26.3).

9.2 Damasco, localizada na província romana da Síria, era o centro de uma vasta rede de comércio operada por caravanas amplamente distribuídas, alcançando o norte da Síria, a Mesopotâmia, a Anatólia, a Pérsia e a Arábia. A cidade estava situada numa planície irrigada por dois rios. A arquitetura romana cobria a planície da cidade helenística com um grande templo dedicado a Júpiter e uma rua chamada Direita (cf. v. 11 e nota), de 1,6 quilômetro de comprimento e cheia de pórticos. Os portões da cidade e parte da muralha ainda podem ser vistas, assim como o longo bazar que acompanha a linha da antiga rua. Damasco, que também tinha uma grande população judaica, era a cidade importante mais próxima da Terra Santa. A distância de Jerusalém a Damasco era de 240 quilômetros, aproximadamente, o equivalente a uma viagem de quatro a seis dias. Damasco é uma das cidades mais antigas e continuamente ocupadas no mundo. Hoje em dia, ainda próspera, a capital da Síria, é lar de 1,7 milhões de pessoas.

O Caminho, como nome primitivo para o cristianismo, ocorre diversas vezes em Atos.

Os prisioneiros eram levados para Jerusalém, em que a plena autoridade do Sinédrio podia ser exercida num julgamento que definiria a absolvição ou a pena de morte.

9.5 Na tradição rabínica, uma voz do céu, conforme relatada aqui, seria considerada a voz do próprio Deus.

9.11 A rua Direita provavelmente seguia o mesmo percurso da via longa e reta que hoje corta a cidade de leste a oeste (ver nota no v. 2), em nítido contraste com as numerosas ruas tortas da cidade. De fato, na Antiguidade, esse nome era dado a qualquer rota que se estendesse num curso reto através de uma cidade.

Para mais informações sobre Tarso, ver nota em 22.3.

9.15 "Seus reis" são o rei Agripa (26.1) e César, em Roma (25.11,12; 28.19).

9.18 A palavra grega *lepis*, que significa "casca", "casca de floco", é usada aqui para descrever a recuperação de Saulo de sua cegueira temporária.

NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

Sinagogas antigas

ATOS 9 A evidência arqueológica mais antiga das sinagogas deriva de inscrições gregas descobertas no Egito, datadas do século III a.C., embora a sinagoga, como instituição, data de um período muito mais antigo. Fontes literárias e **epigráficas** empregam vários termos para essas estruturas, indicando que suas funções eram variadas. O termo grego *proseuche*, às vezes empregado, significa literalmente "(um lugar de) oração" e confirma a sinagoga como um local de adoração e oração comunitária, como se vê no NT (At 16.13,16). O termo posterior, *synagoge*, que com o tempo se tornou dominante, significa "um lugar de assembleia" e sugere uma variação de funções coletivas, mais particularmente a leitura pública, a explicação e o estudo das Escrituras.

A inscrição de Teódoto, encontrada nas escavações de Jerusalém em 1913/1914, descreve as funções essenciais de uma sinagoga do primeiro século. Essa inscrição-dedicatória grega menciona Teódoto, filho e neto de sacerdote e chefe da sinagoga (cf. Mc 5.35; Lc 13.14; At 18.8,17), que construiu a sinagoga "para a leitura da *Torá* e o ensino dos mandamentos". O texto também faz referência aos quartos de hóspedes e as acomodações para os forasteiros.

As sinagogas antigas eram lugares de encontro das comunidades judaicas locais. A sinagoga exerceu um papel complementar ao do templo, proporcionando um tributo aos serviços locais da Palavra e da oração, bem como um fórum para assembleias, estudo, hospitalidade e até mesmo tribunais religiosos comunitários. As sinagogas são mencionadas numa ampla variedade de obras literárias judaicas.

✣ De acordo com as fontes **talmúdicas**, havia em torno de 480 sinagogas em Jerusalém antes da destruição do templo. Flávio Josefo (*Contra Ápio*, 2.17) considerava a leitura pública e o aprendizado da *Torá* o elemento essencial do serviço semanal da sinagoga, prática que ele entendia ter sido ordenada por Moisés.

✣ De igual modo, Filo faz referência à sinagoga como escolas nas quais a filosofia ancestral era ensinada (*Vida de Moisés*, 2.39).

✣ O NT corrobora com essa visão geral (At 15.21) e também apresenta vários exemplos de leitura e ensino da Escritura em sinagogas por Jesus (Mt 4.23; 9.35; Mc 1.21; Lc 4.16-21; Jo 6.59; 18.20), por Paulo (At 9.20; 17.10; 19.8) e outros líderes (13.5; 14.1).

✣ De acordo com as fontes rabínicas, o serviço da sinagoga incluía a recitação do *Shema* e suas bênçãos (i.e., Nm 15.37-41; Dt 6.4-9; 11.13-21), a *Amidah*, ou Oração das Dezoito Bênçãos, a leitura da porção semanal da *Torá*, uma leitura dos Profetas, uma explicação ou tradução das Escrituras e a bênção sacerdotal. Os frequentadores sentavam-se de acordo com a idade e a posição social (cf. Mt 23.6; Lc 20.46), e toda a congregação era orientada a respeito do Lugar Santíssimo, em Jerusalém (cf. 1Rs 8.48).

As sinagogas eram em geral construídas em áreas próximas de rios e outros acúmulos de água, de modo que fosse possível o banho ritual exigido daqueles que participavam do serviço (cf. At 16.13).[1] Os estilos arquitetônicos das sinagogas antigas variavam consideravelmente. Na verdade, as reuniões das sinagogas mais antigas podem ter sido realizadas em grandes casas particulares. Os prédios de sinagoga apareceram como edifícios separados cerca de um século após a destruição do templo de Jerusalém em 70 d.C.[2]

A construção era comumente direcionada para Jerusalém, talvez refletindo a prática de orar voltado para a cidade sagrada (cf. 1Rs 8.44-48; Dn 6.10). A arca da *Torá* (a caixa que continha a Lei) era o mais importante referencial visível da sinagoga, comunicando a santidade que fluía do templo de Jerusalém. As sinagogas são diferenciadas arqueologicamente pela presença de símbolos religiosos judaicos, como a menorá (candelabro), o *shofar* (chifre de carneiro)[3] e um nicho para a *Torá*. Num estágio posterior de desenvolvimento, durante os períodos romano e **bizantino** tardios, cenas bíblicas e até mesmo personagens eram retratadas em elaborados mosaicos de pedra. De modo surpreendente, até mesmo símbolos astrológicos aparecem em alguns mosaicos. Exemplos formidáveis desses mosaicos foram descobertos em escavações nas sinagogas de Beth Alpha, Gerasa, Hamate e Dura-Europos.[4]

[1]Ver "Batismo no mundo antigo", em Mt 3. [2]Ver "Josefo e a queda de Jerusalém", em Mt 24. [3]Ver "O *shofar*", em Sl 98. [4]Ver também "A sinagoga de Cafarnaum", em Mt 17.



A "cadeira de Moisés", da sinagoga de Corazim

Preserving Bible Times; © dr. James C. Martin; usado com permissão do Museu de Israel

Saulo em Damasco e em Jerusalém

Saulo passou vários dias com os discípulos[d] em Damasco.[e] 20 Logo começou a pregar nas sinagogas[f] que Jesus é o Filho de Deus.[g] 21 Todos os que o ouviam ficavam perplexos e perguntavam: "Não é ele o homem que procurava destruir em Jerusalém aqueles que invocam este nome?[h] E não veio para cá justamente para levá-los presos aos chefes dos sacerdotes?"[i] 22 Todavia, Saulo se fortalecia cada vez mais e confundia os judeus que viviam em Damasco, demonstrando que Jesus é o Cristo.[j]

23 Decorridos muitos dias, os judeus decidiram de comum acordo matá-lo, 24 mas Saulo ficou sabendo do plano[k] deles. Dia e noite eles vigiavam as portas da cidade a fim de matá-lo. 25 Mas os seus discípulos o levaram de noite e o fizeram descer num cesto, através de uma abertura na muralha.[l]

26 Quando chegou a Jerusalém,[m] tentou reunir-se aos discípulos, mas todos estavam com medo dele, não acreditando que fosse realmente um discípulo. 27 Então Barnabé[n] o levou aos apóstolos e lhes contou como, no caminho, Saulo vira o Senhor, que lhe falara,[o] e como em Damasco ele havia pregado corajosamente em nome de Jesus.[p] 28 Assim, Saulo ficou com eles e andava com liberdade em Jerusalém, pregando corajosamente em nome do Senhor. 29 Falava e discutia com os judeus de fala grega,[q] mas estes tentavam matá-lo.[r] 30 Sabendo disso,[s] os irmãos o levaram para Cesareia[t] e o enviaram para Tarso.[u]

31 A igreja passava por um período de paz em toda a Judeia, Galileia e Samaria.[v] Ela se edificava e, encorajada pelo Espírito Santo, crescia em número, vivendo no temor do Senhor.

Eneias e Dorcas

32 Viajando por toda parte, Pedro foi visitar os santos[w] que viviam em Lida. 33 Ali encontrou um paralítico chamado Eneias, que estava acamado fazia oito anos. 34 Disse-lhe Pedro: "Eneias, Jesus Cristo vai curá-lo![x] Levante-se e arrume a sua cama". Ele se levantou imediatamente. 35 Todos os que viviam em Lida e Sarona[y] o viram e se converteram ao Senhor.[z]

36 Em Jope[a] havia uma discípula chamada Tabita, que em grego é Dorcas[a], que se dedicava a praticar boas obras[b] e dar esmolas. 37 Naqueles dias ela ficou doente e morreu, e seu corpo foi lavado e colocado num quarto do andar superior.[c] 38 Lida ficava perto de Jope, e, quando os discípulos[d] ouviram falar que Pedro estava em Lida, mandaram-lhe dois homens dizer-lhe: "Não se demore em vir até nós".

39 Pedro foi com eles e, quando chegou, foi levado para o quarto do andar superior. Todas as viúvas[e] o rodearam, chorando e mostrando-lhe os vestidos e outras roupas que Dorcas tinha feito quando ainda estava com elas.

40 Pedro mandou que todos saíssem do quarto;[f] depois, ajoelhou-se[g] e orou. Voltando-se para a mulher morta, disse: "Tabita, levante-se". Ela abriu os olhos e, vendo Pedro, sentou-se. 41 Tomando-a pela mão, ajudou-a a pôr-se em pé. Então, chamando os santos e as viúvas, apresentou-a viva. 42 Este fato se tornou conhecido em toda a cidade de Jope, e muitos creram no Senhor. 43 Pedro ficou em Jope durante algum tempo, com um curtidor de couro chamado Simão.[h]

[a] **9.36** Tanto *Tabita* (aramaico) como *Dorcas* (grego) significam *gazela.*

9.20 [f]At 13.5,14; [g]Mt 4.3
9.21 [h]At 8.3; [i]Gl 1.13,23
9.22 [j]At 18.5,28
9.24 [k]At 20.3,19
9.25 [l]1Sm 19.12; 2Co 11.32,33
9.26 [m]At 22.17; 26.20; Gl 1.17,18
9.27 [n]At 4.36; [o]v. 3-6; [p]v. 20,22
9.29 [q]At 6.1; [r]2Co 11.26
9.30 [s]At 1.16; [t]At 8.40; [u]v. 11
9.31 [v]At 8.1
9.32 [w]v. 13
9.34 [x]At 3.6,16; 4.10
9.35 [y]1Cr 5.16; 27.29; Is 33.9; 35.2; 65.10; [z]At 2.41
9.36 [a]Js 19.46; 2Cr 2.16; Ed 3.7; Jo 1.3; At 10.5; [b]1Tm 2.10; Tt 3.8
9.37 [c]At 1.13
9.38 [d]At 11.26
9.39 [e]At 6.1
9.40 [f]Mt 9.25; [g]Lc 22.41; At 7.60
9.43 [h]At 10.6

9.20 Saulo adotou o costume de pregar nas sinagogas em cada oportunidade que se apresentava (ver notas em Mc 1.21; Lc 21.12; ver também "Sinagogas antigas", em At 9; e "Sacerdócio judaico e vida religiosa no século I d.C.", em Lc 18).

9.23 É possível que a maior parte desses "muitos dias" (na verdade, um período de três anos; Gl 1.17,18) tenha se passado na Arábia, longe de Damasco, embora as fronteiras da Arábia se estendessem até os arredores de Damasco. Quando Paulo retornou a Damasco, o governador, que representava Aretas (ver "Aretas IV de Nabateia e Petra", em 2Co 11) ordenou sua prisão. A ausência de moedas romanas cunhadas em Damasco entre 34 e 62 d.C. talvez demonstre que Aretas detinha o controle durante esse período.

9.25 Para informação sobre as muralhas da cidade, ver "A cidade antiga", em At 12; sobre o "cesto", ver nota em Mt 14.20.

9.30 Para mais informações sobre Cesareia, ver nota em 8.40; sobre Tarso, ver nota em 22.3.

9.31 *A "igreja" não são as várias congregações individuais, mas o conjunto* total de cristãos, inclusive os cristãos dos distritos da Judeia, Galileia e Samaria.

9.32 A cidade de Lida estava situada 3 a 5 quilômetros ao norte da estrada entre Jope e Jerusalém e a 19 quilômetros de Jope (ver nota no v. 36).

9.35 A planície fértil de Sarona acompanha o litoral mediterrâneo por cerca de 80 quilômetros, de Jope a Cesareia. A referência aqui, no entanto, parece ser a uma aldeia na vizinhança de Lida, não a um distrito (um papiro egípcio menciona uma cidade com esse nome situada na Terra Santa).

9.36 Jope, situada a quase 60 quilômetros de Jerusalém, era o principal porto marítimo da Judeia (ver "Jope", em Jn 1). Hoje é chamada Jafa, comunidade residencial de Tel-Aviv.

9.37 O corpo foi lavado como preparação para o sepultamento, costume que os judeus e os gregos tinham em comum. Se houvesse atraso no sepultamento, o costume era colocar o corpo num quarto do andar superior. Em Jerusalém, o corpo devia ser sepultado no mesmo dia em que a pessoa morresse, mas fora de Jerusalém permitia-se um período de até três dias para o sepultamento (ver "Práticas judaicas relativas ao sepultamento", em Lc 9).

9.38 Para mais informações sobre Lida, ver nota no versículo 32; sobre *Jope, ver nota no versículo 36.*

9.43 O cargo era muitas vezes citado com o nome da pessoa para melhor identificá-la, mas nesse caso é de relevância especial. O curtidor de couro tratava peles de animais mortos e estava sempre em contato com a impureza, de acordo com a Lei mosaica. Por isso, era desprezado por muitos.

O Centurião Cornélio

10.1 [i]At 8.40

10 Havia em Cesareia[i] um homem chamado Cornélio, centurião do regimento conhecido como
10.2 [j]v. 22,35; At 13.16,26 Italiano. 2 Ele e toda a sua família eram religiosos e tementes[a] a Deus;[j] dava muitas esmolas
10.3 [k]At 3.1; [l]At 9.10; [m]At 5.19 ao povo e orava continuamente a Deus. 3 Certo dia, por volta das três horas da tarde[b],[k] ele teve uma visão.[l] Viu claramente um anjo[m] de Deus que se aproximava dele e dizia: "Cornélio!"

10.4 [n]Mt 26.13; [o]Ap 8.4 4 Atemorizado, Cornélio olhou para ele e perguntou: "Que é, Senhor?"

O anjo respondeu: "Suas orações e esmolas subiram como oferta memorial[n] diante de Deus.[o]
10.5 [p]At 9.36 5 Agora, mande alguns homens a Jope[p] para trazerem um certo Simão, também conhecido como
10.6 [q]At 9.43 Pedro, 6 que está hospedado na casa de Simão,[q] o curtidor de couro, que fica perto do mar".

7 Depois que o anjo que lhe falou se foi, Cornélio chamou dois dos seus servos e um soldado
10.8 [r]At 9.36 religioso dentre os seus auxiliares 8 e, contando-lhes tudo o que tinha acontecido, enviou-os a Jope.[r]

A Visão de Pedro

10.9 [s]Mt 24.17 9 No dia seguinte, por volta do meio-dia[c], enquanto eles viajavam e se aproximavam da cidade,
10.10 [t]At 22.17 Pedro subiu ao terraço[s] para orar. 10 Tendo fome, queria comer; enquanto a refeição estava sendo preparada, caiu em êxtase.[t] 11 Viu o céu aberto e algo semelhante a um grande lençol que descia à terra, preso pelas quatro pontas, 12 contendo toda espécie de quadrúpedes, bem como de répteis da terra e aves do céu. 13 Então uma voz lhe disse: "Levante-se, Pedro; mate e coma".

10.14 [u]At 9.5; [v]Lv 11.4-8,13-20; 20.25; Dt 14.3-20; Ez 4.14 14 Mas Pedro respondeu: "De modo nenhum, Senhor![u] Jamais comi algo impuro ou imundo!"[v]

15 A voz lhe falou segunda vez: "Não chame impuro ao que Deus purificou".[w]

10.15 [w]Mt 15.11; Rm 14.14,17,20; 1Co 10.25; 1Tm 4.3,4; Tt 1.15 16 Isso aconteceu três vezes, e em seguida o lençol foi recolhido ao céu.

10.17 [x]v. 7,8 17 Enquanto Pedro estava refletindo no significado da visão, os homens enviados por Cornélio[x] descobriram onde era a casa de Simão e chegaram à porta. 18 Chamando, perguntaram se ali estava hospedado Simão, conhecido como Pedro.

10.19 [y]At 8.29 19 Enquanto Pedro ainda estava pensando na visão, o Espírito lhe disse:[y] "Simão, três homens estão
10.20 [z]At 15.7-9 procurando por você. 20 Portanto, levante-se e desça. Não hesite em ir com eles, pois eu os enviei".[z]

21 Pedro desceu e disse aos homens: "Eu sou quem vocês estão procurando. Por que motivo vieram?"

10.22 [a]v. 2; [b]At 11.14 22 Os homens responderam: "Viemos da parte do centurião Cornélio. Ele é um homem justo e
temente[d] a Deus,[a] respeitado por todo o povo judeu. Um santo anjo lhe disse que o chamasse à sua
10.23 [c]At 1.16; [d]v. 45; At 11.12 casa, para que ele ouça o que você tem para dizer".[b] 23 Pedro os convidou a entrar e os hospedou.

Pedro na Casa de Cornélio

10.24 [e]At 8.40 No dia seguinte Pedro partiu com eles, e alguns dos irmãos[c] de Jope o acompanharam.[d] 24 No
outro dia chegaram a Cesareia.[e] Cornélio os esperava com seus parentes e amigos mais íntimos que tinha convidado. 25 Quando Pedro ia entrando na casa, Cornélio dirigiu-se a ele e prostrou-se aos seus
10.26 [f]At 14.15; Ap 19.10 pés, adorando-o. 26 Mas Pedro o fez levantar-se, dizendo: "Levante-se, eu sou homem como você".[f]

10.28 [g]Jo 4.9; 18.28; At 11.3; [h]At 15.8,9 27 Conversando com ele, Pedro entrou e encontrou ali reunidas muitas pessoas 28 e lhes disse: "Vocês sabem muito bem que é contra a nossa lei um judeu associar-se a um gentio ou mesmo visitá-lo.[g] Mas Deus me mostrou que eu não deveria chamar impuro ou imundo a homem nenhum.[h] 29 Por isso, quando fui procurado, vim sem qualquer objeção. Posso perguntar por que vocês me mandaram buscar?"

[a] **10.2** Isto é, simpatizantes do judaísmo.
[b] **10.3** Grego: *da hora nona*; também no versículo 30.
[c] **10.9** Grego: *da hora sexta*.
[d] **10.22** Isto é, simpatizante do judaísmo.

10.1 Para mais informações sobre Cesareia, ver nota em 8.40.
O centurião comandava uma centúria, unidade militar que no período do NT, em geral, era formada por 80 homens (ver nota em Mt 8.5). A legião romana (cerca de 6 mil homens) geralmente era composta por 60 centúrias, uma cavalaria e auxiliares. A legião era dividida em dez companhias ou regimentos, cada regimento composto por seis centúrias. Os centuriões eram selecionados com muito critério, por isso todos os que são mencionados no NT parecem ter caráter nobre. Os centuriões romanos davam a estabilidade necessária a todo o sistema romano.
"Itália" (aqui designada regimento Italiano) é o termo geográfico para o país que tinha Roma como capital. Originariamente, aplicava-se apenas ao extremo sul do que hoje corresponde à região chamada Calábria na Itália, mas aos poucos a aplicação do nome foi estendida, até que no século I d.C. começou a ser usada no sentido atual. O nome é mencionado outras três vezes no NT: 18.2; 27.1; Hb 13.24.

10.2 Os "tementes" eram gentios que criam em Deus, frequentavam a sinagoga e respeitavam os ensinamentos éticos e morais dos judeus, mas que não adotavam alguns dos costumes judaicos, como o rito da circuncisão (ver nota em Jo 12.20; cf. "convertidos" na nota de At 2.11; ver também "Os prosélitos no judaísmo do segundo templo", em At 6; e "Circuncisão no mundo antigo", em Rm 3).
10.3 Cornélio teve essa visão "por volta das três horas da tarde" — horário tradicional de oração entre os judeus, a hora do incenso da tarde (ver nota em 3.1).
10.5,6 Para mais informações sobre Jope, ver nota em 9.36.
10.6 Sobre a profissão de curtidor, ver nota em 9.43
10.9 Sobre o "terraço", ver notas em Mc 2.4; Lc 17.31.
10.15 Sobre o tema da impureza no AT e no NT, ver nota em Ct 5.3.
10.23 Ao oferecer-lhes alojamento, Pedro já estava dando o primeiro passo na direção da aceitação dos gentios. Um relacionamento tão íntimo com os gentios era contrário às práticas preceituadas pelo judaísmo.



SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

A CESAREIA MARÍTIMA

ATOS 10 A Cesareia marítima (também chamada Cesareia Augusta), localizada perto do sítio arqueológico da moderna Tel-Aviv, deve ser diferenciada da Cesareia de Filipe, localizada ao norte do mar da Galileia.[1] A Cesareia marítima foi construída por Herodes, o Grande, de 22 a 10 a.C.[2] Projetada para ser uma das maiores cidades do Império Romano, foi renomeada por causa de sua beleza. A cidade ostentava um templo dedicado a César Augusto, um grande hipódromo, um teatro (com uma inscrição que menciona Pôncio Pilatos),[3] grandes armazéns à beira-mar e um sistema de esgoto. Cinco estradas principais levavam à cidade. Seu porto, Sebastos, era uma maravilha da engenharia e incluía quebra-mares artificiais e recursos que minimizavam o acúmulo de lodo e o estrago causado pelas ondas. A entrada dos barcos no porto dava-se através de uma passagem ladeada por gigantescas estátuas da família imperial. A arqueologia subaquática foi realizada na região do porto por um projeto de escavação posto em prática na década de 1980.

Paulo sempre viajava pelo caminho do porto de Cesareia (At 9.30; 18.22; 21.8; 27.2) e foi detido ali pelo Pretório de Herodes nos últimos dois anos de governo do procurador Antônio Félix (ca. 58-59 d.C.).[4] Cesareia, quartel-general romano para as províncias, mantinha ali uma grande guarnição. Vespasiano e Tito usaram a cidade como base de operações do exército romano durante a guerra contra os judeus, de 66 a 72 d.C.[5]



Seção do aqueduto romano, na Cesareia marítima
Cortesia do © dr. Gary Pratico

Cristãos e judeus estabeleceram escolas de educação superior nessa cidade. Entre os estudiosos cristãos que se estabeleceram ali estão Orígenes, Pânfilo e Eusébio, historiador da Igreja. Várias ruínas do período **bizantino** tardio, das Cruzadas e do domínio muçulmano também foram escavadas ali.

[1]Ver "A Cesareia de Filipe", em Mt 16. [2]Ver "Herodes, o Grande", em Mc 3. [3]Ver "Pôncio Pilatos", em Lc 23. [4]Ver "Prisão no mundo romano: na prisão *versus* prisão domiciliar", em At 26. [5]Ver "O exército romano e a ocupação da Terra Santa", em At 27.



O teatro romano de Cesareia
Cortesia do © dr. Gary Pratico

30 Cornélio respondeu: "Há quatro dias eu estava em minha casa orando a esta hora, às três horas
da tarde. De repente, apresentou-se diante de mim um homem com roupas resplandecentes 31 que
disse: 'Cornélio, Deus ouviu sua oração e lembrou-se de suas esmolas. 32 Mande buscar em Jope a
Simão, chamado Pedro. Ele está hospedado na casa de Simão, o curtidor de couro, que mora perto do
mar'. 33 Assim, mandei buscar-te imediatamente, e foi bom que tenhas vindo. Agora estamos todos
aqui na presença de Deus, para ouvir tudo que o Senhor te mandou dizer-nos".

34 Então Pedro começou a falar: "Agora percebo verdadeiramente que Deus não trata as pessoas
com parcialidade,[i] 35 mas de todas as nações aceita todo aquele que o teme e faz o que é justo.[j] 36 Vocês
conhecem a mensagem enviada por Deus ao povo de Israel, que fala das boas-novas[k] de paz[l] por meio
de Jesus Cristo, Senhor de todos.[m] 37 Sabem o que aconteceu em toda a Judeia, começando na Gali-
leia, depois do batismo que João pregou, 38 como Deus ungiu[n] Jesus de Nazaré com o Espírito Santo
e poder, e como ele andou por toda parte fazendo o bem e curando[o] todos os oprimidos pelo Diabo,
porque Deus estava com ele.[p]

39 "Nós somos testemunhas[q] de tudo o que ele fez na terra dos judeus e em Jerusalém, onde o
mataram, suspendendo-o num madeiro.[r] 40 Deus, porém, o ressuscitou[s] no terceiro dia e fez que ele
fosse visto, 41 não por todo o povo,[t] mas por testemunhas que designara de antemão, por nós que
comemos[u] e bebemos com ele depois que ressuscitou dos mortos. 42 Ele nos mandou pregar ao povo[v]
e testemunhar que foi a ele que Deus constituiu juiz de vivos e de mortos.[w] 43 Todos os profetas dão
testemunho dele,[x] de que todo[y] o que nele crê recebe o perdão dos pecados mediante o seu nome".

44 Enquanto Pedro ainda estava falando estas palavras, o Espírito Santo desceu[z] sobre todos os que
ouviam a mensagem. 45 Os judeus convertidos que vieram com Pedro[a] ficaram admirados de que o
dom do Espírito Santo fosse derramado[b] até sobre os gentios,[c] 46 pois os ouviam falando em línguas[ad]
e exaltando a Deus.

A seguir Pedro disse: 47 "Pode alguém negar a água, impedindo que estes sejam batizados?[e] Eles
receberam o Espírito Santo como nós!"[f] 48 Então ordenou que fossem batizados em nome de Jesus
Cristo.[g] Depois pediram a Pedro que ficasse com eles alguns dias.

Pedro Explica-se perante a Igreja

11 Os apóstolos e os irmãos[h] de toda a Judeia ouviram falar que os gentios também haviam recebido a
palavra de Deus. 2 Assim, quando Pedro subiu a Jerusalém, os que eram do partido dos circuncisos[i]
o criticavam, dizendo: 3 "Você entrou na casa de homens incircuncisos e comeu com eles".[j]

4 Pedro, então, começou a explicar-lhes exatamente como tudo havia acontecido: 5 "Eu estava na
cidade de Jope, orando; caindo em êxtase, tive uma visão.[k] Vi algo parecido com um grande lençol
sendo baixado do céu, preso pelas quatro pontas, e que vinha até o lugar onde eu estava. 6 Olhei para
dentro dele e notei que havia ali quadrúpedes da terra, animais selvagens, répteis e aves do céu. 7 Então
ouvi uma voz que me dizia: 'Levante-se, Pedro; mate e coma'.

8 "Eu respondi: De modo nenhum, Senhor! Nunca entrou em minha boca algo impuro ou imundo.
9 "A voz falou do céu segunda vez: 'Não chame impuro ao que Deus purificou'.[l] 10 Isso aconteceu
três vezes, e então tudo foi recolhido ao céu.

11 "Na mesma hora chegaram à casa em que eu estava hospedado três homens que me haviam
sido enviados de Cesareia. 12 O Espírito me disse[m] que não hesitasse em ir com eles.[n] Estes seis irmãos
também foram comigo, e entramos na casa de um certo homem. 13 Ele nos contou como um anjo lhe
tinha aparecido em sua casa e dissera: 'Mande buscar, em Jope, Simão, chamado Pedro. 14 Ele trará
uma mensagem por meio da qual serão salvos você e todos os da sua casa'.[o]

15 "Quando comecei a falar, o Espírito Santo desceu[p] sobre eles como sobre nós no princípio.[q]
16 Então me lembrei do que o Senhor tinha dito: 'João batizou com[b] água, mas vocês serão batizados

[a] **10.46** Ou *em outros idiomas.*
[b] **11.16** Ou *em.*

10.34 [i]Dt 10.17; 2Cr 19.7; Jó 34.19; Rm 2.11; Gl 2.6; Ef 6.9; Cl 3.25; 1Pe 1.17
10.35 [j]At 15.9
10.36 [k]At 13.32; Lc 2.14; [l]Mt 28.18; Rm 10.12
10.38 [n]At 4.26; [o]Mt 4.23; [p]Jo 3.2
10.39 [q]Lc 24.48; [r]At 5.30
10.40 [s]At 2.24
10.41 [t]Jo 14.17,22; [u]Lc 24.43; Jo 21.13
10.42 [v]Mt 28.19, 20; [w]Jo 5.22; At 17.31; Rm 14.9; 2Co 5.10; 2Tm 4.1; 1Pe 4.5
10.43 [x]Is 53.11; [y]At 15.9
10.44 [z]At 8.15,16; 11.15; 15.8
10.45 [a]v. 23; [b]At 2.33,38; [c]At 11.18
10.46 [d]Mc 16.17
10.47 [e]At 8.36; [f]At 11.17
10.48 [g]At 2.38; 8.16

11.1 [h]At 1.16
11.2 [i]At 10.45
11.3 [j]At 10.25,28; Gl 2.12
11.5 [k]At 9.10; 10.9-32
11.9 [l]At 10.15
11.12 [m]At 8.29; [n]At 15.9; Rm 3.22
11.14 [o]Jo 4.53; At 16.15,31-34; 18.8; 1Co 1.11,16
11.15 [p]At 10.44; [q]At 2.4
11.16 [r]Mc 1.8; At 1.5

10.30 Os judeus contavam parte de um dia como um dia inteiro.
"Um homem com roupas resplandecentes" era uma expressão comum para descrever um anjo que aparecia na forma de homem (ver Mt 28.3; Mc 16.5; Jo 20.12; ver também "Anjos e espíritos guardiões na Bíblia e no antigo Oriente Médio", em Zc 1).
10.46 Ver "O falar em línguas no culto cristão e no culto pagão", em 1Co 12.
11.1 Às vezes, o termo "irmãos" é usado para designar os que tinham linhagem judaica em comum (2.29; 7.2), mas no contexto cristão denota os que foram unidos em Cristo (6.3; 10.23).
11.2 O "partido dos circuncisos" são os cristãos judeus.
11.3 Os "homens incircuncisos" são os gentios, que não observam as leis dos alimentos puros e impuros e violam os regulamentos judaicos no tocante ao preparo dos alimentos.
11.5 Para mais informações sobre Jope, ver nota em 9.36.
11.14 A "casa" não é apenas a família, mas também os escravos empregados sob a autoridade de Cornélio.

com o Espírito Santo'.[r] 17 Se, pois, Deus lhes deu o mesmo dom que nos tinha dado[s] quando cremos no Senhor Jesus Cristo, quem era eu para pensar em opor-me a Deus?"

18 Ouvindo isso, não apresentaram mais objeções e louvaram a Deus, dizendo: "Então, Deus concedeu arrependimento para a vida até mesmo aos gentios!"[t]

A Igreja em Antioquia

19 Os que tinham sido dispersos por causa da perseguição desencadeada com a morte de Estêvão[u] chegaram até a Fenícia, Chipre e Antioquia,[v] anunciando a mensagem apenas aos judeus. 20 Alguns deles, todavia, cipriotas[w] e cireneus,[x] foram a Antioquia e começaram a falar também aos gregos, contando-lhes as boas-novas a respeito do Senhor Jesus. 21 A mão do Senhor estava com eles,[y] e muitos creram e se converteram ao Senhor.[z]

22 Notícias desse fato chegaram aos ouvidos da igreja em Jerusalém, e eles enviaram Barnabé[a] a Antioquia. 23 Este, ali chegando e vendo a graça de Deus,[b] ficou alegre e os animou a permanecer fiéis ao Senhor, de todo o coração.[c] 24 Ele era um homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé; e muitas pessoas foram acrescentadas ao Senhor.[d]

25 Então Barnabé foi a Tarso[e] procurar Saulo 26 e, quando o encontrou, levou-o para Antioquia. Assim, durante um ano inteiro Barnabé e Saulo se reuniram com a igreja e ensinaram a muitos. Em Antioquia, os discípulos[f] foram pela primeira vez chamados cristãos.[g]

11.17 [s]At 10.45,47

11.18 [t]Rm 10.12, 13; 2Co 7.10

11.19 [u]At 8.1,4; [v]v. 26,27; At 13.1; 18.22; Gl 2.11

11.20 [w]At 4.36; [x]Mt 27.32

11.21 [y]Lc 1.66; [z]At 2.47

11.22 [a]At 4.36

11.23 [b]At 13.43; 14.26; 20.24; [c]At 14.22

11.24 [d]v. 21; At 5.14

11.25 [e]At 9.11

11.26 [f]At 6.1,2; 13.52; [g]At 26.28

11.19 A Fenícia era um país com 24 quilômetros de largura e 193 quilômetros de extensão, estendendo-se ao longo do litoral nordeste do Mediterrâneo (atual Líbano). Suas principais cidades eram Tiro e Sidom (ver nota em Mt 15.21; Mc 7.31; ver também "Fenícia", em 1Rs 5).
Chipre é uma ilha situada na parte oriental do Mediterrâneo. Os judeus se haviam estabelecido ali desde o período dos macabeus. Também foi o lar de Barnabé (ver nota em At 13.1,2).
Antioquia — que não deve ser confundida com Antioquia da Pisídia (ver nota em 13.14) — era a terceira cidade do Império Romano (depois de Roma e Alexandria). Estava afastada do litoral 24 quilômetros, no canto nordeste do Mediterrâneo. Implantou-se ali a primeira igreja constituída na maior parte por gentios, e foi ela o ponto de partida das três viagens missionárias de Paulo (ver "Antioquia da Síria, o centro do cristianismo", em Gl 2).
11.20 Para mais informações sobre Chipre, ver nota no versículo 19. Cirene era a capital de um distrito da Líbia (região a oeste do Egito) chamada Cirenaica. A arqueologia tem mostrado que o plano dos gregos era fazer de Cirene a "Atenas da África". As mais interessantes ruínas ali são um grande sistema de tumbas cortadas na rocha sólida de um penhasco. Arquitetura e pinturas adornam essas tumbas.
11.22 Antioquia nesse ver é a da Síria (ver nota no v. 19).
O envio de Barnabé (ver nota em 13.1,2), ao que parece, fazia parte de uma política da igreja de Jerusalém de enviar líderes para verificar os novos ministérios dos quais iam tomando conhecimento (ver 8.14 e nota).
11.25 Para mais informações sobre Tarso, ver nota em 22.3.
11.26 O termo "cristão" foi provavelmente aplicado aos discípulos de Antioquia da Síria (ver nota no v. 19) pela população não cristã da cidade, possivelmente como um rótulo depreciativo, que significa "pequenos cristos" ou "pertencentes a Cristo". "Cristo" é a palavra grega para Messias — um redentor que a maioria dos judeus ainda aguardava.



POVOS, TERRAS E GOVERNANTES ANTIGOS

Cláudio, imperador de Roma

ATOS 11 Cláudio, que foi imperador romano de 41 a 54 d.C., era um governante eficaz, cujo estilo de administração foi se tornando menos despótico e mais burocrático. Ele expandiu o império e melhorou as estradas e os aquedutos da Itália e das províncias. Os escritores clássicos relatam, no entanto, que o reinado de Cláudio foi marcado pelo sofrimento e pela escassez devido às colheitas escassas e outras causas.[1]

Logo no início de seu reinado, Cláudio emitiu alguns éditos que favoreciam os judeus, invertendo a política de Calígula (At 37—41) e permitiam que eles observassem suas leis e seus costumes em qualquer parte do império. Cláudio fez escolhas infelizes, no entanto, ao designar procuradores sobre a Judeia, e a situação ali continuou a se deteriorar.[2] Os judeus de Roma não estavam autorizados a se reunir por causa de seu grande número. Mais tarde, por volta do ano 50, ele expulsou os judeus de Roma (18.2). O historiador Suetônio (ca. 70-130) relatou esse acontecimento (*Cláudio*, 25.4), que é historicamente significativo por sua conexão com o surgimento do cristianismo.[3] Para a Igreja nascente, o reinado de Cláudio permitiu um desenvolvimento relativamente tranquilo, em contraste com o tumultuado reinado de seu sucessor, o infame Nero, que reinou entre 54 e 68.[4]

[1]Ver "Fome no antigo Oriente Médio", em Gn 42. [2]Ver "A história da Terra Santa" na página xxiii, no início desta Bíblia. [3]Ver "Fontes extrabíblicas acerca do Jesus histórico", em Jo 15; e "A expansão geográfica da igreja sob perseguição", em At 8. [4]Ver "Nero, o perseguidor dos cristãos", em Fp 4; e "Primeiras perseguições à Igreja", em Ap 17.

27 Naqueles dias alguns profetas[h] desceram de Jerusalém para Antioquia. 28 Um deles, Ágabo,[i] levantou-se e pelo Espírito predisse que uma grande fome sobreviria a todo o mundo romano,[j] o que aconteceu durante o reinado de Cláudio.[k] 29 Os discípulos,[l] cada um segundo as suas possibilidades, decidiram providenciar ajuda[m] para os irmãos[n] que viviam na Judeia. 30 E o fizeram, enviando suas ofertas aos presbíteros[o] pelas mãos de Barnabé e Saulo.[p]

Pedro é Milagrosamente Libertado da Prisão

12 Nessa ocasião, o rei Herodes prendeu alguns que pertenciam à igreja, com a intenção de maltratá-los, 2 e mandou matar à espada Tiago, irmão de João.[q] 3 Vendo que isso agradava aos judeus,[r] prosseguiu, prendendo também Pedro durante a festa dos pães sem fermento.[s] 4 Tendo-o prendido, lançou-o no cárcere, entregando-o para ser guardado por quatro escoltas de quatro soldados cada uma. Herodes pretendia submetê-lo a julgamento público depois da Páscoa.

5 Pedro, então, ficou detido na prisão, mas a igreja orava intensamente a Deus por ele.[t]

6 Na noite anterior ao dia em que Herodes iria submetê-lo a julgamento, Pedro estava dormindo entre dois soldados, preso com duas algemas,[u] e sentinelas montavam guarda à entrada do cárcere. 7 Repentinamente apareceu um anjo[v] do Senhor, e uma luz brilhou na cela. Ele tocou no lado de Pedro e o acordou. "Depressa, levante-se!", disse ele. Então as algemas caíram dos punhos de Pedro.[w]

8 O anjo lhe disse: "Vista-se e calce as sandálias". E Pedro assim fez. Disse-lhe ainda o anjo: "Ponha a capa e siga-me". 9 E, saindo, Pedro o seguiu, não sabendo que era real o que se fazia por meio do anjo; tudo lhe parecia uma visão.[x] 10 Passaram a primeira e a segunda guarda, e chegaram ao portão de ferro que dava para a cidade. Este se abriu por si mesmo para eles,[y] e passaram. Tendo saído, caminharam ao longo de uma rua e, de repente, o anjo o deixou.

11 Então Pedro caiu em si[z] e disse: "Agora sei, sem nenhuma dúvida, que o Senhor enviou o seu anjo e me libertou[a] das mãos de Herodes e de tudo o que o povo judeu esperava".

12 Percebendo isso, ele se dirigiu à casa de Maria, mãe de João, também chamado Marcos,[b] onde muita gente se havia reunido e estava orando.[c] 13 Pedro bateu à porta do alpendre, e uma serva chamada Rode veio atender.[d] 14 Ao reconhecer a voz de Pedro, tomada de alegria,[e] ela correu de volta, sem abrir a porta, e exclamou: "Pedro está à porta!"

15 Eles porém lhe disseram: "Você está fora de si!" Insistindo ela em afirmar que era Pedro, disseram-lhe: "Deve ser o anjo dele".[f]

16 Mas Pedro continuou batendo e, quando abriram a porta e o viram, ficaram perplexos. 17 Mas ele, fazendo-lhes sinal para que se calassem,[g] descreveu como o Senhor o havia tirado da prisão e disse: "Contem isso a Tiago[h] e aos irmãos".[i] Então saiu e foi para outro lugar.

18 De manhã, não foi pequeno o alvoroço entre os soldados quanto ao que tinha acontecido a Pedro. 19 Fazendo uma busca completa e não o encontrando, Herodes fez uma investigação entre os guardas e ordenou que fossem executados.[j]

11.28 Ver "Fome no antigo Oriente Médio", em Gn 42; ver também nota em Rt 1.1. De acordo com Flávio Josefo, uma severa fome aconteceu em Judá (afetando Jerusalém) em 46 d.C.
Cláudio foi imperador de Roma (ver "Cláudio, imperador de Roma", em At 11) de 41 a 54 d.C.

11.30 Primeira referência aos presbíteros em Atos (ver também notas em 1Tm 3.1-7; 5.17). Como os apóstolos não são mencionados, por certo estavam ausentes de Jerusalém na ocasião.

12.1 O "rei Herodes" é Agripa I, neto de Herodes, o Grande, e filho de Aristóbulo. Era sobrinho de Herodes Antipas, que decapitara João Batista (Mt 14.3-12) e interrogara a Jesus (Lc 23.8-12). Quando Antipas foi exilado, Agripa recebeu a tetrarquia que ele governava e também as de Filipe e Lisânias (ver Lc 3.1 e nota). Em 41 d.C., Judeia e Samaria foram anexadas aos seus domínios (ver "Os sucessores de Herodes e as conturbadas relações entre Roma e os judeus", em Mc 4).
Sobre o verbo "maltratar", ver "Primeiras perseguições à Igreja", em Ap 17.

12.2 Tiago era irmão do apóstolo João e filho de Zebedeu (Mt 4.21). Esse fato ocorreu cerca de dez anos após a morte e ressurreição de Jesus. "Matar à espada" implica ser decapitado, como João Batista.

12.3 Sobre a festa dos pães sem fermento, ver notas em Mt 26.17; Mc 14.1.

12.4 "Quatro escoltas de quatro" significa um pelotão de quatro soldados para cada uma das quatro vigílias da noite (ver nota em Mt 14.25). A Páscoa, aqui, indica a semana inteira da festa (ver nota em Mt 26.17).

12.7 Sobre "anjo do Senhor", ver "Anjos e espíritos guardiões na Bíblia e no antigo Oriente Médio", em Zc 1.

12.8 Sobre "roupas e sandálias", ver "Vestuário e moda no mundo greco-romano", em Tg 3.

12.9 A prisão é provavelmente a fortaleza Antônia, localizada no canto noroeste do templo, no qual Paulo foi mantido mais tarde (ver 21.34; ver também "O templo de Herodes", em Mc 11; "A cidade antiga", em At 12; "Prisão no mundo romano: na prisão *versus* prisão domiciliar", em At 26).

12.12 Maria era tia de Barnabé (ver Cl 4.10; ver também nota em At 13.1,2). Parece que a casa dela era local de reunião dos cristãos, talvez o mesmo endereço do cenáculo, no qual foi realizada a Última Ceia (ver Mc 14.13-15; At 1.13; ver também "A 'sala no andar superior' [cenáculo]", em Mc 14) e do lugar de oração de 4.31.

12.17 Tiago era irmão de Jesus (ver nota em Lc 8.19; ver também "A família de José, Maria e Jesus", em Mt 12).

NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

A cidade antiga

ATOS 12 As cidades antigas variam bastante em tamanho, estrutura e aparência. Existiam os modelos da cidade "ideal", como os do arquiteto grego Hipódamo, mas a realidade era determinada pela topografia — a disponibilidade de recursos naturais, especialmente água, necessidade de provisões para proteção, comércio e observância religiosa.

As paredes externas de uma cidade eram projetadas para proteger seus habitantes de ataque. A pedra era o material escolhido, embora também fossem usados a madeira (que era vulnerável ao fogo) e os tijolos de barro. As cidades importantes do NT empregavam grandes blocos cortados (pedra de cantaria) na edificação de suas paredes. Eram fortificações impressionantes por sua espessura e altura, mas durante o período greco-romano poucas eram feitas de rocha sólida. As faces internas e externas eram de rocha, mas uma lacuna entre elas era preenchida com entulhos, especialmente terra. Somado à circunferência, isso proporcionava uma parede mais resistente ao bombardeio, já que a camada intermediária absorvia o choque. É comum serem encontrados muros de cidades entre 5 e 7 metros de espessura e mais ainda de altura. As torres fortificadas eram dispostas a intervalos regulares ao longo das muralhas, dando aos guardas a capacidade de monitorá-las e defendê-las de armas de guerra.

Uma segunda muralha era construída em volta da cidadela (gr. *acropolis*), o ponto mais alto da cidade e a última linha de defesa contra um ataque. Flávio Josefo relata que Herodes, o Grande (37-4 a.C.)[1] expandiu e fortaleceu as muralhas de Jerusalém. Parte desse projeto foi a construção da torre de Davi, na cidadela. Estando 19 metros acima do nível do chão e medindo 22 por 15,5 metros, era um monumento à força das defesas de Jerusalém. Em 35 a.C., Herodes também construiu a impressionante fortaleza Antônia, o quartel-general das tropas romanas e talvez uma prisão (o provável local em que Pedro foi encarcerado),[2] ao lado do monte do Templo.

O mercado, localizado ao longo da estrada principal, para maximizar o fluxo de visitantes e mercadorias, era o centro social e comercial da cidade. Conhecido pelos gregos como ágora e pelos romanos como fórum, era caracterizado pelo burburinho das discussões dos mercadores, dos animais presos e das crianças brincando.[3] Durante o período **helenístico**, os gregos cercavam o mercado com *stoas* (colunas ao ar livre com telhados). A ágora inferior, de Pérgamo, construída durante o reinado de Eumenes II (197-49 a.C.), é um excelente exemplo. Cercada por *stoas* de dois andares, ostentava dois corredores que se abriam para o interior do mercado. Eles eram deixados livres para o tráfego de pedestres, enquanto as lojas menores ocupavam a parte de trás dos corredores, permitindo que os consumidores fugissem do sol implacável. Uma cisterna num edifício próximo alimentava a fonte do pátio central da ágora por um sistema de canos de argila subterrâneos.



Cariátide do período romano (figura feminina que serve de coluna arquitetônica)
Preserving Bible Times; © dr. James C. Martin; usado com permissão do Museu Arqueológico de Istambul

O mercado era também o lugar em que se erigiam os monumentos aos heróis e divindades locais e ponto de encontro informal de moradores e visitantes. Especialmente nas cidades portuárias, era o local de debates sobre ideias religiosas e filosóficas. Esse era o cenário de Atos 17, quando Paulo reuniu os atenienses para uma discussão na ágora deles, arrazoando com epicuristas, estoicos e quaisquer outros que estivessem por ali.[4] O debate que se seguiu com o Conselho do Areópago teria acontecido na colina de Marte, entre a ágora e a Acrópole.[5]

No mundo antigo, acreditava-se que cada cidade tinha uma divindade protetora principal, responsável pelo seu bem-estar, e era costume honrar essa divindade com um templo na cidadela. Por exemplo, o templo a Atena Pártenos (o Partenon) foi construído entre 447 e 432 a.C. em honra da deusa patrona de Atenas. Nas religiões politeístas da Antiguidade, entretanto, em que a dedicação a uma única divindade era considerada indesejável, templos a múltiplos deuses eram a regra. Atena, por isso, compartilhava a Acrópole com santuários a Poseidon, ao rei mítico Erecteu e a Nike (Vitória). Roma ostentava uma variedade similar de templos: a Roma, Vênus, Diana, Apolo, Júpiter, Marte e outras divindades menores e imperadores divinizados.[6] Havia também um templo dedicado a todos os deuses, o Panteão.[7] Isso destaca o caráter único da paisagem de Jerusalém, com seu templo solitário ao único Deus verdadeiro.

[1]Ver "Herodes, o Grande", em Mc 3. [2]Ver "Prisão no mundo romano: na prisão *versus* prisão domiciliar", em At 26. [3]Ver "A ágora antiga", em At 16. [4]Ver "As escolas filosóficas gregas", em Cl 2. [5]Ver "Debate e retórica no mundo antigo", em At 15; e "O Areópago", em At 17. [6]Ver "O culto imperial", em Mc 12. [7]Ver "Os deuses dos gregos e dos romanos", em Gl 4.

A Morte de Herodes

12.20 [l]Mt 11.21; [m]1Rs 5.9,11; Ez 27.17

Depois Herodes foi da Judeia para Cesareia[k] e permaneceu ali durante algum tempo. 20 Ele estava cheio de ira contra o povo de Tiro e Sidom;[l] contudo, eles haviam se reunido e procuravam ter uma audiência com ele. Tendo conseguido o apoio de Blasto, homem de confiança[a] do rei, pediram paz, porque dependiam das terras do rei para obter alimento.[m]

21 No dia marcado, Herodes, vestindo seus trajes reais, sentou-se em seu trono e fez um discurso
12.23 [n]1Sm 25.38; 2Sm 24.16,17 ao povo. 22 Eles começaram a gritar: "É voz de deus, e não de homem". 23 Visto que Herodes não glorificou a Deus, imediatamente um anjo do Senhor o feriu;[n] e ele morreu comido por vermes.

12.24 [o]At 6.7; 19.20

24 Entretanto, a palavra de Deus continuava a crescer e a espalhar-se.[o]

12.25 [p]At 11.30; [q]At 4.36; [r]v. 12

25 Tendo terminado sua missão,[p] Barnabé[q] e Saulo voltaram de Jerusalém, levando consigo João, também chamado Marcos.[r]

A Missão de Barnabé e Saulo

13.1 [s]At 11.19; [t]At 11.27; [u]At 4.36; 11.22-26; [v]At 14.1

13 Na igreja de Antioquia[s] havia profetas[t] e mestres: Barnabé,[u] Simeão, chamado Níger, Lúcio de Cirene, Manaém, que fora criado com Herodes,[v] o tetrarca[b], e Saulo. 2 Enquanto adoravam o Senhor e jejuavam, disse o Espírito Santo:[w] "Separem-me Barnabé e Saulo para a obra[x] a que os tenho chamado".[y] 3 Assim, depois de jejuar e orar, impuseram-lhes as mãos[z] e os enviaram.[a]

13.2 [w]At 8.29; [x]At 14.26; [y]At 22.21

13.3 [z]At 6.6; [a]At 14.26

Em Chipre

13.4 [b]v. 2,3; [c]At 4.36

4 Enviados pelo Espírito Santo,[b] desceram a Selêucia e dali navegaram para Chipre.[c] 5 Chegando em Salamina, proclamaram a palavra de Deus nas sinagogas judaicas.[d] João[e] estava com eles como auxiliar.

13.5 [d]At 9.20; [e]At 12.12

13.6 [f]At 8.9; [g]Mt 7.15

6 Viajaram por toda a ilha, até que chegaram a Pafos. Ali encontraram um judeu, chamado Barjesus, que praticava magia[f] e era falso profeta.[g] 7 Ele era assessor do procônsul[h] Sérgio Paulo. O procônsul, sendo homem culto, mandou chamar Barnabé e Saulo, porque queria ouvir a palavra de Deus.

13.7 [h]v. 8,12; At 19.38

8 Mas Elimas,[i] o mágico (esse é o significado do seu nome), opôs-se a eles e tentava desviar da fé[j] o procônsul.[k] 9 Então Saulo, também chamado Paulo, cheio do Espírito Santo,[l] olhou firmemente para Elimas e disse: 10 "Filho do Diabo[m] e inimigo de tudo o que é justo! Você está cheio de toda espécie de engano e maldade. Quando é que vai parar de perverter os retos caminhos do Senhor?[n] 11 Saiba agora que a mão do Senhor está contra você,[o] e você ficará cego e incapaz de ver a luz do sol durante algum tempo".

13.8 [i]At 8.9; [j]v. 7; [k]At 6.7

13.9 [l]At 4.8

13.10 [m]Mt 13.38; Jo 8.44; [n]Os 14.9

13.11 [o]Ex 9.3; 1Sm 5.6,7; Sl 32.4

[a] **12.20** Grego: *camareiro.*
[b] **13.1** Um tetrarca era o governador da quarta parte de uma região.

12.20-23 A morte repentina de Agripa é relatada em detalhes por Josefo (*Antiguidades judaicas,* 19.8). No segundo dia de uma festa que acontecia em Cesareia, em honra de Cláudio, Agripa vestiu uma roupa prateada de textura "maravilhosa" e entrou no anfiteatro bem cedo de manhã. Quando os raios do sol brilharam sobre sua roupa, os clarões fizeram que seus bajuladores gritassem que ele era um deus. Josefo conta ainda que "o rei nem os censurou nem rejeitou sua ímpia bajulação". Quase imediatamente, ele sentiu uma dor aguda no abdômen e cinco dias depois morreu em grande agonia.

12.21 Sobre "trono", ver "O tribunal", em 2Co 5.

13.1,2 Barnabé (chamado José em 4.36) era levita de Chipre, conhecido por sua generosidade e bondade (4.36; 11.24), que falou em nome de Paulo aos apóstolos (9.27). A igreja de Jerusalém enviou Barnabé para Antioquia da Síria (11.22; ver nota em 11.19) para liderar a nova igreja ali. Depois, ele levou Paulo para Antioquia a fim de fazê-lo seu cooperador (11.26). Paulo e Barnabé, mais tarde, tiveram um desentendimento a respeito do primo de Barnabé, João Marcos, e os dois se separaram e seguiram caminhos diferentes em suas viagens missionárias — Barnabé e João Marcos para Chipre, Paulo e Silas para a Ásia Menor (15.36-40).

13.3 Sobre a frase "impuseram-lhes as mãos", ver nota em 6.6.

13.4 Era comum a viagem por mar (ver "As viagens no mundo greco-romano", em 1Ts 3), quando alguém se dirigia para Selêucia, o porto marítimo da Antioquia da Síria, 26 quilômetros a oeste e 8 quilômetros rio acima da foz do rio Orontes.

13.5 Salamina era uma cidade no litoral oriental da planície central de Chipre (ver nota em 4.36), perto da atual Famagusta. De acordo com a tradição, foi fundada por Teucro, que era da ilha de mesmo nome, distante da costa da Grécia. A cidade possuía um bom porto e era populosa e próspera durante os períodos helenístico e romano. Nada é dito da duração ou do êxito da visita de Paulo e Barnabé. Paulo não voltou a Salamina, mas Barnabé, sem dúvida, o fez em sua segunda viagem missionária (15.39). De acordo com a tradição, ele foi martirizado durante o reinado de Nero.
João é João Marcos, primo de Barnabé.

13.6 Pafos, quartel-general romano, estava localizada na extremidade oeste de Chipre, a quase 160 quilômetros de Salamina. A Pafos da Bíblia é, na verdade, Nova Pafos, cidade romana reconstruída por Augusto. A antiga cidade grega de Pafos, dedicada à adoração de Afrodite, fica 16 quilômetros ao sul. A Nova Pafos é hoje conhecida como Baffa.
Sobre a arte da magia, ver nota sobre os "magos" em Mt 2.1.

13.7 Chipre (ver nota em 4.36) era uma província senatorial romana, por isso um procônsul lhe foi designado. O procônsul era um oficial romano, geralmente de posição pretoriana ou consular, que servia como cônsul-deputado nas províncias romanas. O mandato para o cargo era de um ano, embora pudesse ser mais longo em casos especiais. Os poderes do procônsul eram ilimitados nas áreas militar e civil, mas quando seu prazo expirava, tinha de prestar contas de seus atos. Sérgio Paulo, famoso convertido de Paulo (ver "Sérgio Paulo, procônsul de Chipre", em At 13), e Gálio (18.12) eram oficiais desse tipo mencionados na Bíblia.

13.8 Elimas é um nome semítico e significa "feiticeiro", "mágico" ou "sábio" (provavelmente designação assumida por ele mesmo; ver nota sobre os "magos" em Mt 2.1).

13.9 Era costume receber-se um nome na infância — no caso, Saulo (hebraico, de ascendência judaica) — e outro posteriormente — no caso, Paulo (romano, de antecedentes helenísticos).

Imediatamente vieram sobre ele névoa e escuridão, e ele, tateando, procurava quem o guiasse pela mão. 12 O procônsul,[p] vendo o que havia acontecido, creu, profundamente impressionado com o ensino do Senhor.

Em Antioquia da Pisídia

13 De Pafos,[q] Paulo e seus companheiros navegaram para Perge, na Panfília. João[r] os deixou ali e voltou para Jerusalém. 14 De Perge prosseguiram até Antioquia da Pisídia.[s] No sábado,[t] entraram na sinagoga[u] e se assentaram. 15 Depois da leitura da Lei[v] e dos Profetas, os chefes da sinagoga lhes mandaram dizer: "Irmãos, se vocês têm uma mensagem de encorajamento para o povo, falem".

16 Pondo-se em pé, Paulo fez sinal com a mão[w] e disse: "Israelitas e gentios tementes[a] a Deus, ouçam-me! 17 O Deus do povo de Israel escolheu nossos antepassados e exaltou o povo durante a sua permanência no Egito; com grande poder os fez sair daquele país[x] 18 e os aturou[b][y] no deserto durante cerca de quarenta anos.[z] 19 Ele destruiu sete nações em Canaã[a] e deu a terra delas como herança ao seu povo.[b] 20 Tudo isso levou cerca de quatrocentos e cinquenta anos.

"Depois disso, ele lhes deu juízes[c] até o tempo do profeta Samuel.[d] 21 Então o povo pediu um rei,[e] e Deus lhes deu Saul,[f] filho de Quis, da tribo de Benjamim,[g] que reinou quarenta anos. 22 Depois de rejeitar Saul,[h] levantou-lhes Davi como rei,[i] sobre quem testemunhou: 'Encontrei Davi, filho de Jessé, homem segundo o meu coração;[j] ele fará tudo o que for da minha vontade'[c].

23 "Da descendência desse homem[k] Deus trouxe a Israel o Salvador[l] Jesus,[m] como prometera.[n] 24 Antes da vinda de Jesus, João pregou um batismo de arrependimento para todo o povo de Israel.[o] 25 Quando estava completando sua carreira,[p] João disse: 'Quem vocês pensam que eu sou? Não sou quem vocês pensam.[q] Mas eis que vem depois de mim aquele cujas sandálias não sou digno nem de desamarrar'.[r]

26 "Irmãos, filhos de Abraão, e gentios tementes a Deus, a nós foi enviada esta mensagem de salvação.[s] 27 O povo de Jerusalém e seus governantes não reconheceram Jesus,[t] mas, ao condená-lo, cumpriram as palavras dos profetas,[u] que são lidas todos os sábados. 28 Mesmo não achando motivo legal para uma sentença de morte, pediram a Pilatos que o mandasse executar.[v] 29 Tendo cumprido tudo o que estava escrito a respeito dele,[w] tiraram-no do madeiro[x] e o colocaram num sepulcro.[y] 30 Mas Deus o ressuscitou dos mortos,[z] 31 e, por muitos dias, foi visto por aqueles que tinham ido com ele da Galileia para Jerusalém.[a] Estes agora são testemunhas[b] de Jesus para o povo.

32 "Nós lhes anunciamos as boas-novas:[c] o que Deus prometeu a nossos antepassados[d] 33 ele cumpriu para nós, seus filhos, ressuscitando Jesus, como está escrito em Salmos 2:

> " 'Tu és meu filho;
> eu hoje te gerei'[d].[e]

34 O fato de que Deus o ressuscitou dos mortos, para que nunca entrasse em decomposição, é declarado nestas palavras:

> " 'Eu dou a vocês as santas e fiéis bênçãos prometidas a Davi'[e].[f]

13.12 [p] v. 7
13.13 [q] v. 6; [r] At 12.12
13.14 [s] At 14.19, 21; [t] At 16.13; [u] At 9.20
13.15 [v] At 15.21
13.16 [w] At 12.17
13.17 [x] Ex 6.6,7; Dt 7.6–8
13.18 [y] Dt 1.31; [z] At 7.36
13.19 [a] Dt 7.1; [b] Js 19.51
13.20 [c] Jz 2.16; [d] 1Sm 3.19,20
13.21 [e] 1Sm 8.5,19; [f] 1Sm 10.1; [g] 1Sm 9.1,2
13.22 [h] 1Sm 15.23, 26; [i] 1Sm 16.13; Sl 89.20; [j] 1Sm 13.14
13.23 [k] Mt 1.1; [l] Lc 2.11; [m] Mt 1.21; [n] v. 32
13.24 [o] Mc 1.4
13.25 [p] At 20.24; [q] Jo 1.20; [r] Mt 3.11; Jo 1.27
13.26 [s] At 4.12
13.27 [t] At 3.17; [u] Lc 24.27
13.28 [v] Mt 27.20-25; At 3.14
13.29 [w] Lc 18.31; [x] At 5.30; [y] Lc 23.53
13.30 [z] Mt 28.6; At 2.24
13.31 [a] Mt 28.16; [b] Lc 24.48
13.32 [c] At 5.42; [d] At 26.6; Rm 4.13
13.33 [e] Sl 2.7
13.34 [f] Is 55.3

[a] **13.16** Isto é, simpatizantes do judaísmo; também no versículo 26.
[b] **13.18** Alguns manuscritos dizem *e cuidou deles.*
[c] **13.22** 1Sm 13.14.
[d] **13.33** Sl 2.7.
[e] **13.34** Is 55.3.

13.13 Perge, capital da Panfília, província litorânea da Ásia Menor entre a Lícia e a Cilícia, situada 8 quilômetros da praia e quase 20 quilômetros a leste de Atália, importante porto marítimo (ver notas em 14.25). Durante o período grego, havia um famoso templo de Ártemis (Diana) nos arredores, o que pode ter sido o motivo pelo qual o cristianismo nunca prosperou ali, diferentemente do que aconteceu em outras cidades da Ásia Menor. Hoje em dia, a cidade é conhecida como Murtana, e as ruínas ainda revelam um imenso teatro, que acomodava cerca de 13 mil pessoas.
13.14 Sobre a Pisídia, ver nota em 14.24.
Antioquia da Pisídia — que não deve ser confundida com Antioquia da Síria (ver nota em 11.19) — foi assim chamada em homenagem a Antíoco, rei da Síria, após a morte de Alexandre, o Grande. Ficava a 177 quilômetros de Perge e ocupava uma posição central entre boas estradas e comércio. A cidade tinha grande população judaica. Era colônia romana, o que significa que um contingente de militares aposentados estava ali estabelecido. Receberam terras gratuitas e eram feitos cidadãos de Roma, com todos os privilégios decorrentes dessa condição (ver "Cidadania romana", em Fp 3).
Era prática regular de Paulo começar a pregação pelas sinagogas, enquanto os judeus o permitissem. A razão para agir assim fundamentava-se em seu modo de entender o plano de Deus para a redenção. Não negligenciava sua missão aos gentios, pois os "tementes a Deus" (ver notas em Jo 12.20; At 10.2; cf. "convertido" na nota em 2.11) faziam parte do público ali presente. Além disso, a sinagoga propiciava uma situação já pronta para a pregação, com edifício, reuniões em horários regulares e plateia conhecedora do AT. Era costume convidar visitantes, sobretudo rabinos (como Paulo), para discursar diante do auditório (ver notas em Mc 1.21; Lc 21.12).
13.15 Após a leitura de trechos do AT (ver "O Antigo Testamento da igreja primitiva", em 2Tm 3), seguiam-se a explicação e uma exortação. Sobre os "chefes da sinagoga", ver notas em Mc 5.22; Lc 8.41.
13.28 Ver "Pôncio Pilatos", em Lc 23.

13.35 gSl 16.10; At 2.27

35 Assim ele diz noutra passagem:

" 'Não permitirás que o teu Santo sofra decomposição'[a].[g]

13.36 hI Rs 2.10; At 2.29

36 "Tendo, pois, Davi servido ao propósito de Deus em sua geração, adormeceu, foi sepultado com os seus antepassados[h] e seu corpo se decompôs. 37 Mas aquele a quem Deus ressuscitou não sofreu decomposição.

13.38 iLc 24.47; At 2.38

13.39 iRm 3.28

38 "Portanto, meus irmãos, quero que saibam que mediante Jesus é proclamado o perdão dos pecados a vocês.[i] 39 Por meio dele, todo aquele que crê é justificado de todas as coisas das quais não podiam ser justificados pela Lei de Moisés.[j] 40 Cuidem para que não aconteça o que disseram os profetas:

13.41 kHc 1.5

41 " 'Olhem, escarnecedores,
admirem-se e pereçam;
pois nos dias de vocês
farei algo em que vocês jamais creriam
se a vocês fosse contado!'[b]"[k]

13.42 v. 14

42 Quando Paulo e Barnabé estavam saindo da sinagoga,[l] o povo os convidou a falar mais a respeito

13.43 mAt 11.23; 14.22

dessas coisas no sábado seguinte. 43 Despedida a congregação, muitos dos judeus e estrangeiros piedosos convertidos ao judaísmo seguiram Paulo e Barnabé. Estes conversavam com eles, recomendando-lhes que continuassem na graça de Deus.[m]

[a] **13.35** Sl 16.10.
[b] **13.41** Hc 1.5.



POVOS, TERRAS E GOVERNANTES ANTIGOS

Sérgio Paulo, procônsul de Chipre

ATOS 13 Sérgio Paulo foi o primeiro convertido de que se tem registro na primeira viagem missionária de Paulo, que aconteceu por volta de 46 d.C. (At 13.6-12).[1] A conversão ocorreu na cidade de Pafos, na ilha de Chipre, na costa da Síria. Paulo e Barnabé aportaram em Salamina, na costa oriental da ilha, e viajaram por terra até Pafos, na costa ocidental — uma jornada de 169 quilômetros, que demorava pelo menos uma semana. Chipre era uma província romana governada pelo procônsul, ou governador, de Pafos.[2] Cícero, numa carta a um certo Sextílio Rufo (ca. 50 a.C.), dá a entender que Pafos era o centro administrativo da ilha.

Normalmente, os romanos tinham três nomes: o *praenomen*, o *nomen* e o *cognomen*. O *praenomen* era o nome pessoal; o *nomen* era o nome da família; o *cognomen* era o nome de uma ramificação particular dentro da família. Assim, no nome Caio Júlio César, Caio era o nome pessoal (*praenomen*), Júlio, o nome da família (*nomen*), e César, o nome da família estendida ou subclã (*cognomen*) dentro da família de Júlio.

O nome Sérgio Paulo contém apenas o *nomen* e o *cognomen*. Qualquer uma das duas inscrições encontradas em Chipre podem estar relacionadas ao Sérgio Paulo citado em Atos 13.7. Uma relata que um homem chamado Paulo foi procônsul por volta do ano 50 d.C. (provavelmente uma data muito tardia para relacionar com a visita de Paulo), enquanto a outra designa Quinto Sérgio Paulo procônsul durante o reinado de Calígula, de 37 a 41 d.C. Além do mais, uma inscrição latina de Roma faz referência a Lúcio Sérgio Paulo, que exercia uma função administrativa durante o reinado de Cláudio, de 41 a 54 d.C.[3]

Essas inscrições demonstram que a família romana Sérgio Paulo era proeminente durante o período de Atos, e é bem possível que um membro dessa família tenha servido como procônsul de Chipre na época da primeira viagem missionária de Paulo.

[1]Ver "Viagens missionárias de Paulo", em At 14. [2]Ver "O governador romano", em At 25. [3]Ver "Cláudio, imperador de Roma", em At 11.

44 No sábado seguinte, quase toda a cidade se reuniu para ouvir a palavra do Senhor. 45 Quando os judeus viram a multidão, ficaram cheios de inveja e, blasfemando,[n] contradiziam o que Paulo estava dizendo.[o]

46 Então Paulo e Barnabé lhes responderam corajosamente: "Era necessário anunciar primeiro a vocês a palavra de Deus;[p] uma vez que a rejeitam e não se julgam dignos da vida eterna, agora nos voltamos para os gentios.[q] 47 Pois assim o Senhor nos ordenou:

" 'Eu fiz de você luz para os gentios,[r]
para que você leve a salvação até aos confins da terra'[a]".[s]

48 Ouvindo isso, os gentios alegraram-se e bendisseram a palavra do Senhor; e creram todos os que haviam sido designados para a vida eterna.

49 A palavra do Senhor se espalhava por toda a região. 50 Mas os judeus incitaram as mulheres religiosas de elevada posição e os principais da cidade. E, provocando perseguição contra Paulo e Barnabé, os expulsaram do seu território.[t] 51 Estes sacudiram o pó dos seus pés[u] em protesto contra eles e foram para Icônio.[v] 52 Os discípulos continuavam cheios de alegria e do Espírito Santo.

13.45 [n]At 18.6; 1Pe 4.4; Jd 10; [o]1Ts 2.16

13.46 [p]v. 26; At 3.26; [q]At 18.6; 22.21; 28.28

13.47 [r]Lc 2.32; [s]Is 49.6

13.50 [t]1Ts 2.16

13.51 [u]Mt 10.14; At 18.6; [v]At 14.1,19,21; 2Tm 3.11

Em Icônio

14 Em Icônio,[w] Paulo e Barnabé, como de costume, foram à sinagoga judaica. Ali falaram de tal modo que veio a crer grande multidão de judeus e gentios. 2 Mas os judeus que se tinham recusado a crer incitaram os gentios e irritaram-lhes o ânimo contra os irmãos. 3 Paulo e Barnabé passaram bastante tempo ali, falando corajosamente[x] do Senhor, que confirmava a mensagem de sua graça realizando sinais e maravilhas pelas mãos deles.[y] 4 O povo da cidade ficou dividido: alguns estavam a favor dos judeus, outros a favor dos apóstolos.[z] 5 Formou-se uma conspiração de gentios e judeus, com os seus líderes, para maltratá-los e apedrejá-los.[a] 6 Quando eles souberam disso, fugiram[b] para as cidades licaônicas de Listra e Derbe, e seus arredores, 7 onde continuaram a pregar[c] as boas-novas.[d]

14.1 [w]At 13.51

14.3 [x]At 4.29; [y]Jo 4.48; Hb 2.4

14.4 [z]At 17.4,5

14.5 [a]v. 19

14.6 [b]Mt 10.23

14.7 [c]At 16.10; [d]v. 15,21

Em Listra e em Derbe

8 Em Listra havia um homem paralítico dos pés, aleijado desde o nascimento,[e] que vivia ali sentado e nunca tinha andado. 9 Ele ouvira Paulo falar. Quando Paulo olhou diretamente para ele e viu que o homem tinha fé para ser curado,[f] 10 disse em alta voz: "Levante-se! Fique em pé!" Com isso, o homem deu um salto e começou a andar.[g]

11 Ao ver o que Paulo fizera, a multidão começou a gritar em língua licaônica: "Os deuses desceram até nós em forma humana!"[h] 12 A Barnabé chamavam Zeus e a Paulo chamavam Hermes, porque era ele quem trazia a palavra. 13 O sacerdote de Zeus, cujo templo ficava diante da cidade, trouxe bois e coroas de flores à porta da cidade, porque ele e a multidão queriam oferecer-lhes sacrifícios.

14 Ouvindo isso, os apóstolos Barnabé e Paulo rasgaram as roupas[i] e correram para o meio da multidão, gritando: 15 "Homens, por que vocês estão fazendo isso? Nós também somos humanos[j]

14.8 [e]At 3.2

14.9 [f]Mt 9.28,29

14.10 [g]At 3.8

14.11 [h]At 8.10; 28.6

14.14 [i]Mc 14.63

14.15 [j]At 10.26; Tg 5.17; [k]v. 7,21; At 13.32; [l]1Sm 12.21; 1Co 8.4; 1Ts 1.9; [m]Mt 16.16; [n]Gn 1.1; Jr 14.22; [o]Sl 146.6; Ap 14.7

[a] **13.47** Is 49.6.

13.45 Ver "Paulo e seus oponentes judeus", em Gl 3.

13.51 Sobre a frase "sacudiram o pó dos seus pés", ver notas em Mt 10.14; Lc 9.5.

No primeiro século, Icônio era uma das principais cidades do sul da província romana da Galácia. Era uma cidade de antiguidade imemorial, situada próximo da extremidade ocidental de uma vasta planície, com montanhas a poucos quilômetros a oeste, de cujas fontes fluía o que fazia dela um verdadeiro oásis. Duas importantes rotas comerciais passavam pela cidade, e ela margeava a estrada que levava a Éfeso e Roma. Sua posição geográfica fez dela a capital natural da Licaônia (ver nota em 14.6). Inscrições arqueológicas encontradas ali em 1910 mostram que a língua frígia foi falada ali durante dois séculos depois da época de Paulo, apesar de que na vizinha Listra os nativos falavam a "língua licaônica" (14.11). Adriano fez da cidade uma colônia romana. Sua história nunca foi interrompida, e hoje ela é conhecida como Konia — ainda o principal centro de comércio na planície licaônica.

14.1 Paulo tornou sua prática costumeira pregar nas sinagogas das cidades pelas quais passava (ver notas em 9.20; 13.14).

14.5 O apedrejamento era um método judaico de execução dos blasfemos (Lv 24.16).

14.6 Licaônia era um distrito a leste da Pisídia (ver nota em 14.24), ao norte da cordilheira do Tauro. Nos primórdios do Império Romano, fazia parte da província romana da Cilícia, mas Trajano a transferiu para a Galácia (a situação nos dias de Paulo). Depois disso, em grande parte, retornou para a Cilícia, sob os ajustes de fronteira de Antônio Pio. Icônio, antiga cidade rica em história, foi sua capital administrativa (ver nota em 13.51). A província, no geral, era retrógrada, e seus habitantes ainda falavam uma língua local durante o século I d.C. Nesse versículo, fica implícito que alguém cruzou a fronteira ao passar de Icônio para Listra. Listra, colônia romana, foi provavelmente a residência de Timóteo (ver 16.1), embora ele também fosse conhecido em Icônio (ver 16.2). Listra distava 32 quilômetros de Icônio e 209 quilômetros de Antioquia. Derbe, distante 97 quilômetros de Listra, foi residência de Gaio (ver 20.4). Era uma cidade limítrofe na parte sudeste da região licaônica de Galácia. Uma inscrição com o nome da cidade foi descoberta 48 quilômetros a leste do que antes se pensava ser o local da cidade.

14.12 Zeus, o deus mais popular da Galácia, era geralmente vinculado a Hermes. A resposta dos habitantes de Listra pode estar calcada na seguinte lenda: Zeus e Hermes visitaram uma vez a região da colina da Frígia, disfarçados de homens comuns. Eles foram rejeitados em mil casas, mas finalmente foram bem recebidos na humilde residência de um casal de idosos. Os deuses transformaram aquela casa num templo e destruíram as casas de todos que os haviam rejeitado.

14.13 O termo grego para "porta da cidade" pode designar as portas do templo, da cidade ou das casas.

14.14 Rasgar as roupas era um modo judaico de expressar grande angústia (ver "Pano de saco e cinzas: rituais de lamentação", em Sl 30).



NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

Viagens missionárias de Paulo

ATOS 14 Apesar de o apóstolo Paulo ter empreendido várias viagens missionárias, tradicionalmente elas são divididas em três viagens principais. Estima-se que a primeira durou de 46 a 48 d.C. O itinerário iniciou em Antioquia da Síria e alongou-se até Chipre e, então, para o sul da Ásia Menor (Turquia), onde Paulo visitou várias cidades antes de retornar a Antioquia da Síria.[1] A segunda viagem, de 49 a 52 d.C., envolveu uma viagem por terra de Antioquia da Síria através do Ásia Menor até Tróas, a noroeste, seguida por uma viagem marítima pelo Egeu até a Grécia, com visitas em Filipos, Tessalônica, Atenas e Corinto.[2] Então, Paulo atravessou o Egeu e chegou a Éfeso (na Ásia Menor) e de lá fez uma longa viagem marítima até a Judeia.[3] A terceira viagem, de 53 a 58 d.C., mais uma vez o levou através da Ásia Menor até a Grécia.

Certos elementos da estratégia e do estilo de Paulo são evidentes em seu trabalho missionário:

✣ Geralmente, Paulo viajava com um companheiro de trabalho. Seus parceiros em várias jornadas foram Barnabé, Silas, Lucas e outros. Ele também se esforçou para treinar jovens cristãos no trabalho missionário, como João Marcos, Timóteo e Apolo.

✣ Paulo sempre se esforçava para falar em termos que fossem compreensíveis a cada público (1Co 9.22), hábito talvez mais bem demonstrado durante sua segunda viagem missionária, na cidade de Atenas, na qual ele profere seu famoso sermão na colina de Marte.[4] Encarando um tribunal educado, ele se dirige ao público usando a lógica e a poesia gregas. Apesar de sua estada em Atenas não ter sido particularmente bem-sucedida, essa estratégia demonstra a grande força do estilo de comunicação do apóstolo.

✣ De tempos em tempos, Paulo se ocupava do ofício de fazer tendas a fim de sustentar suas viagens (At 18.3). Embora acreditasse que o ministro do evangelho é digno de receber salário, não quis se indispor com ninguém nem causar inimizades por causa de apoio financeiro (1Co 9.6).

✣ Paulo tendia a procurar primeiramente uma sinagoga quando chegava a uma cidade para pregar. Esse encontro, geralmente, deparava com forte oposição judaica, compelindo-o a mudar o foco para os gentios. Essa prática começou em Antioquia da Pisídia (At 13.14), na qual Paulo e Barnabé, depois de enfrentar a oposição judaica, anunciaram pela primeira vez que levariam, então, o evangelho aos gentios. Esse padrão foi mais uma vez repetido em Roma, perto do final do ministério de Paulo (28.26-28).

✣ Paulo tinha de lidar com a perseguição tanto por parte soa judeus quanto dos gentios.

O apóstolo enfrentava a oposição de alguns judeus simplesmente por pregar a Jesus e de outros, que acreditavam em Jesus, por não exigir que os gentios se tornassem prosélitos do judaísmo. Os líderes judeus, às vezes, tentavam predispor as autoridades locais contra Paulo, o que causou sua expulsão de Antioquia sob acusação de perturbar a paz (13.50).

Paulo enfrentava oposição dos gentios porque levava os convertidos a abandonar seus deuses tradicionais (ver 19.23-41).

Embora Paulo tenha sido algumas vezes preso e açoitado pelas autoridades romanas, ele invocava sua cidadania romana em momentos estratégicos para favorecer seu ministério.[5]

✣ Paulo demonstrava profundo compromisso com as igrejas que implantou, e seus vínculos emocionais com os novos convertidos eram profundos (2Co 6.4-13). Trabalhava em prol das igrejas nascentes noite e dia (1Ts 2.9) e orava por elas continuamente. Durante suas viagens, Paulo visitava as igrejas, analisando seu crescimento e ministrando a elas. Também escreveu cartas a várias igrejas durante todas as suas viagens missionárias.

[1]Ver "Antioquia da Síria, o centro do cristianismo", em Gl 2. [2]Ver "Filipos", em Fp 1; "Tessalônica", em 1Ts 1; "Atenas", em At 17; "Corinto", em 2Co 1.[3]Ver "Éfeso nos tempos de Paulo", em 2Tm 4. [4]Ver "O Areópago", em At 17. [5]Ver "Prisão no mundo romano: na prisão *versus* prisão domiciliar", em At 26.



A via Inaciana, perto de Filipos
Preserving Bible Times; © dr. James C. Martin

como vocês. Estamos trazendo boas-novas[k] para vocês, dizendo que se afastem dessas coisas vãs[l] e se voltem para o Deus vivo,[m] que fez o céu, a terra,[n] o mar e tudo o que neles há.[o] **16** No passado ele permitiu[p] que todas as nações seguissem os seus próprios caminhos.[q] **17** Contudo, Deus não ficou sem testemunho:[r] mostrou sua bondade, dando-lhes chuva do céu e colheitas no tempo certo,[s] concedendo-lhes sustento com fartura e um coração cheio de alegria". **18** Apesar dessas palavras, eles tiveram dificuldade para impedir que a multidão lhes oferecesse sacrifícios.

19 Então alguns judeus[t] chegaram de Antioquia e de Icônio[u] e mudaram o ânimo das multidões. Apedrejaram Paulo[v] e o arrastaram para fora da cidade, pensando que estivesse morto. **20** Mas, quando os discípulos[w] se ajuntaram em volta de Paulo, ele se levantou e voltou à cidade. No dia seguinte, ele e Barnabé partiram para Derbe.

14.16 [n]At 17.30; [o]Sl 81.12; Mq 4.5
14.17 [r]At 17.27; Rm 1.20; [s]Dt 11.14; Jó 5.10; Sl 65.10

14.19 [t]At 13.45; [u]At 13.51; [v]2Co 11.25; 2Tm 3.11
14.20 [w]v. 22,28; At 11.26

O Retorno para Antioquia da Síria

21 Eles pregaram as boas-novas naquela cidade e fizeram muitos discípulos. Então voltaram para Listra, Icônio[x] e Antioquia, **22** fortalecendo os discípulos e encorajando-os a permanecer na fé,[y] dizendo: "É necessário que passemos por muitas tribulações[z] para entrarmos no Reino de Deus". **23** Paulo e Barnabé designaram-lhes[a] presbíteros[a] em cada igreja; tendo orado e jejuado,[b] eles os encomendaram ao Senhor,[c] em quem haviam confiado. **24** Passando pela Pisídia, chegaram à Panfília **25** e, tendo pregado a palavra em Perge, desceram para Atália.

14.21 [x]At 13.51

14.22 [y]At 11.23; 13.43; [z]Jo 16.33; 1Ts 3.3; 2Tm 3.12
14.23 [a]At 11.30; Tt 1.5; [b]At 13.3; [c]At 20.32

26 De Atália navegaram de volta a Antioquia,[d] onde tinham sido recomendados à graça de Deus[e] para a missão que agora haviam completado.[f] **27** Chegando ali, reuniram a igreja e relataram tudo o que Deus tinha feito por meio deles[g] e como abrira a porta[h] da fé aos gentios. **28** E ficaram ali muito tempo com os discípulos.

14.26 [d]At 11.19; [e]At 15.40; [f]At 13.1,3
14.27 [g]At 15.4,12; 21.19; [h]1Co 16.9; 2Co 2.12; Cl 4.3; Ap 3.8

O Concílio de Jerusalém

15 Alguns homens[i] desceram da Judeia para Antioquia e passaram a ensinar aos irmãos: "Se vocês não forem circuncidados[j] conforme o costume ensinado por Moisés,[k] não poderão ser salvos". **2** Isso levou Paulo e Barnabé a uma grande contenda e discussão com eles. Assim, Paulo e Barnabé foram designados, com outros, para irem a Jerusalém[l] tratar dessa questão com os apóstolos[m] e com os presbíteros. **3** A igreja os enviou e, ao passarem pela Fenícia e por Samaria, contaram como os gentios tinham se convertido;[n] essas notícias alegravam muito a todos os irmãos. **4** Chegando a Jerusalém, foram bem recebidos pela igreja, pelos apóstolos e pelos presbíteros, a quem relataram tudo o que Deus tinha feito por meio deles.[o]

15.1 [i]v. 24; Gl 2.12; [j]v. 5; Gl 5.2,3; [k]At 6.14
15.2 [l]Gl 2.2; [m]At 11.30

15.3 [n]At 14.27

15.4 [o]v. 12; At 14.27

5 Então se levantaram alguns do partido religioso dos fariseus que haviam crido e disseram: "É necessário circuncidá-los e exigir deles que obedeçam à Lei de Moisés".

6 Os apóstolos e os presbíteros se reuniram para considerar essa questão. **7** Depois de muita discussão, Pedro levantou-se e dirigiu-se a eles: "Irmãos, vocês sabem que há muito tempo Deus me escolheu dentre vocês para que os gentios ouvissem de meus lábios a mensagem do evangelho e cressem. **8** Deus, que conhece os corações,[p] demonstrou que os aceitou, dando-lhes o Espírito Santo,[q] como antes nos tinha concedido. **9** Ele não fez distinção alguma entre nós e eles,[r] visto que purificou os seus corações pela fé.[s] **10** Então, por que agora vocês estão querendo tentar a Deus, pondo sobre os discípulos um jugo[t] que nem nós nem nossos antepassados conseguimos suportar? **11** De modo nenhum! Cremos que somos salvos pela graça[u] de nosso Senhor Jesus, assim como eles também".

15.8 [p]At 1.24; [q]At 10.44,47
15.9 [r]At 10.28,34; 11.12; [s]At 10.43
15.10 [t]Mt 23.4; Gl 5.1
15.11 [u]Rm 3.24; Ef 2.5-8

12 Toda a assembleia ficou em silêncio, enquanto ouvia Barnabé e Paulo falando de todos os sinais e maravilhas[v] que, por meio deles, Deus fizera entre os gentios.[w] **13** Quando terminaram de falar, Tiago[x] tomou a palavra e disse: "Irmãos, ouçam-me. **14** Simão nos expôs como Deus, no princípio,

15.12 [v]Jo 4.48 [w]At 14.27
15.13 [x]At 12.17

[a] **14.23** Ou *ordenaram-lhes*; ou ainda *elegeram*.

14.19 Os judeus apedrejaram Paulo dentro da cidade, não no lugar usual de execuções, fora dos muros (ver "Paulo e seus oponentes judeus", em Gl 3).
14.20 Para mais informações sobre Derbe, ver nota no versículo 6.
14.21 "Antioquia" é a Antioquia da Pisídia (ver nota em 13.14).
14.24 A Pisídia era um distrito de 193 quilômetros de extensão e 80 quilômetros de largura, ao norte da Panfília. A região era infestada de bandidos.
A Panfília era um distrito de 129 quilômetros de extensão e 32 quilômetros de largura em sua parte mais larga, localizada no litoral sul da Ásia Menor. Depois de 74 d.C., foi anexada à província romana da Panfília.
14.25 Para mais informações sobre Perge, ver nota em 13.13.
Atália era o melhor porto da costa da Panfília.
14.26 Sobre o verbo "navegar", ver "As viagens no mundo greco-romano", em 1Ts 3.
"Antioquia" é a Antioquia da Síria (ver nota em 11.19).
15.1 Esses "homens" provavelmente eram membros do partido religioso dos fariseus (ver notas de Mt 3.7; Lc 5.17). Eram cristãos (ver At 15.5) e insistiam que, antes de alguém se tornar cristão verdadeiro, devia guardar a Lei mosaica. Para os homens, o teste dessa obediência era a circuncisão. Esses judaizantes (ou legalistas) receberam a oportunidade de explicar seus conceitos, mas não significa que representavam corretamente os apóstolos e presbíteros de Jerusalém.
15.2 Sobre "grande contenda e discussão", ver "Debate e retórica no mundo antigo", em At 15.
15.5 Alguns fariseus (ver notas em Mt 3.7; Lc 5.17) tornaram-se cristãos e trouxeram consigo as crenças judaicas. Acreditavam que os gentios deviam primeiro converter-se ao judaísmo e ser circuncidados (cf. v. 1), pois só assim estariam em condições de receber a salvação pela fé.
15.10 Sobre o "jugo", ver nota em Mt 11.28.

voltou-se para os gentios a fim de reunir dentre as nações um povo para o seu nome. 15 Concordam com isso as palavras dos profetas, conforme está escrito:

16 " 'Depois disso voltarei
e reconstruirei a tenda caída de Davi.
Reedificarei as suas ruínas,
e a restaurarei,
17 para que o restante dos homens busque o Senhor,
e todos os gentios sobre os quais tem sido invocado
o meu nome, diz o Senhor, que faz estas coisas'[ay]
18 conhecidas desde os tempos antigos.[b]

15.17 yAm 9.11,12

19 "Portanto, julgo que não devemos pôr dificuldades aos gentios que estão se convertendo a Deus. 20 Ao contrário, devemos escrever a eles, dizendo-lhes que se abstenham de comida contaminada pelos ídolos,[z] da imoralidade sexual,[a] da carne de animais estrangulados e do sangue.[b] 21 Pois, desde os tempos antigos, Moisés é pregado em todas as cidades, sendo lido nas sinagogas todos os sábados".[c]

15.20 z1Co 8.7-13; 10.14-28; Ap 2.14,20; a1Co 10.7,8 bv. 29; Gn 9.4; Lv 3.17; Dt 12.16,23
15.21 cAt 13.15; 2Co 3.14,15

a **15.16,17** Am 9.11,12.
b **15.18** Alguns manuscritos dizem *Conhecida do Senhor desde os tempos antigos é a sua obra.*

15.19,20 A circuncisão deixou de ser exigida, mas foram feitas quatro estipulações. Tratava-se de questões em que os gentios tinham especial fraqueza, e as violações provocavam forte repulsa por parte dos judeus. A observância dessas exigências seria de grande ajuda para os indivíduos e facilitaria o relacionamento entre gentios e judeus. Compreendiam diretrizes divinas que, segundo acreditavam os judeus, existiam antes da Lei mosaica. Os gentios deveriam abster-se: 1) da comida contaminada pelos ídolos (ver nota em 1Co 8.7); 2) da imoralidade sexual, pecado que os gregos não levavam a sério, também associado a certas festas religiosas pagãs; 3) da carne de animais estrangulados, que, retendo o sangue, não deveria ser comida (ver Gn 9.4); 4) de comer sangue, prática expressamente proibida na Lei mosaica (ver Lv 17.10-12).



NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

Debate e retórica no mundo antigo

ATOS 15 Embora a habilidade de falar persuasivamente sempre tenha sido importante, o estudo formal da retórica talvez remonte ao século V a.C. Por volta de 467 a.C., o tirano Hierão morreu na ilha de Siracusa, iniciando um debate acerca da posse da terra entre os habitantes da ilha. Um homem chamado Córax usou esse debate como oportunidade para oferecer treinamento na arte da contestação e da persuasão no tribunal. Vários habitantes da cidade contrataram Córax como tutor particular, e assim nasceu a prática da retórica sistemática. O método de Córax percorreu o mundo cosmopolita de Atenas,[1] e a retórica logo se tornou uma das mais significativas disciplinas intelectuais.

O grupo mais renomado a abraçar a retórica foram os sofistas. Essa associação de filósofos acreditava que a opinião útil era bem mais significativa que o conhecimento ou a verdade. Eles estabeleceram um sistema educacional que ensinava aos jovens do sexo masculino a "arte" da linguagem e da persuasão. O panorama político ateniense, caracterizado na época por mudanças e muita efervescência, ofereceu aos sofistas a oportunidade de se tornarem bastante prósperos em sua empreitada. Eles se orgulhavam de sua habilidade para debater de qualquer lado de uma argumentação. Esse fato, que demonstrava sua relativa visão de verdade e justiça, somado às taxas exorbitantes cobradas pelo grupo, levaram muitos atenienses a desconfiar os sofistas.

O filósofo grego Platão demonstrava apenas desdém pelos sofistas, acreditando que a força da retórica estava na habilidade de se ater à verdade e comunicá-la na busca da justiça — não em seu poder por si. Entretanto, o mais renomado advogado da retórica sistemática do mundo antigo foi Aristóteles. Ele insistia em que o valor e a verdade tinham de ser parte do processo retórico. Um bom retórico, enfatizava, precisava compreender o argumento tão bem quanto a emoção humana que a cerca, manter um caráter digno, compreender o tipo relevante de expressão da oratória e ser dotado de uma habilidade de persuasão natural. O processo persuasivo, insistia, era completado ao se empregar uma ou mais das três categorias de apelo: *logos* (razão), *pathos* (apelo emocional) e *ethos* (virtude e boa vontade).

Se Paulo estava difundindo o evangelho por meio da palavra falada ou escrita, é óbvio que o apóstolo, em algum nível, empregou o treinamento retórico que provavelmente recebera (2Co 5.11). No entanto, Paulo tinha o cuidado de evitar os jogos de palavras e insistia na confiança no poder de Deus para se conquistar a opinião das pessoas (1Co 2.1,2). Ainda que a retórica sistemática fosse considerada imoral e antiética, é importante apreciar seu valor quando empregada de maneira correta.

[1]Ver "Atenas", em At 17.

A Carta do Concílio aos Cristãos Gentios

22 Então os apóstolos e os presbíteros, com toda a igreja, decidiram escolher alguns dentre eles e enviá-los a Antioquia com Paulo e Barnabé. Escolheram Judas, chamado Barsabás, e Silas,[d] dois líderes entre os irmãos. 23 Com eles enviaram a seguinte carta:

" Os irmãos apóstolos e presbíteros,[a]

aos cristãos gentios que estão em Antioquia,[e] na Síria e na Cilícia:[f]

Saudações.[g]

24 "Soubemos que alguns saíram de nosso meio, sem nossa autorização, e os perturbaram, transtornando a mente de vocês com o que disseram.[h] 25 Assim, concordamos todos em escolher alguns homens e enviá-los a vocês com nossos amados irmãos Paulo e Barnabé, 26 homens que têm arriscado a vida[i] pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo. 27 Portanto, estamos enviando Judas e Silas para confirmarem verbalmente o que estamos escrevendo. 28 Pareceu bem ao Espírito Santo[j] e a nós não impor a vocês nada além das seguintes exigências necessárias: 29 Que se abstenham de comida sacrificada aos ídolos, do sangue, da carne de animais estrangulados e da imoralidade sexual.[k] Vocês farão bem em evitar essas coisas.

"Que tudo lhes vá bem".

30 Uma vez despedidos, os homens desceram para Antioquia, onde reuniram a igreja e entregaram a carta. 31 Os irmãos a leram e se alegraram com a sua animadora mensagem. 32 Judas e Silas, que eram profetas, encorajaram e fortaleceram os irmãos com muitas palavras. 33 Tendo passado algum tempo ali, foram despedidos pelos irmãos com a bênção da paz[l] para voltarem aos que os tinham enviado, 34 mas Silas decidiu ficar.[b] 35 Paulo e Barnabé permaneceram em Antioquia, onde, com muitos outros, ensinavam e pregavam[m] a palavra do Senhor.

O Desentendimento entre Paulo e Barnabé

36 Algum tempo depois, Paulo disse a Barnabé: "Voltemos para visitar os irmãos em todas as cidades[n] onde pregamos a palavra do Senhor, para ver como estão indo". 37 Barnabé queria levar João, também chamado Marcos.[o] 38 Mas Paulo não achava prudente levá-lo, pois ele, abandonando-os[p] na Panfília, não permanecera com eles no trabalho. 39 Tiveram um desentendimento tão sério que se separaram. Barnabé, levando consigo Marcos, navegou para Chipre, 40 mas Paulo escolheu Silas[q] e partiu, encomendado pelos irmãos à graça do Senhor.[r] 41 Passou, então, pela Síria[s] e pela Cilícia,[t] fortalecendo as igrejas.[u]

Timóteo Acompanha Paulo e Silas

16 Chegou a Derbe e depois a Listra,[v] onde vivia um discípulo chamado Timóteo.[w] Sua mãe era uma judia convertida e seu pai era grego. 2 Os irmãos[x] de Listra e Icônio[y] davam bom testemunho dele. 3 Paulo, querendo levá-lo na viagem, circuncidou-o por causa dos judeus que

[a] **15.23** Vários manuscritos dizem *Os apóstolos, os presbíteros e os irmãos.*
[b] **15.34** Muitos manuscritos antigos não trazem o versículo 34.

15.22 [c]v. 27,32,40
15.23 [e]v. 1; [f]v. 41; [g]At 23.25,26; Tg 1.1
15.24 [h]v. 1; Gl 1.7; 5.10
15.26 [i]At 9.23-25; 14.19
15.28 [j]At 5.32
15.29 [k]v. 20; At 21.25
15.33 [l]Mc 5.34; At 16.36; 1Co 16.11
15.35 [m]At 8.4
15.36 [n]At 13.4, 13,14,51; 14.1,6,24,25
15.37 [o]At 12.12
15.38 [p]At 13.13
15.40 [q]v. 22; [r]At 11.23
15.41 [s]v. 23; [t]At 6.9; [u]At 16.5
16.1 [v]At 14.6; [w]At 17.14; 18.5; 19.22; Rm 16.21; 1Co 4.17; 2Co 1.1,19; 1Ts 1.1; 3.2,6; 1Tm 1.2,18; 2Tm 1.2,5,6
16.2 [x]v. 40; [y]At 13.51
16.3 [z]Gl 2.3

15.22 Silas era um dos líderes da igreja de Jerusalém, profeta (v. 32), cidadão romano (16.37,38) e companheiro de Paulo em sua segunda viagem missionária (15.40).

15.23 "Antioquia" é Antioquia da Síria (ver nota em 11.19).
A Cilícia era uma região do sudeste da Ásia Menor, limitada a norte e a oeste pelas montanhas do Tauro e a sul pelo Mediterrâneo. Tinha duas divisões, sendo a primeira a região ocidental, chamada Cilícia Tracheia ("acidentada"), e a oriental, chamada Cilícia Pedias ("plana"). Sua cidade principal era Tarso, a cidade natal de Paulo (21.39; 22.3; 23.34). Seus primeiros habitantes devem ter sido os hititas, embora mais tarde os sírios e os fenícios tenham se estabelecido ali. A região ficou sob o controle persa, mas depois de Alexandre os governantes selêucidas a governaram de Antioquia. A Cilícia tornou-se província romana em 100 a.C. Um de seus governadores foi Cícero, o renomado orador (51-50 a.C.). A região era acessível por terra somente por meio de suas duas famosas passagens entre as montanhas, os portões da Cilícia e os portões da Síria. Os judeus da Cilícia discutiram com Estêvão (6.9), e o evangelho alcançou cedo a região, provavelmente por meio de Paulo (9.30; Gl 1.21). Em sua segunda viagem missionária, Paulo confirmou as igrejas que haviam sido estabelecidas ali (At 15.41) e, em seu caminho para Roma como prisioneiro, navegou pelo mar da Cilícia (27.5).

15.29 Ver nota nos versículos 19,20.

16.1 Para mais informações sobre Derbe e Listra, ver nota em 14.6.
Timóteo devia estar na adolescência nessa ocasião. Seu pai era grego, e sua mãe era uma cristã judia. (Afirmações concernentes à fé de sua mãe, combinadas com o silêncio a respeito da fé de seu pai, sugerem que seu pai não era convertido ao judaísmo nem crente em Cristo.) Embora Timóteo vivesse em Listra (atual Turquia), era bem conhecido em Icônio também (16.2; ver nota em 13.51).
Os gregos e os grecianos devem ser diferenciados. Os gregos, geralmente, eram os de raça helênica (aqui e em 18.4; essa designação provavelmente se aplica também a Jo 12.20), mas o termo deve ser usado também para indicar não judeus, estrangeiros e forasteiros. Os grecianos eram judeus da Dispersão e de fala grega, oriundos de regiões predominantemente gregas (At 6.1).

16.3 Timóteo era circuncidado como questão de expediente, para que seu trabalho entre os judeus fosse mais efetivo. Já o caso de Tito é diferente (ver Gl 2.3): a circuncisão foi recusada porque alguns a estavam exigindo como necessária para a salvação.

viviam naquela região, pois todos sabiam que seu pai era grego.[2] 4 Nas cidades por onde passavam, transmitiam as decisões tomadas pelos apóstolos e presbíteros[a] em Jerusalém,[b] para que fossem obedecidas.[c] 5 Assim as igrejas eram fortalecidas[d] na fé e cresciam em número cada dia.

16.4 [a]At 11.30; [b]At 15.2; [c]At 15.28,29
16.5 [d]At 9.31; 15.41

A Visão de Paulo em Trôade

6 Paulo e seus companheiros viajaram pela região da Frígia[e] e da Galácia,[f] tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de pregar a palavra na província da Ásia.[g] 7 Quando chegaram à fronteira da Mísia, tentaram entrar na Bitínia, mas o Espírito de Jesus[h] os impediu. 8 Então, contornaram a Mísia e desceram a Trôade.[i] 9 Durante a noite Paulo teve uma visão,[j] na qual um homem da Macedônia[k] estava em pé e lhe suplicava: "Passe à Macedônia e ajude-nos". 10 Depois que Paulo teve essa visão, preparamo-nos[l] imediatamente para partir para a Macedônia, concluindo que Deus nos tinha chamado para lhes pregar o evangelho.[m]

16.6 [e]At 18.23; [f]At 18.23; Gl 1.2; 3.1; [g]At 2.9
16.7 [h]Rm 8.9; Gl 4.6
16.8 [i]v. 11; 2Co 2.12; 2Tm 4.13
16.9 [j]At 9.10; [k]At 20.1,3
16.10 [l]v. 10-17; At 20.5-15; 21.1-18; 27.1-28.16; [m]At 14.7

16.6 O distrito da Frígia era antes território helenístico, mas foi dividido entre as províncias romanas da Ásia e da Galácia. Icônio (ver nota em 13.51) e Antioquia da Pisídia (ver nota em 13.14) estavam localizadas na Frígia gálata.
O nome Galácia era usado para representar o reino helenístico, mas em 25 a.C. foi consideravelmente expandido até se tornar a província romana de mesmo nome.
A Ásia antes abrangia uma área menor, mas agora era uma província romana e incluía os distritos helenísticos da Mísia, Lídia, Cária e partes da Frígia.
16.7 Mísia estava localizada na parte noroeste da província da Ásia. Lucas emprega esses nomes helenísticos antigos, mas Paulo preferia os nomes provinciais (romanos).
A Bitínia era uma região na extremidade norte da Ásia Menor, fazendo fronteira com o mar Negro, o Bósforo e o mar de Mármara. A região fora habitada muito cedo, e sua história conhecida remonta a um período anterior ao século VI a.C., quando Creso a tornou parte de seu reino. No século III a.C., um rei da Bitínia convidou os gauleses a se estabelecerem na Ásia, originando, assim, a designação Galácia. Do século XIII d.C. em diante, a região se tornou turca, ou, pelo menos, dominada pelos turcos.
16.8 Trôade estava localizada a 16 quilômetros da antiga Troia. Alexandria Trôade (seu nome integral) era colônia romana, um porto marítimo importante para as conexões entre a Macedônia e a Grécia, de um lado, e a Ásia Menor, do outro. Com o tempo, uma igreja foi iniciada ali, pois Paulo ministrou aos cristãos de Trôade quando retornava de sua terceira viagem missionária, a caminho de Jerusalém (20.5-12).
16.9 A Macedônia tornou-se província romana em 148 a.C.
16.10 O pronome "nós" sugere que Paulo e Lucas se encontraram ou uniram forças em Trôade. Alguns especialistas acreditam que Lucas se juntou ao grupo na condição de médico, por causa da preocupação com a saúde de Paulo (cf. Gl 4.13).



NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

A ágora antiga

ATOS 16 Na Antiguidade, a ágora (mercado) era o centro social, político e administrativo da cidade. Dois mercados são mencionados em Atos. Na colônia romana de Filipos, depois que Paulo expulsou um demônio de uma garota escrava, seus donos arrastaram Paulo e Silas até diante das autoridades, na ágora (16.19). Mais tarde, em Atenas, Paulo debatia diariamente com os filósofos na ágora daquela cidade (17.17,18). Os mercados helênicos eram lugares de encontro para a disseminação de ideias, comércio, adoração e serviço público das autoridades locais.

A antiga ágora ateniense, estabelecida na base e a noroeste da **Acrópole**, era impressionante. Antes do século VI a.C., o espaço era utilizado, em períodos diferentes, como cemitério e área doméstica. No início do século VI, as assembleias aconteciam, e as danças se realizavam nessa área. Pisístrato erigiu ali uma fonte com nove biqueiras, um palácio e um estádio para os Jogos Panatenaicos. A estrada Panatenaica passava pela ágora, e suas ruínas ainda são visíveis. Quando Atenas se tornou uma democracia, no final do século VI a.C., um tribunal foi construído na ágora, seguido por vários outros prédios públicos no lado ocidental. Na história do mercado, templos foram erigidos a vários deuses, sendo o mais bem preservado o templo de Héfesto, construído no final do século V a.C. Um quartel-general foi estabelecido ali e também uma prisão. No sé*culo II a.C., o rei Átalo de Pérgamo construiu uma stoa (coluna ao ar livre com telhado)* no local, com lojas numa das terminações. Hoje em dia, essa antiga *stoa* dá lugar a um museu dedicado aos achados arqueológicos da ágora.

Os romanos construíram outros prédios e consertaram os que haviam sido danificados pela guerra. Um novo mercado, conhecido como Fórum de César e Augusto (popularmente chamado "ágora romana"), foi construído a leste do antigo, e os dois foram ligados por uma rua atrás da *stoa* de Átalo. A ágora romana tinha função mais comercial. Fato interessante é que o relógio de água conhecido como a torre dos Ventos, construído no século I d.C., existe até hoje. Entre outros prédios do século I d.C. estão os banheiros públicos e o que foi possivelmente o centro de dos oficiais da lei. Tanto a ágora antiga quanto a romana teriam sido palco de atividades tumultuadas no tempo de Paulo.[1]

[1]Ver também "A cidade antiga", em At 12.

A Conversão de Lídia em Filipos

11 Partindo de Trôade,[n] navegamos diretamente para Samotrácia e, no dia seguinte, para Neápolis. 12 Dali partimos para Filipos,[o] na Macedônia,[p] que é colônia romana e a principal cidade daquele distrito. Ali ficamos vários dias.

13 No sábado[q] saímos da cidade e fomos para a beira do rio, onde esperávamos encontrar um lugar de oração. Sentamo-nos e começamos a conversar com as mulheres que haviam se reunido ali. 14 Uma das que ouviam era uma mulher temente a Deus chamada Lídia, vendedora de tecido de púrpura, da cidade de Tiatira,[r] O Senhor abriu seu coração[s] para atender à mensagem de Paulo. 15 Tendo sido batizada, bem como os de sua casa,[t] ela nos convidou, dizendo: "Se os senhores me consideram uma crente no Senhor, venham ficar em minha casa". E nos convenceu.

Paulo e Silas na Prisão

16 Certo dia, indo nós para o lugar de oração,[u] encontramos uma escrava que tinha um espírito[v] pelo qual predizia o futuro. Ela ganhava muito dinheiro para os seus senhores com adivinhações. 17 Essa moça seguia Paulo e a nós, gritando: "Estes homens são servos do Deus Altíssimo[w] e anunciam o caminho da salvação". 18 Ela continuou fazendo isso por muitos dias. Finalmente, Paulo ficou indignado, voltou-se e disse ao espírito: "Em nome de Jesus Cristo eu ordeno que saia dela!" No mesmo instante o espírito a deixou.[x]

19 Percebendo que a sua esperança de lucro[y] tinha se acabado, os donos da escrava agarraram Paulo e Silas[z] e os arrastaram[a] para a praça principal, diante das autoridades. 20 E, levando-os aos magistrados, disseram: "Estes homens são judeus e estão perturbando a nossa cidade,[b] 21 propagando costumes que a nós, romanos,[c] não é permitido aceitar nem praticar".[d]

22 A multidão ajuntou-se contra Paulo e Silas, e os magistrados ordenaram que se lhes tirassem as roupas e fossem açoitados.[e] 23 Depois de serem severamente açoitados, foram lançados na prisão. O carcereiro[f] recebeu instrução para vigiá-los com cuidado. 24 Tendo recebido tais ordens, ele os lançou no cárcere interior e lhes prendeu os pés no tronco.[g]

25 Por volta da meia-noite, Paulo e Silas estavam orando e cantando hinos[h] a Deus; os outros presos os ouviam. 26 De repente, houve um terremoto tão violento que os alicerces da prisão foram abalados.[i] Imediatamente todas as portas se abriram,[j] e as correntes de todos se soltaram.[k] 27 O carcereiro acordou e, vendo abertas as portas da prisão, desembainhou sua espada para se matar, porque pensava que os presos tivessem fugido.[l] 28 Mas Paulo gritou: "Não faça isso! Estamos todos aqui!"

29 O carcereiro pediu luz, entrou correndo e, trêmulo, prostrou-se diante de Paulo e Silas. 30 Então levou-os para fora e perguntou: "Senhores, que devo fazer para ser salvo?"[m]

16.11 [n] v. 8
16.12 [o] At 20.6; Fp 1.1; 1Ts 2.2; [p] v. 9
16.13 [q] At 13.14
16.14 [r] Ap 1.11; [s] Lc 24.45
16.15 [t] At 11.14
16.16 [u] v. 13; [v] Dt 18.11; 1Sm 28.3,7
16.17 [w] Mc 5.7
16.18 [x] Mc 16.17
16.19 [y] v. 16; At 19.25,26; [z] At 15.22; [a] At 8.3; 17.6; 21.30; Tg 2.6
16.20 [b] At 17.6
16.21 [c] v. 12; [d] Et 3.8
16.22 [e] 2Co 11.25; 1Ts 2.2
16.23 [f] v. 27,36
16.24 [g] Jó 13.27; 33.11; Jr 20.2,3; 29.26
16.25 [h] Ef 5.19
16.26 [i] At 4.31; [j] At 12.10; [k] At 12.7
16.27 [l] At 12.19
16.30 [m] At 2.37

16.11 Samotrácia é uma ilha no nordeste do mar Egeu. Era um lugar apropriado para ancorar os navios, quando não se queria arriscar uma viagem noturna. Viajar pelo mar era comum no período do NT (ver "As viagens no mundo greco-romano", em 1Ts 3).
Neápolis (atual Kavália) era o porto marítimo de Filipos, a 16 quilômetros dali.

16.12 Filipos era uma cidade da Macedônia oriental e recebeu esse nome em homenagem a Filipe II, pai de Alexandre, o Grande. Por ser colônia romana, era independente da administração provincial, com uma organização governamental segundo o modelo de Roma. Muitos legionários aposentados do exército romano estabeleceram-se ali, mas poucos judeus (ver "Filipos", em Fp 1).

16.13 Havia tão poucos judeus em Filipos que nem havia sinagoga (eram necessários dez homens casados para estabelecer uma), de modo que os judeus que ali residiam realizavam reuniões de oração à beira do rio Gangites. Era costumeira a oração em lugares ao ar livre, perto de água corrente.

16.14 Lídia era uma mulher de negócios, cujo nome pode estar associado ao seu lugar de origem, o distrito helenístico da Lídia. Na verdade, "Lídia" era um termo comum para denotar uma mulher de Lídia, por isso alguns especialistas acreditam que seu nome é desconhecido ou que ela pode ter sido a Evódia ou a Síntique mencionadas em Fp 4.2. De qualquer modo, Lídia era uma gentia que, à semelhança de Cornélio (ver At 10.2), cria no Deus verdadeiro e seguia os ensinamentos morais das Escrituras. Não era, porém, uma convertida plena ao judaísmo (ver notas em Jo 12.20; At 10.2; cf. "convertidos" na nota em 2.11).
Tiatira estava localizada na província romana da Ásia, 32 quilômetros a sudeste de Pérgamo (no reino helenístico da Lídia). A cidade era famosa pelos trabalhos em tintura, especialmente a púrpura real (carmesim).

16.15 As casas particulares foram essenciais para a vida da igreja primitiva. Além de centros de hospitalidade, eram lugares de ensino, adoração, comunhão e testemunho (ver "Igrejas domésticas e edifícios eclesiásticos primitivos", em 2Jo). A vida era vivida em comunidade, de modo que, quando Lídia creu, toda a sua família creu também.

16.16 O espírito pelo qual a escrava predizia o futuro era um espírito demoníaco de Píton. O Píton era uma serpente mítica adorada em Delfos e associada ao oráculo délfico. O termo *python* veio a ser aplicado às pessoas pelas quais o espírito de Píton supostamente falava. Como essas pessoas falavam involuntariamente, o termo "ventríloquo" era empregado em referência a elas. Não se sabe até que ponto ela realmente predizia o futuro.

16.19 Para as múltiplas funções da ágora, ou mercado, ver nota em Mt 11.16,17; ver também "A ágora antiga", em At 16.

16.22-24 O tratamento descrito aqui não era permitido contra cidadãos romanos. Após terem as roupas tiradas e serem açoitados (ver nota em Mt 27.26) e sentenciados sem julgamento, os dois homens foram trancafiados numa área de segurança máxima ("cárcere interior"). Os prisioneiros em celas eram obrigados a dormir sentados ou deitados no chão, e mudar de posição era quase impossível (ver "Prisão no mundo romano: na prisão *versus* prisão domiciliar", em At 26).

16.25 Para mais informações sobre os "hinos", ver "Hinódia cristã primitiva", em Tg 5.

16.26 Sobre terremotos, ver nota em Zc 14.5.

16.27 Se um prisioneiro escapasse, o carcereiro pagava com a própria vida. O suicídio abreviaria a vergonha e a aflição do guarda.

16.31 nAt 11.14
16.33 ov. 25
16.34 pAt 11.14

31 Eles responderam: "Creia no Senhor Jesus, e serão salvos, você e os de sua casa".n 32 E pregaram a palavra de Deus, a ele e a todos os de sua casa. 33 Naquela mesma hora da noiteo o carcereiro lavou as feridas deles; em seguida, ele e todos os seus foram batizados. 34 Então os levou para a sua casa, serviu-lhes uma refeição e com todos os de sua casa alegrou-sep muito por haver crido em Deus.

16.36 ov. 23,27; rAt 15.33

35 Quando amanheceu, os magistrados mandaram os seus soldados ao carcereiro com esta ordem: "Solte estes homens". 36 O carcereiroq disse a Paulo: "Os magistrados deram ordens para que você e Silas sejam libertados. Agora podem sair. Vão em paz".r

16.37 sAt 22.25-29

37 Mas Paulo disse aos soldados: "Sendo nós cidadãos romanos,s eles nos açoitaram publicamente sem processo formal e nos lançaram na prisão. E agora querem livrar-se de nós secretamente? Não! Venham eles mesmos e nos libertem".

16.38 tAt 22.29
16.39 uMt 8.34
16.40 vv. 14; wv. 2; At 1.16

38 Os soldados relataram isso aos magistrados, os quais, ouvindo que Paulo e Silas eram romanos, ficaram atemorizados.t 39 Vieram para se desculpar diante deles e, conduzindo-os para fora da prisão, pediram-lhes que saíssem da cidade.u 40 Depois de saírem da prisão, Paulo e Silas foram à casa de Lídia,v onde se encontraram com os irmãosw e os encorajaram. E então partiram.

Em Tessalônica

17.1 xv. 11,13; Fp 4.16; 1Ts 1.1; 2Ts 1.1; 2Tm 4.10
17.2 yAt 9.20; zAt 13.14; aAt 8.35
17.3 bLc 24.26; At 3.18; cLc 24.46; dAt 9.22; 18.28
17.4 eAt 15.22

17 Tendo passado por Anfípolis e Apolônia, chegaram a Tessalônica,x onde havia uma sinagoga judaica. 2 Segundo o seu costume, Paulo foi à sinagogay e por três sábadosz discutiu com eles com base nas Escrituras,a 3 explicando e provando que o Cristo deveria sofrerb e ressuscitar dentre os mortos.c E dizia: "Este Jesus que proclamo é o Cristo".d 4 Alguns dos judeus foram persuadidos e se uniram a Paulo e Silas,e bem como muitos gregos tementes[a] a Deus e não poucas mulheres de alta posição.

17.5 fv. 13; 1Ts 2.16; gRm 16.21
17.6 hAt 16.19; iMt 24.14; jAt 16.20
17.7 kLc 23.2; Jo 19.12
17.9 v. 5

5 Mas os judeus ficaram com inveja. Reuniram alguns homens perversos dentre os desocupados e, com a multidão, iniciaram um tumulto na cidade.f Invadiram a casa de Jasom,g em busca de Paulo e Silas, a fim de trazê-los para o meio da multidão[b]. 6 Contudo, não os achando, arrastaramh Jasom e alguns outros irmãos para diante dos oficiais da cidade, gritando: "Esses homens, que têm causado alvoroço por todo o mundo,i agora chegaram aqui,j 7 e Jasom os recebeu em sua casa. Todos eles estão agindo contra os decretos de César, dizendo que existe um outro rei, chamado Jesus".k 8 Ouvindo isso, a multidão e os oficiais da cidade ficaram agitados. 9 Então receberam de Jasoml e dos outros a fiança estipulada e os soltaram.

Em Bereia

17.10 mv. 13; At 20.4
17.11 nv. 1; oLc 16.29; Jo 5.39

10 Logo que anoiteceu, os irmãos enviaram Paulo e Silas para Bereia.m Chegando ali, eles foram à sinagoga judaica. 11 Os bereanos eram mais nobres do que os tessalonicenses,n pois receberam a mensagem com grande interesse, examinando todos os dias as Escrituras,o para ver se tudo era assim mesmo. 12 E creram muitos dentre os judeus e também um bom número de mulheres gregas de elevada posição e não poucos homens gregos.

[a] **17.4** Isto é, simpatizantes do judaísmo.
[b] **17.5** Ou *da assembleia do povo.*

16.37 Era ilegal açoitar um cidadão romano, ainda mais quando não havia processo.

17.1-9 Os acontecimentos descritos aqui aconteceram na primavera de 50 d.C., logo depois que Cláudio expulsou os judeus de Roma (em 49), seguido de tumultos associados com judeus e cristãos. As autoridades queriam evitar tais problemas, e os oponentes judeus se aproveitaram desses temores.

17.1 A via Inaciana atravessava todo o norte da Grécia atual, de leste a oeste, passando em seu percurso por Filipos, Anfípolis, Apolônia e Tessalônica. Em várias localidades, como Kaválla (Neápolis), Filipos e Apolônia, a estrada ainda hoje é visível. Se o viajante percorresse 48 quilômetros por dia, cada cidade podia ser alcançada com um dia de viagem.

Tessalônica, situada a 160 quilômetros de Filipos, aproximadamente, era a capital da província da Macedônia. Com mais de 200 mil habitantes, abrigava uma colônia de judeus e uma sinagoga (ver "Tessalônica", em 1Ts 1).

17.2 Para mais informações sobre a sinagoga, ver notas em 9.20; 13.14.

17.4 Sobre os "gregos tementes a Deus", ver notas em Jo 12.20; At 10.2 (cf. "convertidos" na nota em 2.11).

As "mulheres de alta posição" talvez fossem as esposas das autoridades da cidade ou mulheres que mereceram destaque e posição por direito próprio.

17.5 Ver "A ágora antiga", em At 16.

17.6 O termo grego *politarch* (lit. "governante da cidade"), empregado aqui e no versículo 8, não se acha em nenhum outro escrito grego, mas foi descoberto em 1835 numa inscrição grega de um arco que passava por cima da via Inaciana, no lado oeste de Tessalônica. (O arco foi destruído em 1867, mas o bloco de pedra com a inscrição foi recuperado e agora está no Museu Britânico, em Londres.) O termo foi mais tarde encontrado em 16 outras inscrições, em cidades vizinhas da Macedônia e outras localidades.

17.7 A blasfêmia era a acusação mais grave para um judeu, mas a traição — apoiar um rei rival acima de César — era a pior acusação possível contra um romano.

17.9 Jasom foi obrigado a garantir a paz e a tranquilidade na comunidade. Do contrário seus bens seriam confiscados, e ele correria o risco de ser condenado à morte.

17.10 Bereia (atual Véria) estava localizada a 80 quilômetros de Tessalônica, em outro distrito da Macedônia.

Para mais informações sobre a sinagoga, ver notas em 9.20; 13.14.

13 Quando os judeus de Tessalônica ficaram sabendo que Paulo estava pregando a palavra de Deus em Bereia, dirigiram-se também para lá, agitando e alvoroçando as multidões. 14 Imediatamente os irmãos enviaram Paulo para o litoral, mas Silas[p] e Timóteo[q] permaneceram em Bereia. 15 Os homens que foram com Paulo o levaram até Atenas,[r] partindo depois com instruções para que Silas e Timóteo se juntassem a ele, tão logo fosse possível.[s]

17.14 [p]At 15.22; [q]At 16.1
17.15 [r]v. 16,21,22; At 18.1; 1Ts 3.1; [s]At 18.5

Em Atenas

16 Enquanto esperava por eles em Atenas, Paulo ficou profundamente indignado ao ver que a cidade estava cheia de ídolos. 17 Por isso, discutia na sinagoga[t] com judeus e com gregos tementes a Deus, bem como na praça principal, todos os dias, com aqueles que por ali se encontravam. 18 Alguns filósofos epicureus e estoicos começaram a discutir com ele. Alguns perguntavam: "O que está tentando dizer esse tagarela?" Outros diziam: "Parece que ele está anunciando deuses estrangeiros", pois Paulo estava pregando as boas-novas a respeito de Jesus e da ressurreição.[u] 19 Então o levaram a uma reunião do Areópago,[v] onde lhe perguntaram: "Podemos saber que novo ensino é esse que você

17.17 [t]At 9.20
17.18 [u]v. 31,32; At 4.2
17.19 [v]v. 22; [w]Mc 1.27

17.14,15 Embora possamos concluir que Paulo viajou para Atenas de navio, a estrada é também litorânea, e ele pode ter percorrido a distância — cerca de 32 quilômetros — a pé depois de ter sido escoltado até o litoral.

Cinco séculos antes de Paulo, Atenas experimentara o apogeu da glória nas artes, na filosofia e na literatura. No decurso dos anos, vinha mantendo a reputação no campo da filosofia, e ainda existia uma universidade de destaque nos dias de Paulo (ver "Atenas", em At 17).

17.16-33 Os epicureus eram seguidores de Epicuro, filósofo grego que viveu de 341 a 270 a.C. Epicuro ensinava que a natureza, não a razão, é a verdadeira realidade e que nada existe senão os átomos e a voz (matéria e espaço). O objetivo principal do ser humano, em sua opinião, era alcançar a felicidade. As pessoas têm livre-arbítrio, afirmava ele, para planejar e viver do prazer. Epicuro interpretava o prazer como a rejeição à dor, de modo que a mera alegria de uma boa saúde podia ser considerada "prazer". Também acreditava que era impossível viver uma vida boa sem honra e justiça. Essa moderação foi perdida pelos intérpretes posteriores, no entanto, que consideravam o "prazer" sinônimo de satisfação sexual desenfreada. O epicurismo tinha muitos seguidores na época de Cristo, e Paulo encontrou-os em Atenas quando se reuniu com os filósofos da cidade. Os epicureus não se impressionaram com seu ensinamento sobre a criação, o juízo e a ressurreição, uma vez que todas essas doutrinas eram negadas pela filosofia epicurista (ver "As escolas filosóficas gregas", em Cl 2).

17.17-19 Em Atenas, Paulo ministrou na sinagoga (ver notas em 9.20; 13.14) aos judeus e aos "gregos tementes a Deus" (ver notas em Jo 12.20; At 10.2; cf. "convertidos" na nota em 2.11), bem como no mercado (ver "A ágora antiga", em At 16). Também se envolveu num debate com os filósofos (ver "As escolas filosóficas gregas", em Cl 2) e com os líderes da cidade.

O Areópago (ver "O Areópago", em At 17) era o principal corpo administrativo e principal tribunal em Atenas, representado a elite intelectual da cidade. O Conselho do Areópago governara Atenas antes de ela se tornar uma democracia, em 620 a.C. Na época do NT, o Areópago detinha autoridade somente nas áreas da religião e da moral e se reunia no pórtico Real, no canto noroeste da ágora. Seus membros consideravam-se guardiães dos ensinamentos que introduziam novas religiões e deuses estrangeiros.

17.17 Sobre as múltiplas funções da ágora, ou mercado, ver nota em Mt 11.16,17; ver também "A ágora antiga", em At 16.



SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

O AREÓPAGO

ATOS 17 Em Atos 17.19, Paulo é levado para uma reunião no Areópago ("rocha de Ares", outro nome para Atena), no qual usou o altar grego dedicado a um deus desconhecido como ponto de contato para pregar o evangelho aos cidadãos atenienses (v. 22-31). Também conhecido na Antiguidade como colina de Marte (Marte é nome grego para Ares, o deus grego da guerra), o local foi usado como primitivo lugar de encontro por um conselho da nobreza. O Conselho do Areópago havia governado Atenas antes de ela ter se tornado uma democracia em 620 a.C.[1] Desde então, o poder e o prestígio do Conselho declinou, apesar de manter algumas prerrogativas jurídicas, especialmente o direito de julgar os acusados de assassinato. Durante o julgamento, o acusado permanecia sobre a rocha da Insolência, enquanto seu acusador ficava sobre a rocha da Inclemência. (Esse procedimento ainda era praticado um século após a visita de Paulo.) Durante o século I d.C., o conselho comandava os negócios de Atenas, especialmente os assuntos religiosos.

O local do discurso de Paulo não é conhecido, mas a tradição situa o Areópago sobre uma colina rochosa logo abaixo da **Acrópole** e logo acima da ágora. A colina ergue-se a uma altura aproximada de 116 metros. Uma antiga escadaria entalhada na rocha é usada até hoje, embora os séculos de utilização tenham deixado os degraus extremamente escorregadios. No cume, podem ser vistas as possíveis fundações de um prédio. Vários achados sugerem que a colina foi um antigo local religioso. No entanto, uma vez que o Conselho julgava os casos na *stoa* Real (prédio localizado na esquina nordeste da ágora ateniense), o discurso de Paulo pode ter acontecido ali, diante do Conselho do Areópago, não no topo da colina de Marte.

[1] Ver "Atenas", em At 17.

está anunciando?[w] 20 Você está nos apresentando algumas ideias estranhas, e queremos saber o que elas significam". 21 Todos os atenienses e estrangeiros que ali viviam não se preocupavam com outra coisa senão falar ou ouvir as últimas novidades.

22 Então Paulo levantou-se na reunião do Areópago e disse: "Atenienses! Vejo que em todos os aspectos vocês são muito religiosos, 23 pois, andando pela cidade, observei cuidadosamente seus objetos de culto e encontrei até um altar com esta inscrição: AO DEUS DESCONHECIDO. Ora, o que vocês adoram, apesar de não conhecerem,[x] eu lhes anuncio.

17.23 [x]Jo 4.22

24 "O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há[y] é o Senhor dos céus e da terra[z] e não habita em santuários feitos por mãos humanas.[a] 25 Ele não é servido por mãos de homens, como se necessitasse de algo, porque ele mesmo dá a todos a vida, o fôlego e as demais coisas.[b] 26 De um só fez ele todos os povos, para que povoassem toda a terra, tendo determinado os tempos anteriormente estabelecidos e os lugares exatos em que deveriam habitar.[c] 27 Deus fez isso para que os homens o buscassem e talvez, tateando, pudessem encontrá-lo, embora não esteja longe de cada um de nós.[d] 28 'Pois nele vivemos, nos movemos e existimos',[e] como disseram alguns dos poetas de vocês: 'Também somos descendência dele'.

17.24 [y]Is 42.5; At 14.15; [z]Dt 10.14; Mt 11.25; [a]At 7.48
17.25 [b]Sl 50.10-12; Is 42.5
17.26 [c]Dt 32.8; Jó 12.23
17.27 [d]Dt 4.7; Jr 23.23,24; At 14.17
17.28 [e]Jó 12.10; Dn 5.23

29 "Assim, visto que somos descendência de Deus, não devemos pensar que a Divindade é semelhante a uma escultura de ouro, prata ou pedra, feita pela arte e imaginação do homem.[f] 30 No passado Deus não levou em conta[g] essa ignorância,[h] mas agora ordena que todos, em todo lugar, se arrependam.[i] 31 Pois estabeleceu um dia em que há de julgar[j] o mundo com justiça,[k] por meio do homem que designou.[l] E deu provas disso a todos, ressuscitando-o dentre os mortos".[m]

17.29 [f]Is 40.18-20; Rm 1.23
17.30 [g]At 14.16; Rm 3.25; [h]v. 23; 1Pe 1.14; [i]Lc 24.47; Tt 2.11,12
17.31 [j]Mt 10.15; [k]Sl 9.8; 96.13; 98.9; [l]At 10.42; [m]At 2.24

32 Quando ouviram sobre a ressurreição dos mortos,[n] alguns deles zombaram, e outros disseram: "A esse respeito nós o ouviremos outra vez". 33 Com isso, Paulo retirou-se do meio deles. 34 Alguns homens juntaram-se a ele e creram. Entre eles estava Dionísio, membro do Areópago,[o] e também uma mulher chamada Dâmaris, e outros com eles.

17.32 [n]v. 18,31
17.34 [o]v. 19.22

Vozes antigas

Amamos a beleza com simplicidade e amamos a busca pelo conhecimento sem efeminação. Empregamos corretamente a riqueza, para uso, em vez de exibição estrepitosa. Não consideramos a pobreza uma desgraça, mas a consideramos vergonha para quem não busca escapar da pobreza por meio do trabalho. Nós, cidadãos de Atenas, cuidamos de nossas preocupações domésticas e dos negócios de Estado. Aqueles de nós que estão engajados nos negócios não estão desprovidos de entendimento em assuntos públicos. Pois consideramos aqueles que evitam o engajamento com as questões públicas não "pessoas que não se envolvem", mas pessoas inúteis. E nós, quando julgamos e refletimos cuidadosamente sobre os assuntos, não consideramos as palavras um impedimento para as ações. Antes, o verdadeiro impedimento à ação é entrar no que deve ser feito sem tomar precaução por meio da discussão.

— PÉRICLES ENALTECE AS VIRTUDES DA CULTURA ATENIENSE

Do discurso funeral de Péricles, como relatado em Tucídides, *A Guerra do Peloponeso*, 2.40, (tradução por Duane Garrett)

Ver o artigo "Atenas", em At 18.

Em Corinto

18 Depois disso Paulo saiu de Atenas[p] e foi para Corinto.[q] 2 Ali, encontrou um judeu chamado Áquila, natural do Ponto, que havia chegado recentemente da Itália com Priscila,[r] sua mulher, pois Cláudio[s] havia ordenado que todos os judeus saíssem de Roma. Paulo foi vê-los 3 e, uma vez

18.1 [p]At 17.15; [q]At 19.1; 1Co 1.2; 2Co 1.1,23; 2Tm 4.20
18.2 [r]Rm 16.3; 1Co 16.19; 2Tm 4.19; [s]At 11.28
18.3 [t]At 20.34; 1Co 4.12; 1Ts 2.9; 2Ts 3.8

17.21 Ver "Debate e retórica no mundo antigo", em At 15.

17.23 Os gregos tinham medo de ofender algum deus por não lhe dar atenção, de modo que acreditavam poder encobrir quaisquer omissões com a inscrição "deus desconhecido" (ver "Os deuses dos gregos e dos romanos", em Gl 4). Outros escritores gregos confirmam que esses altares podiam ser vistos em Atenas.

17.28 Há duas citações aqui. A primeira é do poeta cretense Epimênides (ca. 600 a.C.) em sua *Cretica*. A segunda é do poeta ciliciano Arato (ca. 315-240 a.C.) em seu *Fenômenos* e de Cleanto (331-233 a.C.). Paulo também cita poetas gregos em outros lugares (ver 1Co 15.33; Tt 1.12). Cleanto, líder da escola dos estoicos de 263 a 232 a.C., havia infundido fervor religioso no estoicismo de Zeno, ensinando que o Universo é um ser vivo e que Deus era sua alma, defendendo certo desprendimento na ética (sustentava que fazer o bem para obter vantagem é como alimentar o gado com carne!) e afirmando que os pensamentos maus eram piores que as atitudes más. Paulo cita aqui um poema remanescente de seu "Hino a Zeus".

17.32 A imortalidade da alma era aceita pelos gregos, mas não a ressurreição do corpo.

17.33 "Eles" são o Conselho reunido no Areópago (ver "O Areópago", em At 17).

17.34 A tradição posterior declara, embora não possa provar, que Dionísio se tornou bispo de Atenas.

Para alguns, Dâmaris era uma estrangeira de elevada instrução, pois só assim poderia participar de uma reunião oficial no Areópago (ver "O Areópago", em At 17). É também possível que fosse uma gentia temente a Deus (ver notas em Jo 12.20; At 10.2; cf. "convertidos" na nota em 2.11) que já escutara Paulo na sinagoga.

18.1 Paulo pode ter viajado por terra, ao longo do istmo (cerca de 80 quilômetros de distância), ou por mar, desde o porto de Pireu, em Atenas, até Cencreia, no litoral leste do istmo de Corinto (ver "As viagens no mundo greco-romano", em 1Ts 3).

18.2 Ponto, localizada na região nordeste da Ásia Menor, era uma província às margens do mar Negro, entre a Bitínia e a Armênia.

Para mais informações sobre a Itália, ver nota em 10.1.

Suetônio escreveu que Cláudio (ver "Cláudio, imperador de Roma", em At 11) ordenou a expulsão dos judeus porque promoviam "tumultos contínuos, instigados por Cresto" (erro comum na ortografia de "Cristo"). Se "Cresto" é mesmo Cristo, os tumultos aconteciam obviamente "por causa dele", não liderados "por" ele.

18.3 Paulo aprendeu essa profissão ainda na juventude. Era costume dos judeus, ricos ou pobres, dar treinamento manual aos filhos (ver "Trabalho e bem-estar no mundo antigo", em 2Ts 3).



SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

ATENAS

ATOS 18 Atenas (mapa 13) está situada a 8 quilômetros do mar Egeu, na península da Ática. A vida ali começou e continuou a girar em torno da **Acrópole**, uma colina rochosa que se ergue 156 metros acima da cidade. Foi ali que a cultura ateniense começou, durante o **Período Neolítico**[1] (4000-3000 a.C.). O assentamento agrícola sobre a Acrópole continuou durante a **Idade do Bronze** (3000-1100 a.C.), dando origem à cultura micênica (1550-1050 a.C.), que testemunhou o advento do comércio e das artes na cidade. Essa cultura entrou em declínio no século XII a.C., quando Atenas entrou na Idade das Trevas, que durou até o século VIII a.C.

A história preservada de Atenas data do final do século VII a.C. Sólon, aristocrata que foi investido de autoridade por volta de 594 a.C., introduziu o conceito de democracia na cultura ateniense. O mesmo Sólon, que também era poeta, usou sua arte para infundir um sentimento de patriotismo e cuidado pelo bem comum na cultura ateniense. O processo de democratização de Atenas terminou por volta do final do século VI a.C. sob Clístenes.

Atenas tornou-se uma cidade fortificada no século V a.C. durante a ameaça de invasão **persa**. Em 490 a.C., Dario enviou uma força expedicionária para atacar Atenas,[2] mas os atenienses o derrotaram na planície de Maratona. Em 480 a.C., Xerxes, filho de Dario, fez outra tentativa, mas foi de novo forçado a recuar. Contudo, apesar de Atenas ter resistido à invasão, a cidade foi destruída.

Os trinta anos seguintes viram a reconstrução de Atenas e o desenvolvimento continuado da democracia. Esse período alcançou seu ponto alto durante a democratização radical liderada por Péricles. Durante os anos de sua influência (450-429 a.C.), Atenas experimentou o auge de sua glória, e a cidade presenciou a construção dos grandes templos da Acrópole. Dos quatro grandes prédios, o primeiro a ser construído foi o Propileu, portão que dá entrada aos templos dedicados a Atena-Nike, bem como ao Erecteion e ao Partenon, a obra-prima que a arquitetura grega antiga construiu de 447 a 432 a.C.

No auge de seu poder, Atenas dedicou-se ao conhecimento e às artes, tendo a filosofia, a retórica, o teatro e a ciência se tornado o foco da massa instruída.[3] No entanto, a cidade sofria com uma política estrangeira limitada (caracterizada pela dura dominação de outros Estados gregos), o que levou à Guerra do Peloponeso (431-404 a.C.). Esse conflito de 27 anos entre Esparta e Atenas teve seu fim com a derrota de Atenas. Durante a guerra, a cidade foi vítima do poder militar de Esparta e de uma praga que dizimou um terço de sua população. Em 404 a.C., Atenas rendeu-se à pressão de um bloqueio. Esparta, iniciando a tradição de tratar Atenas com respeito, impôs termos benevolentes à cidade derrotada.

No início do século IV a.C., Atenas tentou recuperar um pouco de sua antiga glória. Essa tarefa foi impulsionada pelo surgimento de grande poder intelectual na cidade. Sócrates (m. 399 a.C.) iniciara um período sem precedente de busca intelectual. Apesar de ele não ter escrito nenhuma obra, seu método filosófico e sua capacidade intelectual criaram um modelo impressionante. Ele foi sucedido pelo seu ilustre aluno, Platão (427-348 a.C.). A Academia, estabelecida por Platão em 385 a.C., conquistou muita fama e atraiu as grandes mentes da época.[4]

Na metade daquele século, entretanto, Atenas foi outra vez invadida. Em 338 a.C., Filipe da Macedônia derrotou os exércitos atenienses na planície de Queroneia, mas, devido em grande parte à estatura cultural que adquiriu, Atenas foi de novo poupada de termos mais duros de paz. O domínio macedônio continuou até 228 a.C.

Mais tarde, Atenas encontrou-se sob influência romana. Muitos romanos ricos enviavam seus filhos para estudar ali, e o prestígio cultural da cidade prevaleceu no período cristão. O apóstolo Paulo levou o cristianismo para Atenas em 54 d.C., quando defendeu o evangelho numa reunião no Areópago (colina de Marte). Começou mencionando o altar ao "deus desconhecido" e convocou os atenienses ao arrependimento. Apesar de haver um monumento dedicado ao sermão de Paulo numa colina que tradicionalmente é conhecida como Areópago, a localização da verdadeira colina em que Paulo proferiu seu sermão é desconhecida.[5] Em 529 d.C., o imperador Justiniano, na tentativa de erradicar o paganismo do império, fechou as escolas de Atenas, encerrando o período da glória intelectual da cidade.[6]



A Acrópole de Atenas
Foto: © Todd Bolen/Bible Places.com

[1]Ver "Tabela dos períodos arqueológicos" na p. xxii, no início desta Bíblia. [2]Ver "Dario I", em Ed 5. [3]Ver "Debate e retórica no mundo antigo", em At 15. [4]Ver "As escolas filosóficas gregas", em Cl 2. [5]Ver "O Areópago", em At 17. [6]Ver "Grécia: das cidades-Estado independentes até Alexandre, o Grande", em At 20; e "Grécia: o domínio romano e a expansão do cristianismo", em At 20.

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

ALEXANDRIA



Teatro romano em Alexandria
Preserving Bible Times; © dr. James C. Martin

ATOS 18 A cidade de Alexandria (mapa 14), fundada por Alexandre, o Grande, em 331 a.C., no delta egípcio ocidental entre o mar Mediterrâneo e o lago Mareotis, rapidamente se tornou uma das maiores cidades da cultura **helenística**. Por ser um centro de educação, ostentava a biblioteca mais renomada da Antiguidade. Em seu porto, ficava o farol de Faros, uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo. Em tempos recentes, o mar do porto de Alexandria tem sido local de pesquisa arqueológica submarina, e os pesquisadores já descobriram debaixo d'água exemplos impressionantes de arte egípcia e grega e também o que pode ser as ruínas do grande farol.

Alexandria, lar de uma grande e próspera comunidade judaica, apesar de os judeus, às vezes, entrarem em confronto com outros grupos, também foi o centro de instrução da **Diáspora**.[1] Diz a história, e não há o que contestar, a maior parte da tarefa de traduzir o AT para o grego (a *Septuaginta*) foi concluída ali.[2] O grande filósofo judeu e estudioso da Bíblia, Filo (m. ca. 50 d.C.), também residiu e trabalhou em Alexandria. Atos 18.24 diz que Apolo de Alexandria era um intelectual judeu, e o que sabemos da cidade e de sua população judia se harmoniza bem com essa descrição.

Com o surgimento do cristianismo, Alexandria tornou-se um centro de ensino cristão. Muitos estudiosos cristãos, inclusive Clemente e Orígenes, fizeram da cidade seu lar. Por causa do exemplo de Filo, que lia o AT como uma alegoria da verdade filosófica, a cidade veio a ser o centro da interpretação "alexandrina", um método que tratava boa parte das Escrituras hebraicas como uma alegoria para o ensino cristão.



Pilar de Pompeia em Alexandria, Egito
Preserving Bible Times; © dr. James C. Martin

[1]Ver "A diáspora judaica no século I d.C.", em At 2. [2]Ver "Textos do Antigo Testamento", em Mq 7; "Traduções antigas", em Mq 7; "A *Septuaginta* e seu uso no Novo Testamento", em Hb 11.

VOZES ANTIGAS

Então, o texto [de Gênesis 6.12] deve ser explicado da seguinte forma: toda a carne corrompe o caminho perfeito do Eterno e Incorruptível, o caminho que conduz a Deus. Todos devem entender que esse caminho se refere à Sabedoria. Porque a mentalidade conduzida por uma rota justa e direta chega a seu destino. Esse destino é o conhecimento e a compreensão de Deus. Todo amigo da carne odeia e rejeita e busca corromper esse caminho. Não há duas coisas tão antagônicas quanto a compreensão de Deus e o prazer da carne.

— FILO DE ALEXANDRIA SOBRE GÊNESIS 6.12

De Filo, capítulo 30, "Sobre a imutabilidade de Deus" (tradução por Duane Garrett)

Ver o artigo "Alexandria", em At 18.

que tinham a mesma profissão, ficou morando e trabalhando com eles, pois eram fabricantes de tendas.[t] 4 Todos os sábados[u] ele debatia na sinagoga e convencia judeus e gregos.

5 Depois que Silas[v] e Timóteo[w] chegaram da Macedônia,[x] Paulo se dedicou exclusivamente à pregação, testemunhando aos judeus que Jesus era o Cristo.[y] 6 Opondo-se eles e lançando maldições,[z] Paulo sacudiu a roupa e lhes disse: "Caia sobre a cabeça de vocês o seu próprio sangue![a] Estou livre da minha responsabilidade.[b] De agora em diante irei para os gentios".[c]

7 Então Paulo saiu da sinagoga e foi para a casa de Tício Justo, que era temente[a] a Deus[d] e que morava ao lado da sinagoga. 8 Crispo,[e] chefe da sinagoga,[f] creu no Senhor, ele e toda a sua casa;[g] e, dos coríntios que o ouviam, muitos criam e eram batizados.

9 Certa noite o Senhor falou a Paulo em visão: "Não tenha medo, continue falando e não fique calado, 10 pois estou com você,[h] e ninguém vai lhe fazer mal ou feri-lo, porque tenho muita gente nesta cidade". 11 Assim, Paulo ficou ali durante um ano e meio, ensinando-lhes a palavra de Deus.

12 Sendo Gálio procônsul da Acaia,[i] os judeus fizeram em conjunto um levante contra Paulo e o levaram ao tribunal, fazendo a seguinte acusação: 13 "Este homem está persuadindo o povo a adorar a Deus de maneira contrária à lei".

[a] **18.7** Isto é, simpatizante do judaísmo.

18.4 [t]At 13.14

18.5 [v]At 15.22; [w]At 16.1; [x]At 16.9; 17.14,15; [y]v. 28; At 17.3

18.6 [z]At 13.45; [a]2Sm 1.16; Ez 18.13; 33.4; [b]At 20.26; [c]At 13.46

18.7 [d]At 16.14

18.8 [e]1Co 1.14; [f]Mc 5.22; [g]At 11.14

18.10 [h]Mt 28.20

18.12 [i]v. 27

18.4 Para mais informações sobre a sinagoga, ver notas em 9.20; 13.14; sobre os "gregos", ver nota em 16.1.

18.8 Sobre o "chefe da sinagoga", ver nota em Mc 5.22; Lc 8.41.

18.10 Corinto era um grande e estratégico centro político, comercial e religioso (ver "Corinto", em 2Co 1). Era natural, portanto, o interesse de se ter uma igreja forte se estabelecesse ali.

18.12 A resposta favorável de Gálio a Paulo foi fundamental para consolidar a permanência legal da Igreja no império.
Ver "O tribunal", em 2Co 5.

18.13 Os judeus alegavam que Paulo estava propondo uma religião não reconhecida pela lei romana, como era o judaísmo. Se lhe fosse concedida a palavra, por certo teria explicado que o evangelho que pregava era a fé de seus pais, sendo, portanto, autorizada pela lei romana.



Gálio, procônsul da Acaia

ATOS 18 Durante sua segunda viagem missionária, Paulo passou dezoito meses em Corinto (v. 11), capital da província romana da Acaia (mapa 13).[1] Enquanto esteve ali, foi levado à presença de Gálio, o procônsul romano (v.12-17).[2]

Gálio nasceu em Córdoba, na Espanha, como Marco Aneu Novato. Seu nome foi mudado para Gálio quando o orador e senador Lúcio Júnio Gálio o adotou. O pai biológico de Gálio era Lúcio Aneu Sêneca (Sêneca, o Velho), escritor e retórico bem conhecido, e seu irmão mais novo era Lúcio Aneu Sêneca (Sêneca, o Jovem), renomado escritor e político. Em 41 d.C., Gálio e seu irmão Sêneca foram exilados na Córsega por causa do suposto adultério de Sêneca com Júlia Livila, irmã do imperador Calígula. Agripina trouxe os dois de volta em 49 d.C. para que Sêneca pudesse assumir a função de tutor do filho dela, Nero.[3]

Gálio foi procônsul da Acaia em 51 e 52. A data é conhecida graças a uma inscrição descoberta em Delfos, na Grécia, a cópia de uma carta enviada pelo imperador Cláudio, que faz referência a "Lúcio Júnio Gálio, meu amigo e o procônsul da Acaia".[4] Sêneca escreveu a respeito da beleza e da humildade de Gálio e dedicou dois de seus livros a ele. A inscrição de Gálio é de enorme importância para datar a estada de 18 meses de Paulo em Corinto. Ela sugere que ele esteve ali do outono de 50 até o final da primavera de 52.[5]

[1]Ver "Viagens missionárias de Paulo", em At 14; e "Corinto", em 2Co 1. [2]Ver "O governador romano", em At 25. [3]Ver "Nero, o perseguidor dos cristãos", em Fp 4. [4]Ver "Cláudio, imperador de Roma", em At 11. [5]Ver "Visitas e cartas de Paulo a Corinto", em 2Co 2.

18.15 [i]At 23.29; 25.11,19

18.17 [j]1Co 1.1

14 Quando Paulo ia começar a falar, Gálio disse aos judeus: "Se vocês, judeus, estivessem apresentando queixa de algum delito ou crime grave, seria razoável que eu os ouvisse. 15 Mas, visto que se trata de uma questão de palavras e nomes de sua própria lei,[j] resolvam o problema vocês mesmos. Não serei juiz dessas coisas". 16 E mandou expulsá-los do tribunal. 17 Então todos se voltaram contra Sóstenes,[k] o chefe da sinagoga, e o espancaram diante do tribunal. Mas Gálio não demonstrou nenhuma preocupação com isso.

Priscila, Áquila e Apolo

18.18 [l]At 1.16; [m]Rm 16.1; [n]Nm 6.2,5,18; At 21.24

18.19 [o]v. 21,24; 1Co 15.32

18.21 [p]Rm 1.10; 1Co 4.19; Tg 4.15

18.22 [q]At 8.40; [r]At 11.19

18.23 [s]At 16.6; [t]At 14.22; 15.32,41

18.24 [u]At 19.1; 1Co 1.12; 3.5,6,22; 4.6; 16.12; Tt 3.13

18.25 [v]Rm 12.11; [w]At 19.3

18 Paulo permaneceu em Corinto por algum tempo. Depois despediu-se dos irmãos[l] e navegou para a Síria, acompanhado de Priscila e Áquila. Antes de embarcar, rapou a cabeça em Cencreia,[m] devido a um voto que havia feito.[n] 19 Chegaram a Éfeso,[o] onde Paulo deixou Priscila e Áquila. Ele, porém, entrando na sinagoga, começou a debater com os judeus. 20 Pedindo eles que ficasse mais tempo, não cedeu. 21 Mas, ao partir, prometeu: "Voltarei, se for da vontade de Deus".[p] Então, embarcando, partiu de Éfeso. 22 Ao chegar a Cesareia,[q] subiu até a igreja para saudá-la e depois desceu para Antioquia.[r]

23 Depois de passar algum tempo em Antioquia, Paulo partiu dali e viajou por toda a região da Galácia[s] e da Frígia, fortalecendo todos os discípulos.[t]

24 Enquanto isso, um judeu chamado Apolo,[u] natural de Alexandria, chegou a Éfeso. Ele era homem culto[a] e tinha grande conhecimento das Escrituras. 25 Fora instruído no caminho do Senhor e com grande fervor[bv] falava e ensinava com exatidão acerca de Jesus, embora conhecesse apenas o batismo de João.[w] 26 Logo começou a falar corajosamente na sinagoga. Quando Priscila e Áquila o ouviram, convidaram-no para ir à sua casa e lhe explicaram com mais exatidão o caminho de Deus.

18.27 [x]v. 12; [y]v. 18

18.28 [z]At 17.2; [a]v. 5; At 9.22

27 Querendo ele ir para a Acaia,[x] os irmãos[y] o encorajaram e escreveram aos discípulos que o recebessem. Ao chegar, ele auxiliou muito os que pela graça haviam crido, 28 pois refutava vigorosamente os judeus em debate público, provando pelas Escrituras[z] que Jesus é o Cristo.[a]

Paulo em Éfeso

19.1 [b]At 18.1; [c]At 18.19

19 Enquanto Apolo estava em Corinto,[b] Paulo, atravessando as regiões altas, chegou a Éfeso.[c] Ali encontrou alguns discípulos 2 e lhes perguntou: "Vocês receberam o Espírito Santo quando[c] creram?"

Eles responderam: "Não, nem sequer ouvimos que existe o Espírito Santo".

3 "Então, que batismo vocês receberam?", perguntou Paulo.

"O batismo de João", responderam eles.

19.4 [d]Jo 1.7; At 13.24,25

4 Disse Paulo: "O batismo de João foi um batismo de arrependimento. Ele dizia ao povo que cresse naquele que viria depois dele, isto é, em Jesus".[d] 5 Ouvindo isso, eles foram batizados no nome do Senhor Jesus. 6 Quando Paulo lhes impôs as mãos,[e] veio sobre eles o Espírito Santo,[f] e começaram a falar em línguas[dg] e a profetizar. 7 Eram ao todo uns doze homens.

19.6 [e]At 6.6; 8.17; [f]At 2.4; [g]Mc 16.17; At 10.46

19.8 [h]At 9.20; [i]At 1.3; 28.23

19.9 [j]At 14.4; [k]v. 23; At 9.2; [l]v. 30; At 11.26

8 Paulo entrou na sinagoga[h] e ali falou com liberdade durante três meses, argumentando convincentemente acerca do Reino de Deus.[i] 9 Mas alguns deles[j] se endureceram e se recusaram a crer, e começaram a falar mal do Caminho[k] diante da multidão. Paulo, então, afastou-se deles.

[a] **18.24** Ou *eloquente.*
[b] **18.25** Ou *com fervor no Espírito.*
[c] **19.2** Ou *depois que.*
[d] **19.6** Ou *em outros idiomas.*

18.17 Não está claro se os gregos espancaram Sóstenes, vendo a ocasião como oportunidade de manifestar seus sentimentos contra os judeus, ou se os próprios judeus espancaram o chefe da sinagoga por não ter tido sucesso em apresentar os argumentos deles — a primeira teoria é a mais provável.

18.18 O fato de o nome de Priscila ser mencionado primeiro talvez revele o papel de destaque em sua atuação ou sua elevada posição social.
As pessoas no tempo de Paulo comumente cortavam ou rapavam o cabelo ao concluir um voto. Paulo pode ter feito esse voto (provavelmente um voto de nazireu temporário) em conexão com a visão que havia recebido (v. 9,10). Se for o caso, cortar o cabelo pode ter sido um ato de gratidão por sua proteção e pela resposta favorável dos coríntios ao evangelho.
O voto de Paulo foi, provavelmente, um voto de nazireu temporário.

18.19 Éfeso era a mais importante cidade comercial da Ásia Menor, capital da Ásia provincial e protetora do templo de Ártemis, ou Diana (ver "A Ártemis dos efésios", em At 19; e "Éfeso nos tempos de Paulo", em 2Tm 4.)

18.22 Para mais informações sobre Cesareia, ver nota em 8.40.

18.23 A "região da Galácia e da Frígia" talvez seja a parte sul da Galácia, na região da Frígia.

18.24 Alexandria, localizada no Egito, era a segunda cidade mais importante do Império Romano. Havia ali uma numerosa população de judeus (ver "Alexandria", em At 18).

18.27 Acaia era uma província romana. Sua capital era Corinto.

19.1 Paulo não tomou a rota direta, através dos vales dos rios Lico e Meandro, mas a rota superior na Frígia, que chegava a Éfeso mais pelo norte.
Para mais informações sobre Éfeso, ver "Éfeso nos tempos de Paulo", em 2Tm 4.

19.4 Ver "Batismo no mundo antigo", em Mt 3.

19.6 Sobre a imposição de mãos, ver nota em 6.6.
Sobre o falar em línguas, ver "O falar em línguas no culto cristão e no culto pagão", em 1Co 12.

19.9 O Caminho, como nome para o cristianismo, ocorre diversas vezes em Atos.
A "escola de Tirano" pode ter sido uma escola usada regularmente por esse filósofo ou retórico. A instrução era ministrada provavelmente no horário mais fresco da manhã. Certo manuscrito grego acrescenta que Paulo administrava seus ensinos das onze da manhã às quatro da tarde. Essa seria a parte mais quente do dia, mas a escola estaria à disposição, e o povo não estaria no serviço regular.

NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

A Ártemis dos efésios

ATOS 19 Ártemis de Éfeso (mapa 13) era uma divindade muito popular. Na verdade, o viajante grego Pausânias afirmou que ela era a deusa mais adorada nas devoções particulares do mundo mediterrâneo. Sua imagem não era comum — um corpo cadavérico e longo com pernas unidas ao estilo das múmias. A metade superior do torso frontal era coberta de protuberâncias que lembravam seios humanos, de modo que, às vezes, ela era chamada "Ártemis cheia de seios". Usava um colar de bolotas, pois o carvalho era sagrado para ela, e em seu peitoral apareciam os signos do zodíaco. Na cabeça, surgia uma grande coroa, tendo sempre no topo as torres pequenas da cidade de Éfeso.[1] Essa coroa talvez guardasse um meteorito "que caiu do céu" (At 19.35). Geralmente, sua saia era decorada com fileiras de animais, indicativo de fertilidade, e nos lados havia abelhas, retratadas como insetos reais e sacerdotisas ("abelhas de mel"), adornadas com coroas e asas. A própria Ártemis era conhecida como a abelha-rainha, e seus sacerdotes castrados eram chamados "zangões".

Sua imagem, da qual se dizia possuir santidade especial, aparece em moedas, papiros, pinturas em paredes, esculturas, estatuetas (cf. v. 24) e estatuárias maiores. Cerca de 50 estátuas de pedra de Ártemis foram descobertas em sítios arqueológicos antigos, em regiões bastante remotas do mundo antigo. Dizia-se que seis palavras mágicas estavam inscritas sobre a imagem da Ártemis efésia, apesar de nunca terem sido encontradas. Dizia-se que os encantamentos em nome de Ártemis tinham muita força (v. 19), afirmação comprovada pelos papiros mágicos.[2]

Conta-se que o primeiro ídolo a representar Ártemis foi entalhado em madeira e posto dentro de um carvalho em Éfeso pelas Amazonas. Logo o santuário foi cercado por uma vila e se tornou lugar de peregrinação. Nesse local, um templo sucedia ao outro em tamanho e esplendor, até que o santuário definitivo foi considerado umas das Sete Maravilhas do Mundo Antigo. Milhares de funcionários serviam nos imensos pavilhões do santuário, e enormes somas de dinheiro eram entregues para a manutenção de Ártemis. Como resultado, o complexo do templo tornou-se o maior centro bancário da Ásia.[3] Ártemis não era apenas a divindade guardiã de Éfeso, mas também figurava nas inscrições como deusa salvadora. Os mortos eram entregues a seu cuidado, e pensava-se que ela concedia ajuda às mulheres em trabalho de parto. Rituais secretos conhecidos como "mistérios", retratando o nascimento e a morte, iniciavam seus devotos.[4]

Atos 19.23-41 relata o primeiro de muitos confrontos entre os seguidores de Cristo e os de Ártemis. No final, a causa cristã prevaleceu: o grande templo foi demolido, e as estátuas de culto foram escondidas.

[1]Ver "Éfeso nos tempos de Paulo", em 2Tm 4. [2]Ver também "A magia no mundo grego-romano", em Gl 5. [3]Ver "Banco e dinheiro no mundo antigo", em Ne 5. [4]Ver também "Religiões de mistério", em Cl 3.



Ruínas do templo de Adriano em Éfeso, dedicado a Ártemis

Preserving Bible Times; © dr. James C. Martin

Tomando consigo os discípulos,[l] passou a ensinar diariamente na escola de Tirano. 10 Isso continuou
19.10 [m]At 20.31; [n]v. 22,26,27
por dois anos,[m] de forma que todos os judeus e os gregos que viviam na província da Ásia[n] ouviram a palavra do Senhor.

19.11 [o]At 8.13
19.12 [p]At 5.15
11 Deus fazia milagres extraordinários[o] por meio de Paulo, 12 de modo que até lenços e aventais que Paulo usava eram levados e colocados sobre os enfermos. Estes eram curados de suas doenças,[p] e os espíritos malignos saíam deles.

19.13 [q]Mt 12.27; [r]Mc 9.38
13 Alguns judeus que andavam expulsando espíritos malignos[q] tentaram invocar o nome do Senhor Jesus sobre os endemoninhados, dizendo: "Em nome de Jesus,[r] a quem Paulo prega, eu ordeno que saiam!" 14 Os que estavam fazendo isso eram os sete filhos de Ceva, um dos chefes dos sacerdotes dos judeus. 15 Um dia, o espírito maligno lhes respondeu: "Jesus, eu conheço, Paulo, eu sei quem é; mas vocês, quem são?" 16 Então o endemoninhado saltou sobre eles e os dominou, espancando-os com tamanha violência que eles fugiram da casa nus e feridos.

19.17 [s]At 18.19; [t]At 5.5,11
17 Quando isso se tornou conhecido de todos os judeus e gregos que viviam em Éfeso,[s] todos eles foram tomados de temor;[t] e o nome do Senhor Jesus era engrandecido. 18 Muitos dos que creram vinham, e confessavam, e declaravam abertamente suas más obras. 19 Grande número dos que tinham praticado ocultismo reuniram seus livros e os queimaram publicamente. Calculado o valor total, este chegou a cinquenta mil dracmas[a]. 20 Dessa maneira a palavra do Senhor muito se difundia e se fortalecia.[u]

19.20 [u]At 6.7; 12.24
19.21 [v]At 20.16, 22; Rm 15.25; [w]At 16.9; [x]At 18.12; [y]Rm 15.24,28
21 Depois dessas coisas, Paulo decidiu no espírito ir a Jerusalém,[v] passando pela Macedônia[w] e pela Acaia.[x] Ele dizia: "Depois de haver estado ali, é necessário também que eu vá visitar Roma".[y] 22 Então enviou à Macedônia dois dos seus auxiliares,[z] Timóteo[a] e Erasto,[b] e permaneceu mais um pouco na província da Ásia.[c]

19.22 [z]At 13.5; [a]At 16.1; [b]Rm 16.23; 2Tm 4.20; [c]v. 10,26,27

O Tumulto em Éfeso

19.23 [d]At 9.2
23 Naquele tempo houve um grande tumulto por causa do Caminho.[d] 24 Um ourives chamado Demétrio, que fazia miniaturas de prata do templo de Ártemis e que dava muito lucro aos artífices, 25 reuniu-os com os trabalhadores dessa profissão e disse: "Senhores, vocês sabem que temos uma boa fonte de lucro nesta atividade[e] 26 e estão vendo e ouvindo como este indivíduo, Paulo, está convencendo e desviando grande número de pessoas aqui em Éfeso[f] e em quase toda a província da Ásia. Diz ele que deuses feitos por mãos humanas não são deuses.[g] 27 Não somente há o perigo de nossa profissão perder sua reputação, mas também de o templo da grande deusa Ártemis cair em descrédito e de a própria deusa, adorada em toda a província da Ásia e em todo o mundo, ser destituída de sua majestade divina".

19.25 [e]At 16.16, 19,20
19.26 [f]At 18.19; [g]Dt 4.28; Sl 115.4; Is 44.10-20; Jr 10.3-5; At 17.29; 1Co 8.4; Ap 9.20

19.28 [h]At 18.19
28 Ao ouvirem isso, eles ficaram furiosos e começaram a gritar: "Grande é a Ártemis dos efésios!"[h]

19.29 [i]At 20.4; Rm 16.23; 1Co 1.14; [j]At 20.4; 27.2; Cl 4.10; Fm 24; [k]At 16.9
29 Em pouco tempo a cidade toda estava em tumulto. O povo foi às pressas para o teatro, arrastando

[a] **19.19** A dracma era uma moeda de prata equivalente à diária de um trabalhador braçal.

19.12 Os lenços e aventais eram provavelmente usados por Paulo ao trabalhar com o couro. Os lenços eram amarrados na cabeça e em torno da cintura.

19.13 Sobre os "espíritos malignos", ver "Os demônios e a Bíblia", em Mt 8.

19.14 Ceva, "um dos chefes dos sacerdotes dos judeus", talvez tivesse algum parentesco com a família sumo sacerdotal de Jerusalém. O mais provável, porém, é que se tenha autodesignado assim para impressionar mais com seus truques mágicos. Impressionados eles próprios com a capacidade que Paulo tinha de expulsar os espíritos maus, os exorcistas judeus queriam copiar sua obra.

19.19 Foram escavados documentos semelhantes aos mencionados aqui, com alegadas fórmulas mágicas e informações secretas. Éfeso era um centro de encantamentos e magia. O alto valor de 50 mil dracmas (uma dracma correspondia ao salário um dia de trabalho) não se devia à qualidade dos livros, mas ao suposto poder que se obteria mediante a recitação de fórmulas e nomes secretos.

19.21 A Macedônia e a Acaia eram as duas províncias romanas resultantes da divisão interna da Grécia.

19.22 Erasto, em certa época "administrador da cidade" (ver Rm 16.23 e nota), foi uma importante figura em Corinto (ver "A inscrição de Erasto", em Rm 16).

19.23 O Caminho, como nome para o cristianismo, ocorre diversas vezes em Atos.

19.24 Cada profissão tinha sua associação de classe, e Demétrio era provavelmente o líder da corporação dos artífices de miniaturas e imagens. Algumas reproduções da imagem original de Ártemis, do período do imperador Domiciano (81-96 d.C.), foram encontradas em Éfeso (ver "A Ártemis dos efésios", em At 19).

19.25 O templo de Ártemis era uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo (ver nota no v. 27), por isso as pessoas vinham de toda parte para admirá-lo. A venda de miniaturas do templo e de imagens, feitas de prata, dava muito lucro aos artífices.

19.27 O templo de Ártemis era a glória de Éfeso. Tinha 130 metros de comprimento e 67 metros de largura. Possuía 127 colunas de mármore branco, cada uma com 19 metros de altura, e o espaço entre elas era de 1,20 metro. No santuário interior, estava a imagem, supostamente caída do céu, representada por uma mulher com muitos seios.

19.29 Apesar da estrutura dramática rudimentar discernível no livro de Jó e em Cântico dos Cânticos, Israel não produzia peças teatrais, por isso não possuía nenhum teatro. A palavra "teatro" vem do grego e é um substantivo derivado do verbo *theaomai*, que significa "ver" ou "considerar". O teatro grego e o teatro romano — que sucedeu o grego — eram estruturas projetadas para acomodar em assentos os espectadores durante as apresentações. O teatro era geralmente uma estrutura a céu aberto, um semicírculo com assentos de pedra construído ao lado de uma colina e que podia acomodar 5 mil pessoas ou mais. Os assentos eram cortados concentricamente (direcionados para um centro comum), e na base do auditório uma peça semicircular em desnível acomodava a "orquestra" (o espaço em que o coral, parte indispensável de todas as peças gregas, e os atores atuavam). Apenas três atores atuavam numa tragédia grega para preencher todos os papéis envolvidos na peça. Na tela, era pintada uma representação grosseira de árvores, um templo ou uma casa. A palavra grega para "tela" é *skēnē* — por conseguinte, "cenário" no sentido teatral. Os teatros gregos remanescentes são acusticamente notáveis. Eram usados para reuniões públicas, uma vez que, provavelmente, proporcionavam os maiores espaços para as assembleias da cidade. Foram escavadas as ruínas do teatro em Éfeso, que revelaram uma estrutura imponente, com capacidade para 25 mil pessoas. Os teatros romanos tendiam a ser mais elaborados que os gregos e continham um palco mais bem acabado. Talvez em razão das necessidades de um clima mais severo, eram cobertos, pelo menos em parte.

os companheiros de viagem de Paulo, os macedônios[i] Gaio[j] e Aristarco.[k] 30 Paulo queria apresentar-se à multidão, mas os discípulos não o permitiram. 31 Alguns amigos de Paulo dentre as autoridades da província chegaram a mandar-lhe um recado, pedindo-lhe que não se arriscasse a ir ao teatro.

32 A assembleia estava em confusão: uns gritavam uma coisa, outros gritavam outra.[l] A maior parte do povo nem sabia por que estava ali. 33 Alguns da multidão julgaram que Alexandre era a causa do tumulto, quando os judeus o empurraram para a frente. Ele fez sinal[m] pedindo silêncio, com a intenção de fazer sua defesa diante do povo. 34 Mas, quando ficaram sabendo que ele era judeu, todos gritaram a uma só voz durante cerca de duas horas: "Grande é a Ártemis dos efésios!"

35 O escrivão da cidade acalmou a multidão e disse: "Efésios,[n] quem não sabe que a cidade de Éfeso é a guardiã do templo da grande Ártemis e da sua imagem que caiu do céu? 36 Portanto, visto que estes fatos são inegáveis, acalmem-se e não façam nada precipitadamente. 37 Vocês trouxeram estes homens aqui, embora eles não tenham roubado templos[o] nem blasfemado contra a nossa deusa. 38 Se Demétrio e seus companheiros de profissão têm alguma queixa contra alguém, os tribunais estão abertos, e há procônsules.[p] Eles que apresentem suas queixas ali. 39 Se há mais alguma coisa que vocês desejam apresentar, isso será decidido em assembleia, conforme a lei. 40 Da maneira como está, corremos o perigo de sermos acusados de perturbar a ordem pública por causa dos acontecimentos de hoje. Nesse caso, não seríamos capazes de justificar este tumulto, visto que não há razão para tal". 41 E, tendo dito isso, encerrou a assembleia.

Paulo Viaja pela Macedônia e pela Grécia

20 Cessado o tumulto, Paulo mandou chamar os discípulos[q] e, depois de encorajá-los, despediu-se e partiu para a Macedônia.[r] 2 Viajou por aquela região, encorajando os irmãos com muitas palavras e, por fim, chegou à Grécia, 3 onde ficou três meses. Quando estava a ponto de embarcar para a Síria, os judeus fizeram uma conspiração contra ele;[s] por isso decidiu voltar pela Macedônia,[t] 4 sendo acompanhado por Sópatro, filho de Pirro, de Bereia; Aristarco[u] e Secundo, de Tessalônica;[v] Gaio,[w] de Derbe; e Timóteo,[x] além de Tíquico[y] e Trófimo,[z] da província da Ásia. 5 Esses homens foram adiante e nos esperaram[a] em Trôade.[b] 6 Navegamos de Filipos,[c] após a festa dos pães sem fermento, e cinco dias depois nos reunimos com os outros em Trôade,[d] onde ficamos sete dias.

A Ressurreição de Êutico em Trôade

7 No primeiro dia da semana[e] reunimo-nos para partir o pão, e Paulo falou ao povo. Pretendendo partir no dia seguinte, continuou falando até a meia-noite. 8 Havia muitas candeias no piso superior[f]

19.32 [l]At 21.34
19.33 [m]At 12.17
19.35 [n]At 18.19
19.37 [o]Rm 2.22
19.38 [p]At 13.7, 8,12
20.1 [q]At 11.26; [r]At 16.9
20.3 [s]v. 19; At 9.23,24; 23.12,15,30; 25.3; 2Co 11.26; [t]At 16.9
20.4 [u]At 19.29; [v]At 17.1; [w]At 19.29; [x]At 16.1; [y]Ef 6.21; Cl 4.7; 2Tm 4.12; Tt 3.12; [z]At 21.29; 2Tm 4.20
20.5 [a]At 16.10; [b]At 16.8
20.6 [c]At 16.12; [d]At 16.8
20.7 [e]1Co 16.2; Ap 1.10
20.8 [f]At 1.13

VOZES ANTIGAS

Para a maioria, a doença começou sem razão aparente. Pelo contrário, as pessoas saudáveis foram repentinamente acometidas por febre alta e vermelhidão e inflamação nos olhos. Internamente, a garganta e a língua ficaram da cor vermelho vivo, e a respiração tornou-se estranha e expelia secreção. Depois disso, espirros e rouquidão apareceram, e em pouco tempo a dor desceu para o peito e era acompanhada por uma tosse muito forte. Quando se estabeleceu no estômago, ela o desarranjou e, além disso, as pessoas vomitavam fluidos de todos os tipos conhecidos pelos médicos, acompanhados de uma dor muito grande. Na maioria dos casos, as ânsias de vômito vinham depois e produziam violentos espasmos. Alguns encontravam alívio logo depois disso, mas para outros o alívio chegava muito mais tarde. Externamente, o corpo não estava excessivamente quente ao toque nem empalidecido, mas se apresentava avermelhado, lívido e cheio de pústulas e feridas. Internamente, porém, queimava tanto que ninguém conseguia suportar vestir nem mesmo a roupa mais leve ou de linho ou aguentar qualquer coisa senão ficar nu, e as pessoas desejavam muito atirar-se na água fria. E muitos dos que sofriam assim, quando não estavam sob os cuidados de alguém, realmente fizeram isso. Compelidos por uma sede incessante, iam aos tanques de água (embora fizesse pouca diferença se bebessem pouca ou muita água).

— TUCÍDIDES DESCREVE A PESTE EM ATENAS DURANTE A GUERRA DO PELOPONESO

De Tucídides, *A Guerra do Peloponeso*, 2.49.1 (tradução por Duane Garrett)

Ver o artigo "Grécia: do período pré-histórico ao Império Micênico" em At 20.

19.38 As palavras "tribunais" e "procônsules" provavelmente são termos gerais, não se referindo a mais de um tribunal ou a mais de um procônsul. Como capital da província da Ásia, Éfeso era o escritório central do procônsul.
19.39 A "assembleia, conforme a lei", era a reunião regular dos interesses do povo, que em geral era realizada três vezes por mês.
20.4 Esses homens parecem ser os representantes nomeados para acompanhar Paulo e a quantia arrecadada para os necessitados da Judeia. Para mais informações sobre Timóteo, ver nota em 16.1.
20.5 Para mais informações sobre Trôade, ver nota em 16.8. Essa cidade deve ter sido o local de encontro entre Paulo e os que viajassem adiante dele por via marítima, a partir de Neápolis, o porto de Filipos.
20.6 Sobre a festa dos pães sem fermento, ver nota em Mt 26.17. A viagem de Neápolis a Trôade (o porto marítimo de Filipos) levava cinco dias.
20.7 O "primeiro dia da semana" era o domingo. Essa é a primeira referência clara a uma reunião de adoração dos cristãos nesse dia, embora a adoração aos domingos por certo já se tornara uma prática comum. Embora alguns sustentem que eles se reuniam no sábado à tarde, visto que o dia judaico começava às 18 horas, na tarde anterior, não há indícios de que Lucas empregasse o método judaico de computar o horário ao narrar fatos ocorridos em ambientes helenísticos, e sim o método romano, que contava o dia de meia-noite a meia-noite.
"Para partir o pão" é uma referência à ceia do Senhor.

onde estávamos reunidos. 9 Um jovem chamado Êutico, que estava sentado numa janela, adormeceu profundamente durante o longo discurso de Paulo. Vencido pelo sono, caiu do terceiro andar. Quando o levantaram, estava morto. 10 Paulo desceu, inclinou-se sobre o rapaz[g] e o abraçou, dizendo: "Não fiquem alarmados! Ele está vivo!"[h] 11 Então subiu novamente, partiu o pão[i] e comeu. Depois, continuou a falar até o amanhecer e foi embora. 12 Levaram vivo o jovem, o que muito os consolou.

20.10 [g]1Rs 17.21; 2Rs 4.34; [h]Mt 9.23,24
20.11 [i]v. 7

20.9 Ver "Casas na Terra Santa do século I d.C.: a casa de Pedro em Cafarnaum; *insulae*", em Mt 14.



Grécia: do período pré-histórico ao Império Micênico

ATOS 20 A ocupação da Grécia remonta ao período pré-histórico, com as mais antigas comunidades agrícolas identificáveis nas planícies férteis da Tessália e da Macedônia, duas regiões ao norte da Grécia. Entre 2200 e 2000 a.C., várias ondas de invasores cobriram a região e estabeleceram assentamentos. Acredita-se que essas tribos eram os ancestrais étnicos dos modernos gregos, apesar de eles não terem deixado evidências de uma sociedade organizada.

A primeira grande civilização na região desenvolveu-se em Creta.[1] Os especialistas modernos vinculam essa cultura com a dos minoicos, nome que vem de Minos, rei lendário de Creta. Não sabemos como esse povo chamava a si mesmo, já que os pesquisadores não conseguiram até agora decifrar o manuscrito no qual sua língua foi escrita, conhecida simplesmente como linear A.

Os minoicos eram artistas completos, engenheiros, marinheiros e mercadores (motivos minoicos aparecem em algumas obras de arte egípcias). Com o tempo, a civilização minoica entrou em declínio, até que desapareceu inteiramente por volta do ano 1000 a.C. O colapso da civilização minoica é geralmente atribuído à uma erupção vulcânica na ilha vizinha de Tira (moderna Santorini) durante a metade do II milênio a.C. (talvez ca. 1640 a.C.). Ainda que a catástrofe tenha sido um trauma significativo, os minoicos ainda existiam muito tempo depois desse acontecimento. Foi provavelmente a pilhagem de seu território pelos **povos do mar**, iniciada por volta de 1200 a.C., que levou finalmente o período minoico ao fim. Nos dias de hoje, o viajante pode visitar as ruínas de quatro grandes palácios minoicos em Cnossos, Festos, Mália e Zakros, repletos de afrescos, joias e outras obras de arte.

Por volta de 1400 a.C., o império Micênico tornou-se proeminente. Sua capital, Micenas, era uma cidade expressivamente fortificada, localizada na parte nordeste da península do Peloponeso. Sua influência espalhou-se pelo continente e por muitas ilhas, e os micênicos desenvolveram uma escrita própria, conhecida pelos arqueólogos como linear B. Em 1952, Michael Ventris, arquiteto britânico, conseguiu decifrar o idioma minoico, descobrindo que se trata de uma forma pré-alfabética do grego — fazendo dos micênicos os primeiros falantes identificáveis do grego. Homero declara que seu rei mais famoso, Agamenon, conduziu uma campanha militar grega por volta de 1250 a.C. contra a cidade de Troia, localizada na costa ocidental da moderna Turquia. De acordo com Homero, os governantes de vários distritos da Grécia foram obrigados a providenciar homens e suprimentos para a operação. Durante muitos anos, os especialistas duvidaram da historicidade da guerra de Troia, mas as descobertas arqueológicas dos séculos XIX e XX, inclusive a da própria cidade de Troia, levou a maioria dos pesquisadores a concluir que o épico de Homero está baseado numa história real, a despeito de sua narrativa estar repleta de mitos.

Perto de 1150 a.C., os grandes centros da civilização micênica já se encontravam destruídos. O colapso da civilização micênica é geralmente atribuído aos invasores do norte, mas há pouca evidência para sustentar essa hipótese. É possível que o fim da civilização micênica ocorreu como resultado de mudanças na estratégia militar e no armamento, que tornou a velha aristocracia militar dos micênicos obsoleta e levou ao surgimento de tropas de infantaria itinerantes (os povos do mar), habilidosos na conquista e no saque. Em consequência de haver ignorado o problema por centenas de anos, a Grécia mergulhou na idade das trevas. Os assentamentos tornaram-se isolados por causa da pobreza e do terreno acidentado e montanhoso que separava a Grécia de seus vizinhos.

[1]Ver "Creta", em Tt 1.

HISTÓRIA CRONOLÓGICA DA GRÉCIA DE 600 A.C. A 142 A.C.

	Acontecimentos	Pessoas
600 a.C.		Sólon, o Arconte (594)
		Anaximandro
	Fundada a Liga do Peloponeso (ca. 550)	Anaxímenes
	Tirania de Atenas (ca. 546)	Pitágoras
		Xenófanes
	Democracia em Atenas (507)	Heráclito
500	Revolta Jônica contra Dario I da Pérsia (499-493)	
	Ataque contra Atenas por Dario I (490)	
	Ataque persa contra a Grécia sob a liderança de Xerxes (480-479)	Píndaro
	Fundada a aliança ateniense (478)	
		Lísias (459-380)
		Ésquilo (458)
	Lei da cidadania de Péricles (451-450)	
	Paz de Atenas com a Pérsia (449)	
		Sófocles (441)
		Heródoto
		Anaxágoras
		Hipócrates
		Sócrates
	Guerra do Peloponeso (431-404)	Aristófanes (431)
		Platão (429-380)
		Xenofonte (428-354)
		Demóstenes
		Aristóteles (m. 322)
		Eurípedes (m. 405)
400	Expedição dos 10 mil (401-400)	
	Expedição de Esparta na Ásia Menor (400-394)	
	Paz de Esparta com a Pérsia (387)	
	Tebes derrota Esparta (371)	
		Menander (342-291)
		Epicuro (341-271)

	Acontecimentos	Pessoas
400 cont.	Filipe II da Macedônia conquista a Grécia (338)	
		Zenão (336-264)
	Alexandre ataca a Pérsia (334)	
	Morte de Alexandre (323)	
		Arato de Solos (315-240)
	Início do período selêucida (311)	
300	Primeira guerra síria (276-273)	
	Segunda guerra síria (260-255)	
	Terceira guerra síria (246-241)	
	Antíoco III (o Grande), governador selêucida da Síria (223-187)	
	Antíoco III é expulso do Egito; derrotado em Ráfia por Ptolomeu IV (217)	Políbio (208-126)
200	Antíoco III derrota o Egito na batalha de Pânio e controla a Palestina (198)	
	Os selêucidas são expulsos da Ásia Menor pelos romanos (188)	
	A Siro-Palestina governada por Antíoco IV (Epifânio) (175-163)	
	Antíoco ataca Jerusalém e persegue os judeus (168)	
	A revolta dos macabeus contra os sírios (167)	
	Síria perde o controle político sobre a Judeia (142)	

Chronological and Background Charts of the New Testament, p. 50-51.



POVOS, TERRAS E GOVERNANTES ANTIGOS

Grécia: das cidades-Estado independentes até Alexandre, o Grande

ATOS 20 Durante esse período, as cidades-Estado, ou *polis*, se desenvolveram. O temor de ataque era constante, e a maioria das centenas de cidades-Estado cresceu em torno de uma fortaleza de fácil defesa denominada "cidadela" ou "**acrópole**". Durante o período arcaico (séc. VII-VI a.C.), a Grécia começou a recuperar-se, e as cidades-Estado passaram a reivindicar seus direitos e a exigir reconhecimento. Na península do Peloponeso (sudoeste da Grécia), Esparta alcançou proeminência, assim como Corinto e Argos, ao norte e ao leste, respectivamente. No norte da Grécia, Tebas exerceu hegemonia sobre a Liga Beócia, federação de cidades daquela região, enquanto Atenas e Mégara rivalizavam pela autoridade na região da Ática.[1] Enquanto isso, as colônias gregas prosperavam por todo o Mediterrâneo oriental. Os dois maiores centros das colônias gregas eram o litoral oriental da **Anatólia** (Turquia) e a metade inferior da Itália, inclusive a Sicília.

Logo depois de 500 a.C., os gregos viram-se diante de uma formidável ameaça externa. O rei **persa** Dario I aumentou sua influência no Oriente até o moderno Paquistão e no Ocidente até a Trácia e a Macedônia.[2] As cidades gregas da Anatólia Ocidental, com a ajuda de várias cidades-Estado gregas, rebelaram-se contra a Pérsia em 499-493 a.C. Depois que Dario esmagou a revolta, decidiu que toda a Grécia deveria ser subjugada e enviou mensageiros por toda a região para exigir obediência. Muitas cidades-Estado — menos Atenas e Esparta — renderam-se. Dario, chegou em 490 com um exército considerável, destruiu a cidade de Erétria e começou a pressionar o sul em torno de Atenas. Seu exército de talvez 20 mil soldados deparou com um contingente ateniense inferior de 9 mil em Maratona. O brilhante general ateniense, Milcíades, todavia, conduziu seus homens a uma vitória decisiva (492 a.C.)

Depois da morte de Dario I, seu filho, Xerxes, voltou à Grécia, em 480 a.C., com um exército gigantesco. A máquina de guerra persa rumou para o sul, devastando tudo em seu caminho. Esparta preparou-se para a defesa terrestre, enquanto Atenas aumentou sua frota naval. Os persas saquearam Atenas (abandonada pelos atenienses), mas a frota naval ateniense conseguiu atrair Xerxes para uma batalha num canal estreito perto da ilha de Salamina, na qual os persas, sem saída, foram derrotados. Pelo fato de seu exército ser extremamente vulnerável sem apoio marítimo, Xerxes recuou, deixando um contingente de 60 mil soldados, que tentaram subjugar os gregos no ano seguinte. Eles foram destruídos por um exército liderado por Esparta em Plateias, eliminando efetivamente a ameaça persa.

Apenas pouco antes de 500 a.C., Atenas se tornou a primeira democracia da história. O povo expulsou diversos tiranos e estabeleceu uma assembleia popular. As outras cidades-Estado começaram a desconfiar dos atenienses e de sua forma de governo aberrante, e Atenas deu ainda mais motivos para se preocuparem: depois que expulsou os persas da Grécia e, logo em seguida, de algumas cidades gregas da Ásia Menor, Atenas fundou a Liga Ateniense, confederação de cidades gregas em torno do mar Egeu. Atenas, na condição de líder, tornou-se tremendamente próspera por causa do vultoso tributo que recolhia. Os monumentos gloriosos da Acrópole ateniense foram financiados pelo dinheiro cobrado dos membros da liga, e, por volta da metade do século V a.C., Atenas havia se tornado a cidade mais próspera e culturalmente destacada da Grécia. O dramaturgo Aristófanes, os tragediógrafos Ésquilo, Sófocles e Eurípedes e o filósofo Sócrates, todos residiram na cidade nessa época.

Em 431 a.C., Esparta, Corinto, Mégara e outras aliadas reagiram com força militar. O historiador Tucídides relata os acontecimentos do conflito em *A Guerra do Peloponeso*. Uma epidemia destruiu a população ateniense em 430, embora os atenienses continuassem a se sustentar sob a pesada ameaça. O momento decisivo veio quando os atenienses lançaram uma campanha frustrada para conquistar Siracusa, na ilha da Sicília. Os espartanos aproveitaram a vantagem e forçaram uma rendição ateniense em 404, derrubando suas muralhas, mas poupando a cidade.

Durante grande parte do século IV a.C., a Grécia esteve envolvida em conflitos entre uma ressurgente Atenas, Esparta, Corinto e Tebas. Alianças entre as quatro proeminentes cidades eram repetidamente estabelecidas e rompidas. O futuro da Grécia, no entanto, nesse ponto parou no norte, com Filipe II da Macedônia, cujo exército varreu o sul e esmagou o exército confederado grego em 338 a.C., em Queroneia, perto de Tebas. Várias tentativas de revolta se mostraram inúteis, e o controle macedônio sobre a Grécia foi fortalecido no reinado do filho de Filipe, Alexandre, o Grande, que iniciou uma invasão ao Império Persa e, no curso de poucos anos de campanhas relâmpagos pela Anatólia, Levante, Egito, Mesopotâmia e Pérsia, levaram aquele império ao seu final.

[1]Ver "Atenas", em At 17. [2]Ver "Dario I", em Ed 5.

POVOS, TERRAS E GOVERNANTES ANTIGOS

Grécia: o domínio romano e a expansão do cristianismo



O Partenon, em Atenas
Preserving Bible Times; © dr. James C. Martin

ATOS 20 Logo após a morte de Alexandre, em 323 a.C., uma luta pelo poder teve lugar entre seus principais generais. A Grécia, finalmente, caiu sob o controle de Antígono e seus descendentes, conhecidos como os antigônidas. Os gregos descontentes se opuseram, formando dois Estados, a Liga Etólia, no norte, e a Liga Aqueia, liderada por Corinto, no sul. Iniciando em 214 a.C., o rei antigônido Filipe V tentou punir esses estados e apertar o pulso sobre a Grécia. Em resposta, os estados gregos buscaram ajuda de um poder emergente no ocidente: Roma. Os romanos, que anteriormente haviam tentado invadir os territórios de Filipe, responderam, enviando uma força militar considerável. Em 197 a.C., o general romano Tito Quinto Flamínio derrotou o exército de Filipe V em Tessália. Por volta de 196, a "libertação" da Grécia estava completa, e nasceu a província romana da Acaia.

Os romanos mantiveram pela civilização grega a mais alta consideração e adotaram muitos de seus costumes e tradições. Roma protegeu as grandes cidades e os monumentos da Grécia, tanto quanto o domínio romano não fosse desafiado pelos gregos — que realmente testaram os romanos em duas ocasiões, ambas com resultados desastrosos. Em 172 a.C., Perseu, filho de Filipe V, invadiu a Grécia na tentativa de ganhar de volta as terras de seu pai. Muitos gregos tinham simpatia por Perseu e, depois de sua derrota completa, em 167 a.C., os romanos puniram os gregos, levando mil de seus jovens nobres para Roma como reféns. Em 146 a.C., a Liga Aqueia, liderada por Corinto, também se revoltou. Os romanos reagiram, enviando o general Múmio, que derrotou um insignificante exército aqueu e entrou em Corinto sem oposição. Ele queimou a cidade, matou seus habitantes e levou grande parte de suas valiosas obras de arte de volta para Roma. Esse incidente pôs fim a quaisquer sonhos realistas de uma independência ressurgente grega.

Corinto foi restabelecida por Júlio César, em 44 a.C., como uma colônia romana, e os gregos viveram em relativa paz com o Império Romano daquele momento em diante. Corinto, que possuía portos importantes abertos para o Mediterrâneo Oriental e Ocidental, cresceu e se tornou a capital comercial da Grécia e a cidade mais cosmopolita.[1] Atenas conservou sua posição como o centro cultural da Grécia, enquanto Esparta e Tebas se tornaram insignificantes. O impressionante sistema de estradas romanas trouxe prosperidade comercial para outras cidades da Grécia, como Tessalônica e Filipos.[2] Sob o governo romano, a Grécia desfrutou algo que nunca experimentara enquanto livre: a paz. Nessa situação ideal, a igreja do NT criou raízes e pôde prosperar.[3]

[1]Ver "Corinto", em 2Co 1. [2]Ver "Tessalônica", em 1Ts 1; e "Filipos", em Fp 1. [3]Ver também "O Império Romano", em Rm 4.

Paulo Despede-se dos Presbíteros de Éfeso

13 Quanto a nós, fomos até o navio e embarcamos para Assôs, onde iríamos receber Paulo a bordo. Assim ele tinha determinado, tendo preferido ir a pé. 14 Quando nos encontrou em Assôs, nós o recebemos a bordo e prosseguimos até Mitilene. 15 No dia seguinte navegamos dali e chegamos defronte de Quio; no outro dia atravessamos para Samos e, um dia depois, chegamos a Mileto.[j] 16 Paulo tinha decidido não aportar em Éfeso,[k] para não se demorar na província da Ásia, pois estava com pressa de chegar a Jerusalém,[l] se possível antes do dia de Pentecoste.[m]

17 De Mileto, Paulo mandou chamar os presbíteros[n] da igreja de Éfeso. 18 Quando chegaram, ele lhes disse: "Vocês sabem como vivi todo o tempo em que estive com vocês,[o] desde o primeiro dia em que cheguei à província da Ásia. 19 Servi ao Senhor com toda a humildade e com lágrimas, sendo severamente provado pelas conspirações dos judeus.[p] 20 Vocês sabem que não deixei de pregar a vocês nada[q] que fosse proveitoso, mas ensinei tudo publicamente e de casa em casa. 21 Testifiquei, tanto a judeus[r] como a gregos, que eles precisam converter-se a Deus com arrependimento[s] e fé em nosso Senhor Jesus.[t]

22 "Agora, compelido pelo Espírito, estou indo para Jerusalém,[u] sem saber o que me acontecerá ali. 23 Só sei que, em todas as cidades, o Espírito Santo me avisa[v] que prisões e sofrimentos me esperam.[w] 24 Todavia, não me importo, nem considero a minha vida de valor[x] algum para mim mesmo, se tão somente puder terminar a corrida e completar o ministério[y] que o Senhor Jesus me confiou,[z] de testemunhar do evangelho da graça de Deus.

25 "Agora sei que nenhum de vocês, entre os quais passei pregando o Reino, verá novamente a minha face.[a] 26 Portanto, eu declaro hoje que estou inocente do sangue de todos.[b] 27 Pois não deixei de proclamar a vocês toda a vontade de Deus.[c] 28 Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os designou como bispos[a],[d] para pastorearem a igreja de Deus[b], que ele comprou com o seu próprio sangue. 29 Sei que, depois da minha partida, lobos ferozes[e] penetrarão no meio de vocês e não pouparão o rebanho.[f] 30 E dentre vocês mesmos se levantarão homens que torcerão a verdade, a fim de atrair os discípulos.[g] 31 Por isso, vigiem! Lembrem-se de que durante três anos[h] jamais cessei de advertir cada um de vocês disso, noite e dia, com lágrimas.[i]

32 "Agora, eu os entrego a Deus[j] e à palavra da sua graça, que pode edificá-los e dar-lhes herança[k] entre todos os que são santificados.[l] 33 Não cobicei a prata, nem o ouro, nem as roupas de ninguém.[m] 34 Vocês mesmos sabem que estas minhas mãos supriram minhas necessidades e as de meus companheiros.[n] 35 Em tudo o que fiz, mostrei a vocês que mediante trabalho árduo devemos ajudar os fracos, lembrando as palavras do próprio Senhor Jesus, que disse: 'Há maior felicidade em dar do que em receber' ".

36 Tendo dito isso, ajoelhou-se com todos eles e orou.[o] 37 Todos choraram muito e, abraçando-o, o beijavam.[p] 38 O que mais os entristeceu foi a declaração de que nunca mais veriam a sua face.[q] Então o acompanharam até o navio.

A Caminho de Jerusalém

21 Depois de nos[r] separarmos deles, embarcamos e navegamos diretamente para Cós. No dia seguinte fomos para Rodes e dali até Pátara. 2 Encontrando um navio que ia fazer a travessia para a Fenícia,[s] embarcamos nele e partimos. 3 Depois de avistarmos Chipre e seguirmos rumo sul, navegamos para a Síria. Desembarcamos em Tiro, onde o nosso navio deveria deixar sua carga. 4 Encontrando os discípulos[t] dali, ficamos com eles sete dias. Eles, pelo Espírito,[u] recomendavam a Paulo que não fosse a Jerusalém. 5 Mas, quando terminou o nosso tempo ali, partimos e continuamos nossa viagem. Todos os discípulos, com suas mulheres e filhos, nos acompanharam até fora da cidade e ali na praia nos ajoelhamos e oramos.[v] 6 Depois de nos despedirmos, embarcamos, e eles voltaram para casa.

[a] **20.28** Grego: *epíscopos*. Designa a pessoa que exerce função pastoral.
[b] **20.28** Muitos manuscritos trazem *igreja do Senhor*.

20.15 [v] v. 17; 2Tm 4.20
20.16 [k] At 18.19; [l] At 19.21; [m] At 2.1; 1Co 16.8
20.17 [n] At 11.30
20.18 [o] At 18.19-21; 19.1-41
20.19 [p] v. 3
20.20 [q] v. 27
20.21 [r] At 18.5; [s] At 2.38; [t] At 24.24; 26.18; Ef 1.15; Cl 2.5; Fm 5
20.22 [u] v. 16
20.23 [v] At 21.4; [w] At 9.16
20.24 [x] At 21.13; [y] 2Co 4.1; [z] Gl 1.1; Tt 1.3
20.25 [w] v. 38
20.26 [b] At 18.6
20.27 [c] v. 20
20.28 [d] 1Pe 5.2
20.29 [e] Mt 7.15; [f] v. 28
20.30 [g] At 11.26
20.31 [h] At 19.10; [i] v. 19
20.32 [j] At 14.23; [k] Ef 1.14; Cl 1.12; 3.24; Hb 9.15; 1Pe 1.4; [l] At 26.18
20.33 [m] 1Sm 12.3; 1Co 9.12; 2Co 7.2; 11.9; 12.14-17
20.34 [n] At 18.3
20.36 [o] Lc 22.41; At 21.5
20.37 [p] Lc 15.20
20.38 [q] v. 25
21.1 [r] At 16.10
21.2 [s] At 11.19
21.4 [t] At 11.26; [u] v. 11; At 20.23
21.5 [v] At 20.36

20.13 Assôs estava situada no lado da península oposto a Tróade — uma distância de 32 quilômetros por terra. A distância pelo litoral, no entanto, era de 64 quilômetros. A viagem pelo mar era comum na época do NT (ver "As viagens no mundo greco-romano", em 1Ts 3).
20.14 Mitilene era um porto no litoral sudeste da ilha de Lesbos.
20.15 Quio era uma grande ilha que ficava perto do litoral oeste da Ásia Menor. Samos era uma das ilhas mais importantes do Egeu, enquanto que Mileto estava localizada cerca de 56 quilômetros ao sul de Éfeso, sendo o porto destinatário do navio em que Paulo viajava. Para aportar em Éfeso, precisaria embarcar em outro navio, e assim teria perdido tempo.
20.16 Sobre o "dia de Pentecoste", ver nota em 2.1.
20.28 Os "bispos" são os "presbíteros da igreja" (v. 17).
21.1 Cós, uma das ilhas Espórades da costa da Ásia Menor, foi o lugar de nascimento de Hipócrates, o pai da medicina. Havia ali um grande assentamento judaico.
Rodes, aqui, é a cidade principal da ilha de mesmo nome, célebre no passado por seu Colosso de Rodes, uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo (demolido mais de dois séculos antes da chegada de Paulo ali).
Pátara estava localizada no litoral sul da Lícia. Paulo trocou de navio, deixando o que seguia pela costa da Ásia Menor e embarcando numa viagem direta a Tiro e à Fenícia (ver "As viagens no mundo greco-romano", em 1Ts 3).

21.7 wAt 12.20; xAt 1.16
21.8 yAt 8.40; zAt 6.5; 8.5-40; aEf 4.11; 2Tm 4.5
21.9 bLc 2.36; At 2.17
21.10 cAt 11.28
21.11 dv. 33; e1Rs 22.11
21.13 fAt 20.24; gAt 9.16
21.16 hAt 8.40; iv. 3,4
21.17 jAt 15.4
21.18 kAt 15.13; lAt 11.30
21.19 mAt 14.27; nAt 1.17
21.20 oAt 22.3; Rm 10.2; Gl 1.14; pAt 15.1,5
21.21 qv. 28; rAt 15.19-21; 1Co 7.18.19; sAt 6.14
21.23 tAt 18.18
21.24 uv. 26; At 24.18; vAt 18.18
21.25 wAt 15.20, 29
21.26 xNm 6.13-20; At 24.18
21.27 yAt 24.18; 26.21
21.28 zMt 24.15; At 24.5,6
21.29 aAt 20.4; bAt 18.19

7 Demos prosseguimento à nossa viagem partindo de Tiro[w] e aportamos em Ptolemaida, onde saudamos os irmãos[x] e passamos um dia com eles. 8 Partindo no dia seguinte, chegamos a Cesareia[y] e ficamos na casa de Filipe,[z] o evangelista,[a] um dos sete. 9 Ele tinha quatro filhas virgens, que profetizavam.[b]

10 Depois de passarmos ali vários dias, desceu da Judeia um profeta chamado Ágabo.[c] 11 Vindo ao nosso encontro, tomou o cinto de Paulo e, amarrando as suas próprias mãos e pés, disse: "Assim diz o Espírito Santo: 'Desta maneira os judeus amarrarão[d] o dono deste cinto em Jerusalém e o entregarão aos gentios' ".[e]

12 Quando ouvimos isso, nós e o povo dali rogamos a Paulo que não subisse para Jerusalém. 13 Então Paulo respondeu: "Por que vocês estão chorando e partindo o meu coração? Estou pronto não apenas para ser amarrado, mas também para morrer[f] em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus".[g] 14 Como não pudemos dissuadi-lo, desistimos e dissemos: "Seja feita a vontade do Senhor".

15 Depois disso, preparamo-nos e subimos para Jerusalém. 16 Alguns dos discípulos de Cesareia[h] nos acompanharam e nos levaram à casa de Mnasom, onde devíamos ficar. Ele era natural de Chipre[i] e um dos primeiros discípulos.

A Chegada de Paulo a Jerusalém

17 Quando chegamos a Jerusalém, os irmãos nos receberam com alegria.[j] 18 No dia seguinte Paulo foi conosco encontrar-se com Tiago,[k] e todos os presbíteros[l] estavam presentes. 19 Paulo os saudou e relatou minuciosamente o que Deus havia feito entre os gentios[m] por meio do seu ministério.[n]

20 Ouvindo isso, eles louvaram a Deus e disseram a Paulo: "Veja, irmão, quantos milhares de judeus creram, e todos eles são zelosos[o] da lei.[p] 21 Eles foram informados de que você ensina todos os judeus que vivem entre os gentios a se afastarem de Moisés,[q] dizendo-lhes que não circuncidem seus filhos[r] nem vivam de acordo com os nossos costumes.[s] 22 Que faremos? Certamente eles saberão que você chegou; 23 portanto, faça o que dizemos. Estão conosco quatro homens que fizeram um voto.[t] 24 Participe com esses homens dos rituais de purificação[u] e pague as despesas deles, para que rapem a cabeça.[v] Assim, todos saberão que não é verdade o que falam de você, mas que você continua vivendo em obediência à lei. 25 Quanto aos gentios convertidos, já lhes escrevemos a nossa decisão de que eles devem abster-se de comida sacrificada aos ídolos, do sangue, da carne de animais estrangulados e da imoralidade sexual".[w]

26 No dia seguinte Paulo tomou aqueles homens e purificou-se com eles. Depois foi ao templo para declarar o prazo do cumprimento dos dias da purificação e da oferta que seria feita individualmente em favor deles.[x]

A Prisão de Paulo

27 Quando já estavam para terminar os sete dias, alguns judeus da província da Ásia, vendo Paulo no templo, agitaram toda a multidão e o agarraram,[y] 28 gritando: "Israelitas, ajudem-nos! Este é o homem que ensina a todos em toda parte contra o nosso povo, contra a nossa lei e contra este lugar. Além disso, ele fez entrar gregos no templo e profanou este santo lugar".[z] 29 Anteriormente eles haviam visto o efésio[a] Trófimo[b] na cidade com Paulo e julgaram que Paulo o tinha introduzido no templo.

21.3 Para mais informações sobre Chipre, ver nota em 4.36.
21.7 Ptolemaida (atual Acco) era uma cidade ao norte do monte Carmelo, do outro lado da baía. Ficava um dia de viagem para o sul, depois de Tiro, e até Cesareia eram mais 56 quilômetros na mesma direção.
21.8 Para mais informações sobre Cesareia, ver nota em 8.40. O trabalho evangelístico de Filipe pode ter se concentrado em Cesareia por quase vinte e cinco anos.
21.9 Ver nota sobre profetisas em Êx 15.20,21.
21.10 Ao que parece, Ágabo detinha o cargo de profeta, assim como Filipe detinha o cargo de evangelista (v. 8). Ágabo é o mesmo profeta que estivera em Antioquia da Síria (ver nota em 11.19) profetizando a fome iminente em Jerusalém, uns quinze anos antes (11.27-29).
21.18 Esse Tiago é o irmão de Jesus (ver nota em Lc 8.19). Escreveu a carta de Tiago e era líder da igreja de Jerusalém (ver Gl 1.19; 2.9). É chamado "apóstolo", mas não era um dos Doze.
21.20 Ver "Antes da expansão entre os gentios: as igrejas judaicas na Terra Santa", em Hb 12.
21.23 Esses homens, evidentemente sob o voto nazireu temporário (ver nota em Nm 6.1-21), ficaram impuros antes de decorrer o tempo completo do voto (talvez por contato com algum cadáver). Para mais informações sobre o apoio ao voto de nazireu por parte de Paulo, bem como pela corte de Herodes Agripa, ver nota em Lc 1.15.
21.24 Em alguns casos, os rituais de purificação incluíam a oferta de sacrifícios. Esses rituais eram observados de livre escolha por alguns cristãos judeus, não sendo obrigatórios, porém, a nenhum cristão, quer judeu, quer gentio. As obrigações de Paulo, ao patrocinar esses homens, incluiriam: 1) pagar as despesas (em parte ou totalmente) das vítimas sacrificais (no presente caso, oito pombos e quatro cordeiros, Nm 6.9-12); 2) ir ao templo e avisar o sacerdote sobre a data em que se cumpririam os dias da purificação, de modo que ele estivesse pronto para apresentar as ofertas (At 21.26).
21.27 Eram exigidos sete dias para a purificação, a cabeça rapada diante do altar, o sacrifício de uma oferta pelo pecado e um holocausto para cada pessoa e o anúncio ao sacerdote de que tudo fora cumprido.
21.28 Inscrições em grego e latim em placas de pedra (duas das quais foram descobertas pelos arqueólogos) eram colocadas na divisória que separava os pátios internos dos externos, alertando os gentios de eram passíveis da pena de morte caso fossem adiante (ver "O muro divisor do pátio dos Gentios no templo de Herodes", em Ef 2). As autoridades romanas estavam tão ansiosas para apaziguar os judeus nesse aspecto que autorizavam a execução, mesmo que o transgressor fosse cidadão romano.
21.29 Trófimo era gentio efésio. É provável que Paulo não o tenha levado à área proibida. Se tivesse feito isso, deviam punir Trófimo, não Paulo.

30 Toda a cidade ficou alvoroçada, e juntou-se uma multidão. Agarrando Paulo,[c] arrastaram-no[d] para fora do templo, e imediatamente as portas foram fechadas. 31 Tentando eles matá-lo, chegaram notícias ao comandante das tropas romanas de que toda a cidade de Jerusalém estava em tumulto. 32 Ele reuniu imediatamente alguns oficiais e soldados e com eles correu para o meio da multidão. Quando viram o comandante e os seus soldados, pararam de espancar Paulo.[e]

33 O comandante chegou, prendeu-o e ordenou que ele fosse amarrado[f] com duas[g] correntes.[h] Então perguntou quem era ele e o que tinha feito. 34 Alguns da multidão gritavam uma coisa, outros gritavam outra;[i] não conseguindo saber ao certo o que havia acontecido, por causa do tumulto, o comandante ordenou que Paulo fosse levado para a fortaleza.[j] 35 Quando chegou às escadas,[k] a violência do povo era tão grande que ele precisou ser carregado pelos soldados. 36 A multidão que o seguia continuava gritando: "Acaba com ele!"[l]

21.30 [c]At 26.21; [d]At 16.19

21.32 [e]At 23.27

21.33 [f]v. 11; [g]At 12.6; [h]At 20.23; Ef 6.20; 2Tm 2.9
21.34 [i]At 19.32; [j]v. 37; At 23.10,16,32
21.35 [k]v. 40

21.36 [l]Lc 23.18; Jo 19.15; At 22.22

O Discurso de Paulo

37 Quando os soldados estavam para introduzir Paulo na fortaleza,[m] ele perguntou ao comandante: "Posso dizer-te algo?"

"Você fala grego?", perguntou ele. 38 "Não é você o egípcio que iniciou uma revolta e há algum tempo[n] levou quatro mil assassinos para o deserto?"[o]

39 Paulo respondeu: "Sou judeu, cidadão de Tarso,[p] cidade importante da Cilícia.[q] Permite-me falar ao povo".

40 Tendo recebido permissão do comandante, Paulo levantou-se na escadaria e fez sinal[r] à multidão. Quando todos fizeram silêncio, dirigiu-se a eles em aramaico[a]:[s]

21.37 [m]v. 34

21.38 [n]Mt 24.26; [o]At 5.36

21.39 [p]At 9.11; [q]At 22.3

21.40 [r]At 12.17; [s]Jo 5.2

22 "Irmãos e pais,[t] ouçam agora a minha defesa".

22.1 [t]At 7.2

2 Quando ouviram que lhes falava em aramaico,[u] ficaram em absoluto silêncio.

22.2 [u]At 21.40

Então Paulo disse: 3 "Sou judeu,[v] nascido em Tarso[w] da Cilícia, mas criado nesta cidade. Fui instruído rigorosamente por[x] Gamaliel[y] na lei de nossos antepassados,[z] sendo tão zeloso[a] por Deus quanto qualquer de vocês hoje. 4 Persegui[b] os seguidores deste Caminho até a morte, prendendo tanto homens como mulheres e lançando-os na prisão,[c] 5 como o podem testemunhar o sumo sacerdote e todo o Sinédrio;[d] deles cheguei a obter cartas para seus irmãos[e] em Damasco[f] e fui até lá, a fim de trazer essas pessoas a Jerusalém como prisioneiras, para serem punidas.

22.3 [v]At 21.39; [w]At 9.11; [x]Lc 10.39; [y]At 5.34; [z]At 26.5; [a]At 21.20
22.4 [b]At 8.3; [c]v. 19,20
22.5 [d]Lc 22.66; [e]At 13.26; [f]At 9.2

6 "Por volta do meio-dia, eu me aproximava de Damasco, quando de repente uma forte luz vinda do céu brilhou ao meu redor.[g] 7 Caí por terra e ouvi uma voz que me dizia: 'Saulo, Saulo, por que você está me perseguindo?' 8 Então perguntei: Quem és tu, Senhor? E ele respondeu: 'Eu sou Jesus, o Nazareno, a quem você persegue'. 9 Os que me acompanhavam viram a luz,[h] mas não entenderam a voz[i] daquele que falava comigo.

22.6 [g]At 9.3

22.9 [h]At 26.13; [i]At 9.7

[a] **21.40** Ou *hebraico*; também em 22.2 e 26.14.

21.30 As portas foram fechadas por ordens do oficial do templo, para evitar mais distúrbios no recinto sagrado.
21.31 O "comandante" (gr. *chiliarch*) era responsável por mil soldados (um regimento). Seu nome dele era Cláudio Lísias (23.26), e ele estava aquartelado na fortaleza Antônia.
21.32 Os "oficiais" são os centuriões (ver nota em 10.1). Por ser empregado o plural, é provável que houvesse, no mínimo, dois centuriões com 150 soldados.
21.33 As mãos de Paulo provavelmente estavam acorrentadas às dos soldados em cada lado.
21.34 Sobre a "fortaleza", ver nota em 12.9.
21.35 A fortaleza Antônia estava conectada à extremidade norte da área do templo por dois lances de escada. A torre contemplava a área do templo (ver nota no v. 40; ver também "O templo de Herodes", em Mc 11).
21.38 Flávio Josefo conta o caso de um falso profeta egípcio que, alguns anos antes, conduzira 4 mil homens (Josefo, interpretando erroneamente uma letra maiúscula grega, diz 30 mil) até o monte das Oliveiras. Os soldados romanos mataram centenas deles, mas o líder escapou.
Os "assassinos" (o grego, aqui, emprega uma palavra emprestada do latim, *sicarii*, que significa "homens do punhal") eram uma espécie de terroristas.
21.39 Para mais informações sobre Tarso, ver nota em 22.3.
21.40 A fortaleza Antônia era um castelo conectado ao templo reconstruído por Herodes, o Grande, e nomeado por ele em honra de Marco Antônio, seu patrono. Uma legião romana estava aquartelada no castelo para prevenir-se contra os excessos da parte do povo. Paulo, depois de ser capturado no templo pelos judeus, foi levado a esse castelo, de cujas escadas ele falou ao povo.
O aramaico era a língua mais usada entre os judeus da Palestina.
22.2 Sobre o idioma aramaico, ver nota em 21.40.
22.3 Paulo tinha a cidadania de Tarso (21.39), além de ser cidadão romano (ver "Cidadania romana", em Fp 3).
Tarso estava situada 16 quilômetros rio acima da foz do rio Cidno e a 48 quilômetros das montanhas, que eram cortadas por um desfiladeiro profundo e estreito denominado portas da Cilícia. Era um centro comercial importante, cidade universitária e encruzilhada de estradas. Havia judeus em Tarso desde que Antíoco Epifânio a refundou, em 171 a.C., e Paulo pertencia a uma minoria que possuía cidadania romana, mais provavelmente desde a organização de Pompeu do Ocidente, de 66 a 62 a.C.
Paulo deve ter chegado ainda muito jovem a Jerusalém. Outra tradução ("nesta cidade, criado aos pés de Gamaliel, instruído conforme a verdade da lei de nossos pais") dá a entender que Paulo chegou a Jerusalém com idade suficiente para começar a ser educado por Gamaliel.
Gamaliel, o rabino mais honrado do século I, era provavelmente neto de Hillel (ver "Gamaliel, o professor de Paulo", em At 22).
22.5 Caifás, sumo sacerdote mais de vinte anos antes, já havia morrido, e o sumo sacerdote agora era Ananias (ver 23.2 e nota).
Para mais informações sobre o Sinédrio (ver nota em Mc 14.55; ver também "O Sinédrio", em At 23).

22.10 iAt 16.30
22.11 kAt 9.8
22.12 lAt 9.17; mAt 10.22
22.14 nAt 3.13; o1Co 9.1; 15.8; pAt 7.52
22.15 qAt 23.11; 26.16
22.16 rAt 2.38; sHb 10.22; tRm 10.13
22.17 uAt 9.26; vAt 10.10
22.19 wv. 4; At 8.3; xMt 10.17
22.20 yAt 7.57-60; 8.1
22.21 zAt 9.15; 13.46
22.22 aAt 21.36; bAt 25.24
22.23 cAt 7.58; d2Sm 16.13
22.24 eAt 21.34; fv. 29

10 "Assim perguntei: Que devo fazer, Senhor? Disse o Senhor: 'Levante-se, entre em Damasco, onde lhe será dito o que você deve fazer'.[j] 11 Os que estavam comigo me levaram pela mão até Damasco, porque o resplendor da luz me deixara cego.[k]

12 "Um homem chamado Ananias, fiel seguidor da lei e muito respeitado por todos os judeus que ali viviam,[l] 13 veio ver-me[m] e, pondo-se junto a mim, disse: 'Irmão Saulo, recupere a visão'. Naquele mesmo instante pude vê-lo.

14 "Então ele disse: 'O Deus dos nossos antepassados[n] o escolheu para conhecer a sua vontade, ver[o] o Justo[p] e ouvir as palavras de sua boca. 15 Você será testemunha[q] dele a todos os homens, daquilo que viu e ouviu. 16 E, agora, que está esperando? Levante-se, seja batizado[r] e lave os seus pecados,[s] invocando o nome dele'.[t]

17 "Quando voltei a Jerusalém,[u] estando eu a orar no templo, caí em êxtase[v] e 18 vi o Senhor, que me dizia: 'Depressa! Saia de Jerusalém imediatamente, pois não aceitarão seu testemunho a meu respeito'.

19 "Eu respondi: Senhor, estes homens sabem que eu ia de uma sinagoga a outra, a fim de prender[w] e açoitar[x] os que creem em ti. 20 E, quando foi derramado o sangue de tua testemunha[a] Estêvão, eu estava lá, dando minha aprovação e cuidando das roupas dos que o matavam.[y]

21 "Então o Senhor me disse: 'Vá, eu o enviarei para longe, aos gentios' ".[z]

Paulo, Cidadão Romano

22 A multidão ouvia Paulo até que ele disse isso. Então todos levantaram a voz e gritaram: "Tira esse homem da face da terra![a] Ele não merece viver!"[b]

23 Estando eles gritando, tirando suas capas[c] e lançando poeira para o ar,[d] 24 o comandante ordenou que Paulo fosse levado à fortaleza[e] e fosse açoitado[f] e interrogado, para saber por que o povo gritava

[a] **22.20** Ou *teu mártir.*

22.24 Sobre "comandante", ver nota em 21.31 e sobre "fortaleza", as notas em 12.9 e 21.35.
"Açoitado", aqui, significa ser golpeado com o flagelo, instrumento de impiedosa tortura. Era lícito usá-lo para arrancar a confissão de um escravo ou de um estrangeiro, mas nunca de um cidadão romano. O flagelo consistia num açoite de tiras de couro, com pedaços de osso ou de metal fixados nas extremidades (ver nota em Mt 27.26).



NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

Gamaliel, o professor de Paulo

ATOS 22 Gamaliel foi um dos maiores mestres do judaísmo. Seu avô, Hillel, fundou a mais liberal das duas escolas dos fariseus,[1] e Gamaliel foi o primeiro dos sete líderes da escola de Hillel a ser honrado como o título *Rabban* ("nosso Rabi"). Paulo, enquanto fazia sua defesa nos degraus da fortaleza Antônia, depois de sua prisão no templo, afirmou que fora educado em Jerusalém e "instruído rigorosamente por Gamaliel na lei de nossos antepassados" (At 22.3). O apóstolo, portanto, havia recebido a melhor educação judaica possível em sua época.

Gamaliel também é mencionado no capítulo 5, quando Pedro e outros apóstolos compareceram diante do Sinédrio sob acusação de ensinar a respeito de Jesus.[2] Os membros do Sinédrio ficaram irados quando Pedro e os apóstolos declararam: "É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens!" (5.29) e quase os condenaram à morte. No entanto, Gamaliel, "um fariseu [...] mestre da lei, respeitado por todo o povo" (5.34), e também membro do Sinédrio, persuadiu-os a deixar que os apóstolos partissem, observando sabiamente: "Se o propósito ou atividade deles for de origem humana, fracassará; se proceder de Deus, vocês não serão capazes de impedi-los, pois se acharão lutando contra Deus" (5.38,39).

Gamaliel era um homem de grande inteligência. Estudou não apenas a lei bíblica, mas também a literatura grega (seu amor pelo grego isolou-o de seus colegas rabinos mais zelosos). Gamaliel tendia a ser pragmático em sua interpretação da Lei e era conhecido por suas atitudes tolerantes. Recomendou que a observância do sábado fosse menos rigorosa e opressiva, regulamentou as leis do divórcio a fim de proteger as mulheres[3] e incentivava a bondade para com os gentios.

[1]Ver "Os fariseus", em Mt 5. [2]Ver "O Sinédrio", em At 23. [3]Ver "Casamento e divórcio no antigo Israel", em Ml 2.

daquela forma contra ele. 25 Enquanto o amarravam a fim de açoitá-lo, Paulo disse ao centurião que ali estava: "Vocês têm o direito de açoitar um cidadão romano sem que ele tenha sido condenado?"[g]

26 Ao ouvir isso, o centurião foi prevenir o comandante: "Que vais fazer? Este homem é cidadão romano".

27 O comandante dirigiu-se a Paulo e perguntou: "Diga-me, você é cidadão romano?"

Ele respondeu: "Sim, sou".

28 Então o comandante disse: "Eu precisei pagar um elevado preço por minha cidadania". Respondeu Paulo: "Eu a tenho por direito de nascimento".

29 Os que iam interrogá-lo retiraram-se imediatamente. O próprio comandante ficou alarmado, ao saber que havia prendido um cidadão romano.[h]

Paulo Diante do Sinédrio

30 No dia seguinte, visto que o comandante queria descobrir exatamente por que Paulo estava sendo acusado pelos judeus,[i] libertou-o[j] e ordenou que se reunissem os chefes dos sacerdotes e todo o Sinédrio.[k] Então, trazendo Paulo, apresentou-o a eles.

23 Paulo, fixando os olhos no Sinédrio,[l] disse: "Meus irmãos,[m] tenho cumprido meu dever para com Deus com toda a boa consciência,[n] até o dia de hoje". 2 Diante disso o sumo sacerdote Ananias[o] deu ordens aos que estavam perto de Paulo para que lhe batessem na boca.[p] 3 Então Paulo lhe disse: "Deus te ferirá, parede branqueada![q] Estás aí sentado para me julgar conforme a lei, mas contra a lei me mandas ferir?"[r]

4 Os que estavam perto de Paulo disseram: "Você ousa insultar o sumo sacerdote de Deus?"

5 Paulo respondeu: "Irmãos, eu não sabia que ele era o sumo sacerdote, pois está escrito: 'Não fale mal de uma autoridade do seu povo'[a]".[s]

6 Então Paulo, sabendo que alguns deles eram saduceus e os outros fariseus, bradou no Sinédrio: "Irmãos,[t] sou fariseu, filho de fariseu.[u] Estou sendo julgado por causa da minha esperança na ressurreição dos mortos!"[v] 7 Dizendo isso, surgiu uma violenta discussão entre os fariseus e os saduceus, e a assembleia ficou dividida. 8 (Os saduceus dizem que não há ressurreição[w] nem anjos nem espíritos, mas os fariseus admitem todas essas coisas.)

9 Houve um grande alvoroço, e alguns dos mestres da lei que eram fariseus[x] se levantaram e começaram a discutir intensamente, dizendo: "Não encontramos nada de errado neste homem.[y] Quem sabe se algum espírito ou anjo falou com ele?"[z] 10 A discussão tornou-se tão violenta que o comandante teve medo que Paulo fosse despedaçado por eles. Então ordenou que as tropas descessem e o retirassem à força do meio deles, levando-o para a fortaleza.[a]

11 Na noite seguinte o Senhor, pondo-se ao lado dele, disse: "Coragem![b] Assim como você testemunhou a meu respeito em Jerusalém, deverá testemunhar também em Roma".[c]

A Conspiração para Matar Paulo

12 Na manhã seguinte os judeus tramaram uma conspiração e juraram solenemente que não comeriam nem beberiam enquanto não matassem Paulo.[d] 13 Mais de quarenta homens estavam envolvidos

[a] **23.5** Êx 22.28.

22.25 [g]At 16.37

22.29 [h]v. 24,25; At 16.38

22.30 [i]At 23.28; [j]At 21.33; [k]Mt 5.22

23.1 [l]At 22.30; [m]At 22.5; [n]At 24.16; 1Co 4.4; 2Co 1.12; 2Tm 1.3; Hb 13.18
23.2 [o]At 24.1; [p]Jo 18.22
23.3 [q]Mt 23.27; [r]Lv 19.15; Dt 25.1,2; Jo 7.51

23.5 [s]Êx 22.28

23.6 [t]At 22.5; [u]At 26.5; Fp 3.5; [v]At 24.15,21; 26.8

23.8 [w]Mt 22.23

23.9 [x]Mc 2.16; [y]v. 29; At 25.25; 26.31; [z]At 22.7,17,18
23.10 [a]At 21.34

23.11 [b]At 18.9; [c]At 19.21; 28.23

23.12 [d]v. 14,21,30; At 25.3

22.25 A palavra grega traduzida por "amarrar" era usada para designar a ação de prender uma pessoa numa estaca para açoitamento.
Para mais informações sobre o centurião, ver nota em 10.1.
Segundo a lei romana, os cidadãos romanos estavam isentos de qualquer forma degradante de castigo: espancamento com varas, açoitamento, crucificação (ver "Cidadania romana", em Fp 3).
22.28 Havia três maneiras de obter a cidadania romana: 1) como prêmio por algum serviço importante prestado a Roma; 2) comprá-la por um alto preço; 3) nascer numa família de cidadãos romanos. Ninguém sabe como o pai de Paulo ou algum antepassado dele conquistou essa cidadania. Já em 171 a.C. muitos judeus eram cidadãos de Tarso, e nos tempos de Pompeu (106-48 a.C.) alguns deles talvez tenham recebido a cidadania romana (ver "Cidadania romana", em Fp 3).
22.30 Os "chefes dos sacerdotes" pertenciam à linhagem da família dos sumos sacerdotes (principalmente dos saduceus; ver notas em Mt 2.4; 3.7), mas entre os membros do Sinédrio (ver nota em Mc 14.55) havia também um número considerável de fariseus (ver notas em Mt 3.7; Lc 5.17). Esses homens perfaziam o corpo governante dos judeus. O tribunal judaico era respeitado pelo governador romano (ver "O governador romano", em At 25), cuja aprovação precisava ser obtida antes de ser pronunciada a sentença da morte.
23.1 Para mais informações sobre o Sinédrio, ver nota em Mc 14.55; ver também "O Sinédrio", em At 23.
23.2 Ananias, filho de Nebedeu, foi sumo sacerdote de 47 a 59 d.C. Não deve ser confundido com o sumo sacerdote Anás (6-15 d.C.; ver nota em Lc 3.2). Ananias era de notável crueldade e violência. Quando irrompeu a revolta contra Roma, foi assassinado pelo próprio povo.
23.3 Paulo chamou Ananias de "parede branqueada" — metáfora para o hipócrita (ver nota em Mt 23.27) — porque Ananias agira de maneira inapropriada ao ordenar que Paulo fosse golpeado (At 23.2). Bater em alguém antes de uma condenação era ilegal. Nesse caso, Paulo não havia nem mesmo sido acusado conforme a legislação.
23.6 Para mais informações sobre os saduceus, ver nota em 4.1; sobre os fariseus, ver notas em Mt 3.7; Lc 5.17.
23.10 Sobre o "comandante", ver nota em 21.31; sobre a "fortaleza", ver notas em 12.9; 21.35.
23.12 É provável que esses judeus fossem zelotes (ver "Os zelotes e os essênios", em Mt 10) ou "assassinos" (ver nota em 21.38), posteriormente responsáveis pela revolta contra Roma.
Sobre a frase "juraram solenemente", ver "O juramento na prática judaica e cristã", em Hb 6.

nessa conspiração. 14 E, dirigindo-se aos chefes dos sacerdotes e aos líderes dos judeus, disseram:
"Juramos solenemente, sob maldição, que não comeremos nada enquanto não matarmos Paulo.[e]
15 Agora, portanto, vocês e o Sinédrio[f] peçam ao comandante que o faça comparecer diante de vocês
com o pretexto de obter informações mais exatas sobre o seu caso. Estaremos prontos para matá-lo
antes que ele chegue aqui".

16 Entretanto, o sobrinho de Paulo, filho de sua irmã, teve conhecimento dessa conspiração, foi
à fortaleza[g] e contou tudo a Paulo, 17 que, chamando um dos centuriões, disse: "Leve este rapaz ao
comandante; ele tem algo para lhe dizer". 18 Assim ele o levou ao comandante.

Então disse o centurião: "Paulo, o prisioneiro,[h] chamou-me, pediu-me que te trouxesse este rapaz,
pois ele tem algo para te falar".

19 O comandante tomou o rapaz pela mão, levou-o à parte e perguntou: "O que você tem para
me dizer?"

20 Ele respondeu: "Os judeus planejaram pedir-te que apresentes Paulo ao Sinédrio[i] amanhã, sob
pretexto de buscar informações mais exatas a respeito dele.[j] 21 Não te deixes convencer, pois mais de
quarenta[k] deles estão preparando uma emboscada contra Paulo. Eles juraram solenemente não comer
nem beber enquanto não o matarem.[l] Estão preparados agora, esperando que prometas atender-lhes
o pedido".

22 O comandante despediu o rapaz e recomendou-lhe: "Não diga a ninguém que você me contou
isso".

23.14 [e]v. 12
23.15 [f]v. 1; At 22.30
23.16 [g]v. 10; At 21.34
23.18 [h]Ef 3.1
23.20 [i]v. 1; v. 14,15
23.21 [j]v. 13; [k]v. 12,14

23.17 Para mais informações sobre o centurião, ver nota em 10.1.



NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

O Sinédrio

ATOS 23 O substantivo grego *synedrian* pode ser usado genericamente para indicar um conselho civil ou um tribunal local. No contexto do NT, entretanto, o Sinédrio representa o mais alto conselho judicial judaico em Jerusalém, sob a liderança do sumo sacerdote (At 5.21; 22.5; 23.1,2). De acordo com as fontes rabínicas, o Sinédrio de Jerusalém era composto de 71 membros, refletindo a prática bíblica instituída por Moisés (70 anciãos mais Moisés; ver Êx 24.1,9; Nm 11.16).

A ideia de um conselho dominante composto de cidadãos aristocratas exemplares reflete a estrutura das organizações civis gregas. A aristocracia sacerdotal exercia um papel exemplar desde o início, mas o Sinédrio aos poucos teve de abrir caminho para representantes escolhidos em grande parte dentre os fariseus. Durante o período do NT, o Sinédrio de Jerusalém consistia numa mistura às vezes mutuamente hostil de saduceus aristocratas sacerdotais e fariseus leigos instruídos (At 23.6-9).[1] A participação no Sinédrio era concedia por indicação e acompanhada de uma cerimônia de ordenação por meio da imposição de mãos (cf. Nm 27.18-23; Dt 34.9).

O Sinédrio funcionava como a suprema corte judaica, julgando casos apelatórios enviados por tribunais inferiores e mantendo competência exclusiva sobre certos casos. Por exemplo, o sumo sacerdote ou um falso profeta podia ser julgado apenas pelo Sinédrio de Jerusalém. Mesmo durante o período de governo romano direto, o Sinédrio detinha um significativo grau de autoridade jurídica. Isso se aplicava principalmente aos assuntos considerados importantes, no que dizia respeito à Lei mosaica (Jo 18.31; At 18.15; 24.6).

A autoridade do Sinédrio para aplicar a pena capital no século I d.C. tem sido objeto de muita pesquisa e muito debate. Antes dessa época, o Sinédrio, como outros tribunais supremos do mundo antigo, possuíam essa autoridade. Mas depois o poder da espada parece ter ficado exclusivamente na mão dos romanos. A situação real do primeiro século reflete um período de ambiguidade legal, no qual tanto os líderes romanos quanto os líderes judeus competiam pelo controle definitivo. No entanto, algumas fontes importantes atestam um aumento gradativo nas afirmações romanas em torno dos julgamentos e da pena capital (Frávio Josefo, *Antiguidades judaicas*, 18.1.1; *Guerras dos judeus*, 2.8.1). Algumas fontes judaicas e cristãs dão a entender que a autoridade sobre a pena capital foi tirada de Israel durante esse período (Jo 18.31). Ao mesmo tempo, fontes literárias e arqueológicas sugerem que o Sinédrio possuía, na verdade, autoridade para aplicar a pena de morte, especialmente nos casos relativos à profanação do santuário e de outras acusações especificamente religiosas, como a blasfêmia (Mt 26.59-66; At 6.11—7.60; 21.27-33; *Antiguidades judaicas*, 20.9.1; *Guerras dos judeus*, 6.2.4).

[1]Ver "Os fariseus", em Mt 5; e "Os saduceus", em Mt 22.

Paulo é Transferido para Cesareia

23 Então ele chamou dois de seus centuriões e ordenou-lhes: "Preparem um destacamento de duzentos soldados, setenta cavaleiros e duzentos lanceiros a fim de irem para Cesareia[m] esta noite, às nove horas[a,n] 24 Providenciem montarias para Paulo e levem-no em segurança ao governador Félix".[o]

25 O comandante escreveu uma carta nestes termos:

26 "Cláudio Lísias,

ao Excelentíssimo[p] Governador Félix,

Saudações.[q]

27 "Este homem foi preso pelos judeus, que estavam prestes a matá-lo[r] quando eu, chegando com minhas tropas, o resgatei,[s] pois soube que ele é cidadão romano.[t] 28 Querendo saber por que o estavam acusando, levei-o ao Sinédrio deles.[u] 29 Descobri que ele estava sendo acusado em questões acerca da lei deles,[v] mas não havia contra ele[w] nenhuma acusação que merecesse morte ou prisão. 30 Quando fui informado[x] de que estava sendo preparada uma cilada[y] contra ele, enviei-o imediatamente a Vossa Excelência. Também ordenei que os seus acusadores[z] apresentassem a Vossa Excelência aquilo que têm contra ele".

31 Os soldados, cumprindo o seu dever, levaram Paulo durante a noite e chegaram a Antipátride. 32 No dia seguinte deixaram a cavalaria[a] prosseguir com ele e voltaram para a fortaleza.[b] 33 Quando a cavalaria[c] chegou a Cesareia,[d] deu a carta ao governador[e] e lhe entregou Paulo. 34 O governador leu a carta e perguntou de que província era ele. Informado de que era da Cilícia,[f] 35 disse: "Ouvirei seu caso quando os seus acusadores[g] chegarem aqui". Então ordenou que Paulo fosse mantido sob custódia[h] no palácio[b] de Herodes.

O Julgamento de Paulo perante Félix

24 Cinco dias depois, o sumo sacerdote Ananias[i] desceu a Cesareia com alguns dos líderes dos judeus e um advogado chamado Tértulo, os quais apresentaram ao governador[j] suas acusações[k] contra Paulo. 2 Quando Paulo foi chamado, Tértulo apresentou sua causa a Félix: "Temos desfrutado de um longo período de paz durante o teu governo, e o teu providente cuidado resultou em reformas nesta nação. 3 Em tudo e em toda parte, excelentíssimo[l] Félix, reconhecemos estes benefícios com profunda gratidão. 4 Todavia, a fim de não tomar-te mais tempo, peço-te o favor de ouvir-nos apenas por um pouco. 5 Verificamos que este homem é um perturbador, que promove tumultos[m] entre os judeus[n] pelo mundo todo. Ele é o principal cabeça da seita[o] dos nazarenos[p] 6 e

[a] **23.23** Grego: *à hora terceira.*
[b] **23.35** Isto é, o Pretório, residência oficial do governador romano.

23.23 [m]At 8.40; [n]v. 33
23.24 [o]v. 26,33; At 24.1-3,10; 25.14
23.26 [p]Lc 1.3; At 24.3; 26.25; [q]At 15.23
23.27 [r]At 21.32; [s]At 21.33; [t]At 22.25-29
23.28 [u]At 22.30
23.29 [v]At 18.15; 25.19; [w]v. 9; At 26.31
23.30 [x]v. 20,21; [y]At 20.3; [z]v. 35; At 24.19; 25.16
23.32 [a]v. 23; [b]At 21.34
23.33 [c]v. 23,24; [d]At 8.40; [e]v. 26
23.34 [f]At 6.9; 21.39
23.35 [g]v. 30; At 24.19; 25.16; [h]At 24.27
24.1 [i]At 23.2; [j]At 23.30,35; [k]At 23.24
24.3 [l]Lc 1.3; At 23.26; 26.25
24.5 [m]At 16.20; 17.6; [n]At 21.28; [o]Mc 1.24; [p]v. 14; At 26.5; 28.22
24.6 [q]At 21.28

23.23 Transferir um prisioneiro para segurança dele próprio ou para evitar uma possível violência ou a deflagração de um tumulto é uma tática ainda utilizada nos dias de hoje. O comandante fez tudo que estava ao seu alcance para assegurar a segurança de Paulo, enviando-o sob o manto da noite sob a proteção de uma escolta de 470 homens armados.
23.24 Para mais informações sobre o "governador Félix", ver nota no versículo 34.
23.31 Antipátride, reedificada por Herodes, o Grande, recebeu o nome do pai desse rei (Antípater). Era um posto militar entre Samaria e a Judeia, a 48 quilômetros de Jerusalém.
23.33 Cesareia era o centro de comando do governador romano de Samaria e Judeia, a 45 quilômetros de Antipátride (ver nota em 8.40).
23.34 O governador (ver "O governador romano", em At 25) era Antônio Félix. O imperador Cláudio nomeara-o governador da Judeia em c. 52 d.C., época em que o irmão de Félix era o ministro predileto do imperador. Os irmãos tinham sido escravos antigamente, depois foram libertos e, por fim, passaram à condição de altos oficiais do governo. O historiador Tácito diz a respeito de Félix: "Mantinha o poder de um tirano, com a disposição de um escravo". Casou-se com três rainhas em sucessão, sendo Drusila uma delas (ver nota em 24.24).
23.35 O palácio de Herodes fora construído para servir de residência, mas agora era usado como pretório romano — lugar dos negócios oficiais do imperador. Havia pretórios localizados em Roma (Fp 1.13), em Éfeso, em Jerusalém (Jo 18.28), em Cesareia e em outras partes do império (Ver "O governador romano", em At 25.)
24.1 Para mais informações sobre Ananias, ver nota em 23.2. O sumo sacerdote empreendeu uma viagem de 96 quilômetros a fim de supervisionar ele mesmo o processo.
O termo "líderes" era aplicado tanto aos concílios religiosos quanto aos políticos. O Sinédrio era composto por 71 desses líderes (ver "O Sinédrio", em At 23).
O advogado (lit. "orador") era qualquer pessoa versada em retórica forense que atuasse como representante no tribunal.
Tértulo era uma variante comum do nome Tércio. Apenas algumas palavras de seu discurso elaborado foram registradas, mas são suficientes para revelar a natureza de sua retórica e o caráter de sua acusação. É possível que fosse romano, porque há um tom latino em algumas de suas frases no texto grego de Lucas, e seu nome também é latino. Tértulo foi, obviamente, treinado na arte da retórica (ver "Debate e retórica no mundo antigo", em At 15), e Lucas ficou impressionado com sua introdução elaborada, chamando atenção para Félix. Tratava-se de uma cortesia tradicional, e o dispositivo, sem o elogio interesseiro, deve ser também diferenciado nas frases introdutórias da réplica de Paulo (v. 10).
24.2 Nos seis anos em que estava no cargo, Félix havia eliminado bandos de salteadores, impedido as atividades de assassinos organizados e esmagado um movimento dirigido por um egípcio (ver nota em 21.38). Mas de modo geral sua ficha não era limpa. Foi chamado de volta a Roma dois anos mais tarde, por causa dos abusos que cometera em seu governo (ver nota em 24.27). É difícil identificar historicamente suas reformas e melhorias.
24.5 Provocar dissensão no Império Romano era traição contra César, e ser líder de uma seita religiosa — a "seita dos nazarenos" é o cristianismo — que não tivesse a aprovação de Roma constituía violação da lei.

tentou até mesmo profanar o templo;[q] então o prendemos e quisemos julgá-lo segundo a nossa lei.
7 Mas o comandante Lísias interveio e com muita força o arrebatou de nossas mãos e ordenou que
os seus acusadores se apresentassem.[a] 8 Se tu mesmo o interrogares, poderás verificar a verdade a
respeito de todas estas acusações que estamos fazendo contra ele".

24.9 [r]1Ts 2.16 9 Os judeus confirmaram a acusação,[r] garantindo que as afirmações eram verdadeiras.

24.10 [s]At 23.24 10 Quando o governador[s] lhe deu sinal para que falasse, Paulo declarou: "Sei que há muitos anos
24.11 [t]At 21.27; v. 1 tens sido juiz nesta nação; por isso, de bom grado faço minha defesa. 11 Facilmente poderás verificar que
24.12 [u]At 25.8; 28.17; vv. 18 há menos de doze dias[t] subi a Jerusalém para adorar a Deus. 12 Meus acusadores não me encontraram
discutindo com ninguém no templo,[u] nem incitando uma multidão[v] nas sinagogas ou em qualquer outro
24.13 [w]At 25.7 lugar da cidade. 13 Tampouco podem provar-te as acusações que agora estão levantando contra mim.[w]
24.14 [x]At 3.13; [y]At 9.2; vv. 5; [a]At 26.6,22; 28.23 14 Confesso-te, porém, que adoro o Deus dos nossos antepassados[x] como seguidor do Caminho,[y] a que
chamam seita.[z] Creio em tudo o que concorda com a Lei e no que está escrito nos Profetas[a] 15 e tenho em
24.15 [b]At 23.6; 28.20; [c]Dn 12.2; Jo 5.28,29 Deus a mesma esperança desses homens: de que haverá ressurreição[b] tanto de justos como de injustos.[c]
24.16 [d]At 23.1 16 Por isso procuro sempre conservar minha consciência limpa[d] diante de Deus e dos homens.

24.17 [e]At 11.29, 30; Rm 15.25-28,31; 1Co 16.1-4,15; 2Co 8.1-4; Gl 2.10 17 "Depois de estar ausente por vários anos, vim a Jerusalém para trazer esmolas ao meu povo[e] e
apresentar ofertas. 18 Enquanto fazia isso, já cerimonialmente puro,[f] encontraram-me no templo, sem
24.18 [f]At 21.26; vv. 12 envolver-me em nenhum ajuntamento ou tumulto.[g] 19 Mas há alguns judeus da província da Ásia que
24.19 [h]At 23.30 deveriam estar aqui diante de ti e apresentar acusações, se é que têm algo contra mim.[h] 20 Ou os que
aqui se acham deveriam declarar que crime encontraram em mim quando fui levado perante o Sinédrio,
24.21 [i]At 23.6 21 a não ser que tenha sido este: quando me apresentei a eles, bradei: Por causa da ressurreição
dos mortos estou sendo julgado hoje diante de vocês".[i]

22 Então Félix, que tinha bom conhecimento do Caminho, adiou a causa e disse: "Quando chegar
24.23 [i]At 23.35; [k]At 28.16; [l]At 23.16; 27.3 o comandante Lísias, decidirei o caso de vocês". 23 E ordenou ao centurião que mantivesse Paulo sob
custódia,[j] mas que lhe desse certa liberdade[k] e permitisse que os seus amigos o servissem.[l]
24.24 [m]At 20.21 24 Vários dias depois, Félix veio com Drusila, sua mulher, que era judia, mandou chamar Paulo
24.25 [n]Gl 5.23; 2Pe 1.6; [o]At 10.42 e o ouviu falar sobre a fé em Cristo Jesus.[m] 25 Quando Paulo se pôs a discorrer acerca da justiça, do
domínio próprio[n] e do juízo[o] vindouro, Félix teve medo e disse: "Basta, por enquanto! Pode sair.
Quando achar conveniente, mandarei chamá-lo de novo". 26 Ao mesmo tempo esperava que Paulo
lhe oferecesse algum dinheiro, pelo que mandava buscá-lo frequentemente e conversava com ele.

24.27 [p]At 25.1,4, 9,14; [q]At 12.3; 25.9; [r]At 23.35; 25.14 27 Passados dois anos, Félix foi sucedido por Pórcio Festo;[p] todavia, porque desejava manter a
simpatia dos judeus,[q] Félix deixou Paulo na prisão.[r]

O Julgamento perante Festo

25.1 [s]At 8.40 25 Três dias depois de chegar à província, Festo subiu de Cesareia[s] para Jerusalém, 2 onde os
25.2 [v]v. 15; At 24.1 chefes dos sacerdotes e os judeus mais importantes compareceram diante dele, apresentando
as acusações contra Paulo.[t] 3 Pediram a Festo o favor de transferir Paulo para Jerusalém, contra os
interesses do próprio Paulo, pois estavam preparando uma emboscada para matá-lo no caminho.
25.4 [u]At 24.23 4 Festo respondeu: "Paulo está preso[u] em Cesareia, e eu mesmo vou para lá em breve. 5 Desçam
comigo alguns dos seus líderes e apresentem ali as acusações que têm contra esse homem, se real-
mente ele fez algo de errado".

[a] **24.7** Muitos manuscritos antigos não trazem *e quisemos julgá-lo segundo a nossa lei* e todo o versículo 7.

24.14 Paulo reconhece sua participação no Caminho (ver nota em 19.23), mas ainda acredita na Lei e nos Profetas (i.e., as Escrituras do AT; ver "O Antigo Testamento da igreja primitiva", em 2Tm 3).

24.23 Talvez Paulo tenha ficado em prisão domiciliar, como na ocasião em que aguardava seu julgamento em Roma (28.30,31; ver "Prisão no mundo romano: na prisão *versus* prisão domiciliar", em At 26), em reconhecimento ao fato de ser ele cidadão romano e jamais ter sido condenado por um crime.

24.24 Drusila era a mais jovem das filhas de Herodes Agripa I, e suas irmãs eram Berenice e Mariane (ver nota sobre Berenice em 25.13). Aos 14 anos de idade, casou-se com Azizo, rei de Emesa, porém o abandonou um ano depois, por causa de Félix, procurador da Judeia que ficara encantado com sua beleza e usara um feiticeiro de Chipre para conquistá-la. O casal teve um filho, Agripa, que morreu na erupção do Vesúvio, em 79 d.C.

24.27 Félix foi chamado de volta a Roma em 59/60 d.C. para prestar contas dos tumultos e irregularidades ocorridos durante seu governo e também pela maneira em que lidava com os motins entre os judeus e os sírios. Festo não é mencionado nos registros históricos existentes antes de sua chegada à Judeia. Morreu no cargo após dois anos de governo, mas os registros desse período demonstram que ele tinha sabedoria e honestidade superiores às de seu antecessor, Félix, e às de seu sucessor, Albino. Ver "Prisão no mundo romano: na prisão *versus* prisão domiciliar", em At 26.

25.1 A distância entre Cesareia e Jerusalém era de 97 quilômetros, perfazendo dois dias de viagem. Festo desejava ir imediatamente ao centro do governo e do culto religioso judaico.

25.2 Os "chefes dos sacerdotes e os judeus mais importantes" são os membros do Sinédrio (ver nota em Mc 14.55; ver também "O Sinédrio", em At 23).

6 Tendo passado com eles de oito a dez dias, desceu para Cesareia e, no dia seguinte, convocou
o tribunal[v] e ordenou que Paulo fosse trazido perante ele. 7 Quando Paulo apareceu, os judeus que
tinham chegado de Jerusalém se aglomeraram ao seu redor, fazendo contra ele[w] muitas e graves acu-
sações que não podiam provar.[x]
8 Então Paulo fez sua defesa: "Nada fiz de errado contra a lei dos judeus, contra o templo[y] ou
contra César".
9 Festo, querendo prestar um favor aos judeus,[z] perguntou a Paulo: "Você está disposto a ir a
Jerusalém e ali ser julgado diante de mim, acerca destas acusações?"[a]
10 Paulo respondeu: "Estou agora diante do tribunal de César, onde devo ser julgado. Não fiz ne-
nhum mal aos judeus, como bem sabes. 11 Se, de fato, sou culpado de ter feito algo que mereça pena
de morte, não me recuso a morrer. Mas, se as acusações feitas contra mim por estes judeus não são
verdadeiras, ninguém tem o direito de me entregar a eles. Apelo para César!"[b]
12 Depois de ter consultado seus conselheiros, Festo declarou: "Você apelou para César, para
César irá!"

25.6 [v] v. 17
25.7 [w] Mc 15.3; Lc 23.2,10; At 24.5,6; [x] At 24.13
25.8 [y] At 6.13; 24.12; 28.17
25.9 [z] At 24.27; [a] v. 20
25.11 [b] v. 21,25; At 26.32; 28.19

25.6 Ver "O tribunal", em 2Co 5.
25.9 Paulo queria que seu julgamento fosse realizado em Cesareia, pois não queria sofrer nas mãos de um concílio religioso judaico. Como cidadão romano, poderia recusar-se a ir a um tribunal da província. Em vez disso, preferiu confiar no supremo tribunal romano.
25.11 Nero já era imperador nessa ocasião (ver "Nero, o perseguidor dos cristãos", em Fp 4). Todo cidadão romano tinha o direito a uma audiência com o próprio César (ou seu representante) em Roma (ver "Roma", em Rm 2). Era o supremo tribunal de apelação, e ganhar a causa ali significava mais que a mera absolvição de Paulo: seria o reconhecimento oficial do cristianismo como religião distinta do judaísmo.
25.12 Os "conselheiros" de Festo são os funcionários e peritos jurídicos que compunham o Conselho do governador romano.



NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

O governador romano

ATOS 25 Seis governadores romanos são mencionados no NT: Quirino (Síria; Lc 2.2), Pilatos (Judeia, Mt 27.2-65, etc.),[1] Sérgio Paulo (Chipre; At 13.6-12),[2] Gálio (Acaia; 18.12-17), Félix (Judeia; 23.23—24.27; 25.14)[3] e Festo (Judeia; 24.27—26.32). Eles administravam suas províncias de uma capital e viviam em palácios-fortalezas, os pretórios. Na Judeia, o centro administrativo romano ficava na Cesareia marítima, na costa do Mediterrâneo. Ali Paulo foi mantido prisioneiro (23.33-35).[4] Havia também um pretório em Jerusalém, que servia de residência para o governador. Ali Jesus foi julgado e zombado (Mt 27.27; Mc 15.16; Jo 18.28; 19.9).

Quando Arquelau, o filho de Herodes, o Grande, foi despojado do poder, em 6 d.C., o governo do território da Judeia foi transferido para o governador da Síria, Quirino.[5] Copônio foi escolhido novo governador da Judeia sob o título de *praefectus* ("prefeito"). O prefeito controlava sozinho a indicação do sumo sacerdote e detinha a prerrogativa de punição capital. Nos casos em que a santidade do templo era supostamente violada, o Sinédrio também podia exercer o direito de impor a sentença de morte. Mesmo assim, o governador tinha de dar seu consentimento.[6] Depois de 44 d.C., o título de governador foi trocado para procurador, um posto equestre. Embora o procurador continuasse a exercer plenos poderes judiciais, perdeu o direito de indicar e depor o sumo sacerdote.

Félix, escravo liberto da família do imperador Cláudio,[7] foi governador da Judeia de 52 a 60 d.C. Durante seu mandato, Félix casou-se com Drusila, bisneta de Herodes, o Grande (24.24).[8] Seu governo foi marcado por agitações, e ele foi finalmente levado de volta para Roma e julgado por seu mau governo, o que resultou em exílio. Paulo esteve confinado em Cesareia por dois anos, até que Festo substituiu Félix, em 60 d.C. (24.27).[9] Festo rapidamente atuou no caso de Paulo e concordou com seu pedido para ser julgado em Roma (25.12). A permanência de Festo no cargo foi encurtada quando ele morreu inesperadamente dois anos após sua nomeação. De acordo com Flávio Josefo (*Antiguidades judaicas*, 20.9.1), antes que o sucessor de Festo chegasse à Judeia, o sumo sacerdote Ananias usurpou o direito exclusivo do procurador de impor pena capital e fez que Tiago, irmão de Jesus, fosse executado com vários outros que ele declarou terem descumprido a Lei mosaica.[10]

[1] Ver "Pôncio Pilatos", em Lc 23. [2] Ver "Sérgio Paulo, procônsul de Chipre", em At 13. [3] Ver "Gálio, procônsul da Acaia", em At 18. [4] Ver "A Cesareia marítima", em At 10. [5] Ver "César Augusto, imperador de Roma; o censo; Quirino, governador da Síria", em Lc 1. [6] Ver "O Sinédrio", em At 23. [7] Ver "Cláudio, imperador de Roma", em At 11. [8] Ver "Herodes, o Grande", em Mc 3. [9] Ver "Prisão no mundo romano: na prisão *versus* prisão domiciliar", em At 26. [10] Ver "Os sumos sacerdotes Anás e Caifás", em At 4.

Festo Consulta o Rei Agripa

13 Alguns dias depois, o rei Agripa e Berenice chegaram a Cesareia[c] para saudar Festo. 14 Visto que
25.13 [c]At 8.40
25.14 [d]At 24.27
estavam passando muitos dias ali, Festo explicou o caso de Paulo ao rei: "Há aqui um homem que
25.15 [e]v. 2; At 24.1
Félix deixou preso.[d] 15 Quando fui a Jerusalém, os chefes dos sacerdotes e os líderes dos judeus fizeram
25.16 [f]v. 4,5; At 23.30
acusações contra ele,[e] pedindo que fosse condenado.

16 "Eu lhes disse que não é costume romano condenar ninguém antes que ele se defronte pessoalmente com seus acusadores e tenha a oportunidade de se defender das acusações que lhe fazem.[f]
25.17 [g]v. 6,10
17 Vindo eles comigo para cá, não retardei o caso; convoquei o tribunal no dia seguinte e ordenei que o homem fosse apresentado.[g] 18 Quando os seus acusadores se levantaram para falar, não o acusaram
25.19 [h]At 18.15; 23.29; [i]At 17.22
de nenhum dos crimes que eu esperava. 19 Ao contrário, tinham alguns pontos de divergência[h] com ele
25.20 [j]v. 9
acerca de sua própria religião[i] e de um certo Jesus, já morto, o qual Paulo insiste que está vivo. 20 Fiquei sem saber como investigar tais assuntos; por isso perguntei-lhe se ele estaria disposto a ir a Jerusalém
25.21 [k]v. 11,12
e ser julgado ali acerca dessas acusações.[j] 21 Apelando Paulo para que fosse guardado até a decisão do Imperador, ordenei que ficasse sob custódia até que eu pudesse enviá-lo a César".[k]
25.22 [l]At 9.15
22 Então Agripa disse a Festo: "Eu também gostaria de ouvir esse homem".

Ele respondeu: "Amanhã o ouvirás".[l]

Paulo perante Agripa

23 No dia seguinte, Agripa e Berenice[m] vieram com grande pompa e entraram na sala de audiências
25.23 [m]v. 13; At 26.30
25.24 [n]v. 2,3,7; [o]At 22.22
com os altos oficiais e os homens importantes da cidade. Por ordem de Festo, Paulo foi trazido. 24 Então Festo disse: "Ó rei Agripa e todos os senhores aqui presentes conosco, vejam este homem! Toda a *comunidade judaica*[n] *me fez petições* a respeito dele em Jerusalém e aqui em Cesareia, gritando que
25.25 [p]At 23.9; [q]v. 11
ele não deveria mais viver.[o] 25 Mas verifiquei que ele nada fez que mereça pena de morte;[p] todavia, porque apelou para o Imperador,[q] decidi enviá-lo a Roma. 26 No entanto, não tenho nada definido a respeito dele para escrever a Sua Majestade. Por isso, eu o trouxe diante dos senhores, e especialmente diante de ti, rei Agripa, de forma que, feita esta investigação, eu tenha algo para escrever. 27 Pois não me parece razoável enviar um preso sem especificar as acusações contra ele".

26.1 [r]At 9.15; 25.22
26 Então Agripa disse a Paulo: "Você tem permissão para falar em sua defesa".[r]

A seguir, Paulo fez sinal com a mão e começou a sua defesa: 2 "Rei Agripa, considero-me feliz por poder estar hoje em tua presença, para fazer a minha defesa contra todas as acusações dos
26.3 [s]v. 7; At 6.14; [t]At 25.19
judeus, 3 e especialmente porque estás bem familiarizado com todos os costumes[s] e controvérsias deles.[t] Portanto, peço que me ouças pacientemente.

26.4 [u]Gl 1.13,14; Fp 3.5
4 "Todos os judeus sabem como tenho vivido desde pequeno,[u] tanto em minha terra natal como em Jerusalém. 5 Eles me conhecem há muito tempo[v] e podem testemunhar, se quiserem, que, como
26.5 [v]At 22.3; [w]At 23.6; Fp 3.5
fariseu,[w] vivi de acordo com a seita mais severa da nossa religião. 6 Agora, estou sendo julgado por
26.6 [x]At 23.6; 24.15; 28.20; [y]At 13.32; Rm 15.8
causa da minha esperança[x] no que Deus prometeu aos nossos antepassados.[y] 7 Esta é a promessa que
26.7 [z]Tg 1.1; [a]1Ts 3.10; 1Tm 5.5; [b]v. 2
as nossas doze tribos[z] esperam que se cumpra, cultuando a Deus com fervor, dia e noite.[a] É por causa
26.8 [c]At 23.6
desta esperança, ó rei, que estou sendo acusado pelos judeus.[b] 8 Por que os senhores acham impossível que Deus ressuscite os mortos?[c]

25.13 O "rei Agripa" é Herodes Agripa II. Ele tinha 17 anos quando seu pai, Herodes Agripa I, morreu, em 44 d.C. Sendo jovem demais para suceder ao pai, foi substituído por procuradores romanos. Oito anos mais tarde, no entanto, começou a expandir sua autoridade territorial e acabou governando territórios ao norte e a nordeste do mar da Galileia, várias cidades da Galileia e algumas cidades da Pereia. Na ocasião da revolta dos judeus e da queda de Jerusalém, estava do lado dos romanos. Morreu por volta de 100 d.C. Foi o último dos Herodes.
Berenice, a filha mais velha de Agripa I, é mencionada três vezes em Atos (aqui; v. 23; 26.30). De acordo com Flávio Josefo, ela se casou pela primeira vez com Marcos e depois da morte deste se tornou esposa de Herodes de Cálcis, seu tio (*Antiguidades judaicas,* 19.5.1; 20.7.1-3). Quando Herodes morreu, ela passou a viver com o próprio irmão, Agripa II, e havia boatos de que mantinha um relacionamento incestuoso com ele. Mais tarde, casou-se com Polemo, rei da Cilícia. Esse casamento teve pouca duração, e ela voltou para Agripa. Mais tarde, tornou-se amante de Vespasiano e de Tito, que depois a rejeitou.
Era costume os reis locais fazerem uma visita de cortesia às autoridades romanas que vinham assumir um cargo. Era de mútua vantagem a boa convivência.
25.23 A "sala de audiências" não era o tribunal de julgamento, por não se tratar de processo jurídico formal. A sessão foi realizada num auditório adequado à pompa da ocasião, na presença de um rei, da irmã dele, do governador romano e dos líderes mais destacados entre os judeus e das autoridades romanas.
Havia cinco regimentos aquartelados em Cesareia, de modo que seus comandantes (os "altos oficiais") estavam todos presentes.
25.26 Diante da apelação a César, era dever de Festo enviar-lhe um relatório detalhado sobre o caso. Ele esperava receber alguma ajuda de Agripa a esse respeito. Não se tratava de julgamento oficial, mas de uma audiência especial, convocada para satisfazer a curiosidade de Agripa e fornecer a Festo uma avaliação do caso.
O rei Agripa tinha percepção das diferenças entre fariseus (ver notas em Mt 3.7; Lc 5.17) e saduceus (ver nota em Mt 3.7), das expectativas de cada grupo a respeito do Messias, das diferenças entre judeus e cristãos e dos costumes judaicos pertinentes a esses assuntos.
26.3 Agripa, na condição de rei, controlava a tesouraria do templo e a investidura dos sumos sacerdotes, podendo até mesmo nomeá-los. Era consultado pelos romanos no tocante a questões religiosas. Essa foi uma das razões por que Festo desejava que ele fizesse uma avaliação de Paulo.
26.5 Para mais informações sobre os fariseus, ver notas em Mt 3.7; Lc 5.17.



NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

Prisão no mundo romano: na prisão versus *prisão domiciliar*

ATOS 26 No período romano, as pessoas ficavam presas enquanto esperavam o julgamento ou a execução, por razões políticas ou por garantia, em conformidade com uma ordem judicial. Paulo foi detido para julgamento em Cesareia (At 23.23—24.27) e em Roma (At 28.16), João Batista foi preso por acusar Herodes de adultério e, assim, ameaçar sua autoridade política (Lc 3.19,20). Os endividados eram às vezes presos também, como forma de pressioná-los a pagar suas dívidas (Mt 18.30; Lc 12.58). O aprisionamento como método de punição formal era raro.

Os períodos de detenção não eram limitados nem cumpridos à risca, e geralmente o prisioneiro era maltratado. Muitos eram espancados, torturados e recebiam alimentação e bebida inadequadas, enquanto um prisioneiro de classe alta às vezes recebia um tratamento melhor. Herodes Agripa I, antes de se tornar líder da Judeia e de **Samaria** (At 12), experimentou vários níveis de aprisionamento. Primeiramente, o imperador Tibério[1] manteve-o acorrentado num acampamento militar sob as vistas do prefeito dos pretorianos de Roma. A cunhada de Tibério, Antônia, diminuiu a severidade de seu encarceramento, pedindo que os guardas fossem mais humanos e permitissem que Agripa se banhasse todos os dias e que seus amigos lhe trouxessem comida e roupa. Depois que Tibério morreu, Agripa obteve permissão para morar em sua residência particular. Ele era ainda vigiado e ficava acorrentado pelo pulso a um guarda, mas tinha permissão para lidar com seus negócios (Flávio Josefo, *Antiguidades judaicas*, 18.6.6-11).

Paulo foi provavelmente detido no Pretório, que era a fortaleza ou residência do governador, enquanto estava em Cesareia.[2] Em Roma, teve permissão para morar fora do acampamento militar e pôde alugar um quarto. Ele recebeu esse tratamento relativamente brando por três razões:

- Paulo era um cidadão romano.[3]
- Ele havia recebido veredictos favoráveis dos governadores Festo e Agripa.
- O prefeito pretoriano que supervisionava os prisioneiros vindos das províncias nos anos 51-62 d.C. era o honesto Afrânio Burro.

O julgamento de Paulo levou dois anos para ser concluído. De acordo com Eusébio (*História eclesiástica*, 2.22,25), Paulo foi solto, mas detido novamente mais tarde em Roma, quando Nero começou a executar os cristãos.[4] Paulo foi, a essa altura, colocado no *tullianum*, o cárcere subterrâneo de Roma.

[1]Ver "Tibério César, o imperador durante o ministério de Jesus", em Lc 20. [2]Ver "A Cesareia marítima", em At 10. [3]Ver "Cidadania romana", em Fp 3. [4]Ver "Nero, o perseguidor dos cristãos", em Fp 4; e "Primeiras perseguições à Igreja", em Ap 17.



O palácio de Agripa em Cesareia; provavelmente o mesmo em que Paulo esteve preso

Preserving Bible Times; © dr. James C. Martin

9 "Eu também estava convencido[d] de que deveria fazer todo o possível para me opor[e] ao nome
de Jesus, o Nazareno.[f] 10 E foi exatamente isso que fiz em Jerusalém. Com autorização dos chefes dos
sacerdotes lancei muitos santos[g] na prisão[h] e, quando eles eram condenados à morte, eu dava o meu
voto contra eles.[i] 11 Muitas vezes ia de uma sinagoga para outra a fim de castigá-los[j] e tentava forçá-los
a blasfemar. Em minha fúria contra eles, cheguei a ir a cidades estrangeiras para persegui-los.

12 "Numa dessas viagens eu estava indo para Damasco, com autorização e permissão dos chefes
dos sacerdotes. 13 Por volta do meio-dia, ó rei, estando eu a caminho, vi uma luz do céu, mais resplan-
decente que o sol, brilhando ao meu redor e ao redor dos que iam comigo. 14 Todos caímos por terra.
Então ouvi uma voz[k] que me dizia em aramaico: 'Saulo, Saulo, por que você está me perseguindo?
Resistir ao aguilhão só lhe trará dor!'

15 "Então perguntei: Quem és tu, Senhor?

"Respondeu o Senhor: 'Sou Jesus, a quem você está perseguindo. 16 Agora, levante-se, fique em
pé.[l] Eu apareci para constituí-lo servo e testemunha do que você viu a meu respeito e do que lhe
mostrarei.[m] 17 Eu o livrarei[n] do seu próprio povo e dos gentios,[o] aos quais eu o envio 18 para abrir-lhes
os olhos[p] e convertê-los das trevas para a luz,[q] e do poder de Satanás para Deus, a fim de que recebam
o perdão dos pecados[r] e herança entre os que são santificados pela fé em mim'.[s]

19 "Assim, rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial. 20 Preguei em primeiro lugar aos
que estavam em Damasco,[t] depois aos que estavam em Jerusalém[u] e em toda a Judeia, e também aos
gentios,[v] dizendo que se arrependessem[w] e se voltassem para Deus, praticando obras que mostrassem
o seu arrependimento.[x] 21 Por isso os judeus me prenderam[y] no pátio do templo e tentaram matar-
-me.[z] 22 Mas tenho contado com a ajuda de Deus até o dia de hoje, e, por este motivo, estou aqui e dou
testemunho tanto a gente simples como a gente importante. Não estou dizendo nada além do que
os profetas e Moisés disseram que haveria de acontecer:[a] 23 que o Cristo haveria de sofrer e, sendo o
primeiro a ressuscitar dentre os mortos,[b] proclamaria luz para o seu próprio povo e para os gentios".[c]

24 A esta altura Festo interrompeu a defesa de Paulo e disse em alta voz: "Você está louco,[d] Paulo!
As muitas letras[e] o estão levando à loucura!"

25 Respondeu Paulo: "Não estou louco, excelentíssimo[f] Festo. O que estou dizendo é verdadeiro e
de bom senso. 26 O rei está familiarizado com essas coisas,[g] e lhe posso falar abertamente. Estou certo
de que nada disso escapou do seu conhecimento, pois nada se passou num lugar qualquer. 27 Rei
Agripa, crês nos profetas? Eu sei que sim".

28 Então Agripa disse a Paulo: "Você acha que em tão pouco tempo pode convencer-me a tornar-
-me cristão?"[ah]

29 Paulo respondeu: "Em pouco ou em muito tempo, peço a Deus que não apenas tu, mas todos os
que hoje me ouvem se tornem como eu, porém sem estas algemas".[i]

30 O rei se levantou, e com ele o governador e Berenice,[j] como também os que estavam assentados
com eles. 31 Saindo do salão, comentavam entre si: "Este homem não fez nada que mereça morte ou
prisão".[k]

32 Agripa disse a Festo: "Ele poderia ser posto em liberdade,[l] se não tivesse apelado para César".[m]

A Viagem de Paulo para Roma

27 Quando ficou decidido que navegaríamos[n] para a Itália,[o] Paulo e alguns outros presos foram
entregues a um centurião chamado Júlio, que pertencia ao Regimento Imperial.[p] 2 Embar-
camos num navio de Adramítio, que estava de partida para alguns lugares da província da Ásia,[q] e
saímos ao mar, estando conosco Aristarco,[r] um macedônio[s] de Tessalônica.[t]

3 No dia seguinte, ancoramos em Sidom;[u] e Júlio, num gesto de bondade para com Paulo,[v]

[ah] **26.28** Ou *Por pouco você me convence a tornar-me cristão.*

26.22 "Os profetas e Moisés" são as Escrituras do AT (ver "O Antigo Testamento da igreja primitiva", em 2Tm 3).
26.24 O governador percebeu que a erudição de Paulo e a leitura que fazia das Escrituras o haviam levado a uma obsessão pelas profecias e pela ressurreição.
26.27 Como especialista nas Escrituras judaicas, o rei sabia do que Paulo estava falando.
26.30 Para mais informações sobre Berenice, ver nota em 25.13.
27.1 Para mais informações sobre a Itália, ver nota em 10.1.
É provável que Lucas tenha passado pela mesma região em algum momento durante os dois anos em que Paulo esteve encarcerado em Cesareia, mas que não demorasse a se unir aos que já estavam prontos para embarcar.
O "centurião chamado Júlio" não é conhecido, a não ser por esse registro. Talvez exercesse os deveres de correio imperial, o que incluía a entrega de presos para julgamento.
As legiões romanas eram designadas por número de ordem, e cada um dos regimentos tinha também sua designação. Era comum a designação Augustano ou Imperial (pertencente ao império).
27.2 Adramítio era um porto no litoral oeste da província da Ásia, a sudeste de Tróade e a leste de Assôs. Em alguma dessas paradas, Júlio planejava transferir-se para um navio que navegaria até Roma (ver "Roma", em Rm 2).
27.3 Sidom estava 113 quilômetros ao norte de Cesareia.

permitiu-lhe que fosse ao encontro dos seus amigos, para que estes suprissem as suas necessidades.[w]
4 Quando partimos de lá, passamos ao norte de Chipre, porque os ventos nos eram contrários.[x] 5 Tendo atravessado o mar aberto ao longo da Cilícia[y] e da Panfília, ancoramos em Mirra, na Lícia. 6 Ali, o centurião encontrou um navio alexandrino[z] que estava de partida para a Itália[a] e nele nos fez embarcar.
7 Navegamos vagarosamente por muitos dias e tivemos dificuldade para chegar a Cnido. Não sendo possível prosseguir em nossa rota,[b] devido aos ventos contrários, navegamos ao sul de Creta,[c] defronte de Salmona. 8 Costeamos a ilha com dificuldade e chegamos a um lugar chamado Bons Portos, perto da cidade de Laseia.

9 Tínhamos perdido muito tempo, e agora a navegação se tornara perigosa, pois já havia passado o Jejum.[d] Por isso Paulo os advertiu: 10 "Senhores, vejo que a nossa viagem será desastrosa e acarretará grande prejuízo para o navio, para a carga e também para a nossa vida".[e] 11 Mas o centurião, em vez de ouvir o que Paulo falava, seguiu o conselho do piloto e do dono do navio. 12 Visto que o porto não era próprio para passar o inverno, a maioria decidiu que deveríamos continuar navegando, com a esperança de alcançar Fenice e ali passar o inverno. Este era um porto de Creta, que dava para sudoeste e noroeste.

A Tempestade

13 Começando a soprar suavemente o vento sul, eles pensaram que haviam obtido o que desejavam; por isso levantaram âncoras e foram navegando ao longo da costa de Creta. 14 Pouco tempo depois, desencadeou-se da ilha um vento muito forte,[f] chamado Nordeste. 15 O navio foi arrastado pela tempestade, sem poder resistir ao vento; assim, cessamos as manobras e ficamos à deriva. 16 Passando ao sul de uma pequena ilha chamada Clauda, foi com dificuldade que conseguimos recolher o barco salva-vidas. 17 Levantando-o, lançaram mão de todos os meios para reforçar o navio com cordas; e, temendo que ele encalhasse[g] nos bancos de areia de Sirte, baixaram as velas e deixaram o navio à deriva.
18 No dia seguinte, sendo violentamente castigados pela tempestade, começaram a lançar fora a carga.[h]
19 No terceiro dia, lançaram fora, com as próprias mãos, a armação do navio. 20 Não aparecendo nem sol nem estrelas por muitos dias e continuando a abater-se sobre nós grande tempestade, finalmente perdemos toda a esperança de salvamento.

21 Visto que os homens tinham passado muito tempo sem comer, Paulo levantou-se diante deles e disse: "Os senhores deviam ter aceitado o meu conselho[i] de não partir de Creta,[j] pois assim teriam evitado este dano e prejuízo. 22 Mas agora recomendo que tenham coragem,[k] pois nenhum de vocês perderá a vida; apenas o navio será destruído. 23 Pois ontem à noite apareceu-me um anjo[l] do Deus a quem pertenço e a quem adoro,[m] dizendo-me:[n] 24 'Paulo, não tenha medo. É preciso que você

[d] **27.9** Isto é, o Dia da Expiação (*Yom Kippur*).

27.4 [w] v. 7
27.5 [x] At 6.9
27.6 [y] At 28.11; [z] v. 1
27.7 [a] v. 4; [b] v. 12,13,21
27.9 [c] Lv 16.29-31; 23.27-29; Nm 29.7
27.10 [e] v. 21
27.14 [f] Mc 4.37
27.17 [g] v. 26,39
27.18 [h] v. 19,38; Jo 1.5
27.21 [i] v. 10; [j] v. 7
27.22 [k] v. 25,36
27.23 [l] At 5.19; [m] Rm 1.9; [n] At 18.9; 23.11; 2Tm 4.17
27.24 [o] At 23.11; [p] v. 44

27.4 Eles buscavam o abrigo da ilha ao navegar para o norte no lado leste de Chipre e depois para o oeste, acompanhando a face norte. No verão, os ventos dominantes provinham do oeste.

27.5,6 Para mais informações sobre viagens por terra ou por mar, ver nota em Jn 1.3; ver também "As viagens no mundo greco-romano", em 1Ts 3.
Cilícia e Panfília eram províncias vizinhas entre si, no litoral sul da Ásia Menor. A viagem de Sidom a Mirra, ao longo desse litoral, durava entre dez e quinze dias.
A importância crescente da cidade de Mirra associava-se ao desenvolvimento da navegação. Em vez de seguir de perto o litoral de ponto a ponto, cada vez mais os navios assumiam o risco de navegar diretamente de Alexandria, no Egito, a portos como Mirra, no litoral sul da Ásia Menor. Estava bastante fora da rota do Egito a Roma, mas o vento dominante do oeste não permitia que se viajasse diretamente nessa direção. Mirra veio também a ser uma cidade importante para o armazenamento de cereais.

27.6 O "navio alexandrino" foi inventado no Egito (usado para carregamento de cereais, v. 38) e estava em viagem para Roma (ver "Alexandria", em At 18; e "Roma", em Rm 2).

27.7 A distância entre Mirra e Cnido, na extremidade sudoeste da Ásia Menor, era 273 quilômetros. A viagem levou provavelmente mais dez a quinze dias.
Creta é uma ilha de 250 quilômetros de extensão. Em vez de atravessar o mar aberto até a Grécia, o navio foi forçado a desviar-se para o sul, procurando navegar para o oeste com a proteção da ilha de Creta pelo norte (ver "Creta", em Tt 1.)

27.8 Bons Portos era um porto situado mais ou menos no centro do litoral sul de Creta. Laseia era uma cidade que ficava a 8 quilômetros de distância.

27.9 O Jejum é o Dia da Expiação dos judeus, que caía no final de setembro ou em outubro. De acordo com os cálculos judaicos, o período de navegação durava em geral do Pentecoste (maio/junho) até a festa das cabanas, cinco dias após o Jejum. Os romanos consideravam a navegação perigosa depois de 15 de setembro e suicida depois de 11 de novembro.

27.12 Fenice era uma pequena cidade portuária ideal para invernar, porque seu porto era protegido contra as tempestades. Sua localização precisa é controversa, embora sem dúvida estivesse localizada na extremidade oriental de Creta.

27.13 Na Antiguidade, os navios carregavam diversas âncoras. Dependendo do período, eram feitas de pedra, de ferro, de chumbo e talvez de outros metais. Cada uma tinha duas patas (a parte da âncora que se firma no chão) e era presa por um cabo ou uma corrente. A palavra "âncora" é usada aqui, nos versículos 17, 29, 30 e 40, e em Hb 6.19 (em sentido figurado nesta).

27.14 O vento chamado Nordeste era como um tufão, soprando na direção leste-nordeste (o Euro-Aquilão), que desviou o navio de seu curso.

27.16 Clauda (modernamente chamada Gavdo) era uma pequena ilha a uns 37 quilômetros de Creta. Essa ilha forneceu abrigo suficiente para fazer preparativos contra a tempestade.
Um "barco salva-vidas" rebocado atrás do navio estava atrapalhando a navegação e o aparelho do leme. É possível que também corresse o risco de ser esmagado contra o navio por causa do vento e das ondas e teve de ser recolhido a bordo.

27.17 As cordas eram provavelmente atravessadas por baixo do navio, para evitar que se rompessem com a tempestade.
Sirte, uma longa extensão de bancos de areia movediça no norte da África, próximo ao litoral da Tunísia e de Trípoli, ainda estava bem longe, mas numa tempestade assim o navio podia ser levado a grandes distâncias.
Aparentemente, a âncora fora baixada para impedir que o navio se movesse até os bancos de areia movediça de Sirte. A tradução grega para "baixaram as velas" pode ser também "baixaram a âncora".

27.18 Para aliviar o navio, a carga foi lançada ao mar. Foram conservados alguns sacos de trigo, entretanto.

27.19 A "armação do navio" — mastros, as pranchas e talvez a vela principal com toda a sua estrutura — às vezes era arrastada atrás do navio para servir de freio.

POVOS, TERRAS E GOVERNANTES ANTIGOS

O exército romano e a ocupação da Terra Santa



Elmo de um soldado romano
Preserving Bible Times; © dr. James C. Martin; usado com permissão do Museu de Israel

ATOS 27 O exército romano foi comprovadamente a maior organização militar isolada na história mundial, assim como foi consistentemente vitoriosa e manteve sua identidade e tradições por quase mil anos. Os primeiros exércitos romanos eram constituídos inteiramente por cidadãos donos de terras, porque o serviço no exército era tido como privilégio. Os cidadãos mais ricos formavam a cavalaria, e os mais pobres, a infantaria (um regimento necessário, uma vez que as tropas patrocinavam os próprios equipamentos). Os aliados forneciam o efetivo para as tropas especializadas, como os arqueiros. Entretanto, como Roma estava crescendo a ponto de se tornar uma potência mundial, essa estrutura se provou inadequada.

Em 107 a.C., Mário reformulou o exército e passou a aceitar recrutas despossuídos de terra, equipando-os à custa do Estado. Esse foi o início dos exércitos profissionais romanos, que deviam lealdade aos seus generais e esperavam destes ricas recompensas pelos anos de serviço prestados. Em 88 a.C., Sula usou suas legiões para confiscar o poder na própria Roma, e esse precedente iniciou uma série de guerras civis. Júlio César empregou seus exércitos para acabar com a República e estabelecer-se como ditador, mas a turbulência só terminou depois que Augusto estabeleceu o Império Romano e pôs todas as legiões sob seu comando direto.[1]

Embora Roma tenha produzido grandes generais, o segredo do sucesso romano permanece na disciplina lendária de suas tropas. As batalhas antigas eram lutadas face a face e eram acontecimentos sangrentos, por isso tendiam a ser extremamente rápidas, terminando geralmente tão logo um dos lados entrasse em pânico, se cansasse e fugisse. Os romanos, por exemplo, foram confrontados pelo furioso ataque dos gauleses, mas simplesmente se recusaram a sair de forma, e, após alguns minutos de luta, os gauleses deram as costas e fugiram. O cartaginês Aníbal, o maior general que Roma já enfrentou, infligiu terrível derrota ao exército romano em Canas, em 216 a.C. Mesmo assim, a perseverança romana obteve sucesso, e Aníbal, finalmente, foi derrotado na Segunda Guerra Púnica.

A presença dos exércitos romanos na Judeia criava uma situação explosiva. Os judeus desprezavam aqueles pagãos e se sentiam ofendidos com a presença dos estandartes romanos, que traziam a imagem de uma águia no topo e ficavam bem perto do templo. Alguns fanáticos e impostores messiânicos, como Bar Kokhba, garantiam aos judeus que Deus interviria se eles insurgissem contra Roma. De sua parte, os romanos às vezes enfureciam os judeus com insultos desnecessários. As duas revoltas judaicas (66-70 d.C. e 132-135 d.C.) terminaram em derrota catastrófica do povo judeu.

[1] Ver "Roma", em Rm 2; e "O Império Romano", em Rm 4.



Telha romana encontrada na Bretanha com o emblema da XX Legião, o javali
Preserving Bible Times; © dr. James C. Martin

compareça perante César;[o] Deus, por sua graça, deu-lhe a vida de todos os que estão navegando com você'.[p] 25 Assim, tenham ânimo,[q] senhores! Creio em Deus que acontecerá conforme me foi dito.[r] 26 Devemos ser arrastados[s] para alguma ilha".[t]

27.25 [n]v. 22,36; [r]Rm 4.20,21
27.26 [s]v. 17,39; [t]At 28.1

O Naufrágio

27 Na décima quarta noite, ainda estávamos sendo levados de um lado para outro no mar Adriático[a], quando, por volta da meia-noite, os marinheiros imaginaram que estávamos próximos da terra. 28 Lançando a sonda, verificaram que a profundidade era de trinta e sete metros[b]; pouco tempo depois, lançaram novamente a sonda e encontraram vinte e sete metros[c]. 29 Temendo que fôssemos jogados contra as pedras, lançaram quatro âncoras da popa e faziam preces para que amanhecesse o dia. 30 Tentando escapar do navio, os marinheiros baixaram o barco salva-vidas[u] ao mar, a pretexto de lançar âncoras da proa. 31 Então Paulo disse ao centurião e aos soldados: "Se estes homens não ficarem no navio, vocês não poderão salvar-se".[v] 32 Com isso os soldados cortaram as cordas que prendiam o barco salva-vidas e o deixaram cair.

27.30 [u]v. 16
27.31 [v]v. 24

33 Pouco antes do amanhecer, Paulo insistia que todos se alimentassem, dizendo: "Hoje faz catorze dias que vocês têm estado em vigília constante, sem nada comer. 34 Agora eu os aconselho a comer algo, pois só assim poderão sobreviver. Nenhum de vocês perderá um fio de cabelo sequer".[w] 35 Tendo dito isso, tomou pão e deu graças a Deus diante de todos. Então o partiu[x] e começou a comer. 36 Todos se reanimaram[y] e também comeram algo. 37 Estavam a bordo duzentas e setenta e seis pessoas. 38 Depois de terem comido até ficarem satisfeitos, aliviaram o peso do navio, atirando todo o trigo ao mar.[z]

27.34 [w]Mt 10.30
27.35 [x]Mt 14.19
27.36 [y]v. 22,25
27.38 [z]v. 18; Jo 1.5

39 Quando amanheceu não reconheceram a terra, mas viram uma enseada com uma praia,[a] para onde decidiram conduzir o navio, se fosse possível. 40 Cortando as âncoras,[b] deixaram-nas no mar, desatando ao mesmo tempo as cordas que prendiam os lemes. Então, alçando a vela da proa ao vento, dirigiram-se para a praia. 41 Mas o navio encalhou num banco de areia, onde tocou o fundo. A proa encravou-se e ficou imóvel, e a popa foi quebrada pela violência das ondas.[c]

27.39 [a]At 28.1
27.40 [b]v. 29
27.41 [c]2Co 11.25

42 Os soldados resolveram matar os presos para impedir que algum deles fugisse, jogando-se ao mar. 43 Mas o centurião queria poupar a vida de Paulo[d] e os impediu de executar o plano. Então ordenou aos que sabiam nadar que se lançassem primeiro ao mar em direção à terra. 44 Os outros teriam que salvar-se em tábuas ou em pedaços do navio. Dessa forma, todos chegaram a salvo em terra.[e]

27.43 [d]v. 3
27.44 [e]v. 22,31

Paulo na Ilha de Malta

28 Uma vez em terra, descobrimos[f] que a ilha[g] se chamava Malta. 2 Os habitantes da ilha mostraram extraordinária bondade para conosco. Fizeram uma fogueira e receberam bem a todos nós, pois estava chovendo e fazia frio. 3 Paulo ajuntou um monte de gravetos; quando os colocava no fogo, uma víbora, fugindo do calor, prendeu-se à sua mão. 4 Quando os habitantes da ilha viram a cobra agarrada na mão de Paulo,[h] disseram uns aos outros: "Certamente este homem é assassino, pois, tendo escapado do mar, a Justiça não lhe permite viver".[i] 5 Mas Paulo, sacudindo a cobra no fogo, não sofreu mal nenhum.[j] 6 Eles, porém, esperavam que ele começasse a inchar ou que caísse morto de repente, mas, tendo esperado muito tempo e vendo que nada de estranho lhe sucedia, mudaram de ideia e passaram a dizer que ele era um deus.[k]

28.1 [f]At 16.10; [g]At 27.26,39
28.4 [h]Mc 16.18; [i]Lc 13.2,4
28.5 [j]Lc 10.19
28.6 [k]At 14.11

[a] **27.27** O nome *Adriático* referia-se a uma área que se estendia até o extremo sul da Itália.
[b] **27.28** Grego: *20 braças.*
[c] **27.28** Grego: *15 braças.*

27.27 O mar Adriático é o mar entre Itália, Malta, Creta e Grécia. Nos tempos antigos, banhava a Sicília e Creta, bem mais ao sul. (Alguns acreditam que abrangia toda a área marítima entre Grécia, Itália e África, sendo o nome mar Adriano, não Adriático.) Agora está consideravelmente reduzido à área marítima designada dessa forma.
27.28 Os marinheiros mediram a profundidade do mar descendo uma linha com um peso na ponta.
27.30 Sem porto para o navio, os marinheiros acharam que suas possibilidades de sobrevivência seriam melhores no único barco salva-vidas, sem ter de cuidar dos muitos passageiros.
27.31 Os marinheiros eram necessários para levar o navio até a praia no dia seguinte.
27.37 Registrar o número de pessoas a bordo pode ter sido necessário como preparativo para a distribuição dos alimentos ou talvez para a tentativa iminente de chegar à praia. O número 276 não é extraordinário para a época. Flávio Josefo menciona um navio com 600 pessoas a bordo (*Vida*, 13).
27.38 A tripulação atirou ao mar os últimos sacos de trigo (cf. v. 18), os quais provavelmente haviam sido reservados para alimentação dos viajantes. Quanto mais leve o navio, tanto mais perto da praia poderia chegar.
27.40 Os marinheiros desataram as cordas para posicionar os lemes da popa de modo que pudessem dirigir o navio até a praia arenosa. Os navios antigos tinham um remo de direção em cada lado da popa.
27.42 Se um preso fugisse, a vida do guarda era tomada em seu lugar. Os soldados não queriam correr o risco de fugas.
28.1 Malta, que fazia parte da província da Sicília, era conhecida como Melita pelos gregos e romanos. Estava localizada 93 quilômetros ao sul dessa grande ilha.
28.2 Os "habitantes da ilha" eram, literalmente, os "bárbaros". Os gregos davam esse nome a todos os povos que não falavam o idioma grego. Longe de serem membros de tribos não civilizadas, eram de ascendência fenícia e falavam um dialeto fenício, mas também haviam sido totalmente romanizados.
Chovia e fazia frio no final de outubro e início de novembro.
28.3 Os habitantes da ilha por certo sabiam que a "víbora" era venenosa. Não há cobras em Malta nos dias de hoje.

7 Próximo dali havia uma propriedade pertencente a Público, o homem principal da ilha. Ele nos
28.8 [l]Tg 5.14,15; [m]At 9.40 convidou a ficar em sua casa e, por três dias, bondosamente nos recebeu e nos hospedou. 8 Seu pai estava doente, acamado, sofrendo de febre e disenteria. Paulo entrou para vê-lo e, depois de orar,[l] impôs-lhe as mãos e o curou.[m] 9 Tendo acontecido isso, os outros doentes da ilha vieram e foram curados. 10 Eles nos prestaram muitas honras e, quando estávamos para embarcar, forneceram-nos os suprimentos de que necessitávamos.

A Chegada a Roma

28.11 [n]At 27.6 11 Passados três meses, embarcamos num navio que tinha passado o inverno na ilha; era um navio alexandrino,[n] que tinha por emblema os deuses gêmeos Cástor e Pólux. 12 Aportando em Siracusa, ficamos ali três dias. 13 Dali partimos e chegamos a Régio. No dia seguinte, soprando o vento sul, pros-
28.14 [o]At 1.16 seguimos, chegando a Potéoli no segundo dia. 14 Ali encontramos alguns irmãos[o] que nos convidaram
28.15 [p]At 1.16 a passar uma semana com eles. E depois fomos para Roma. 15 Os irmãos[p] dali tinham ouvido falar que estávamos chegando e vieram até a praça de Ápio e às Três Vendas para nos encontrar. Vendo-os,
28.16 [q]At 24.23; 27.3 Paulo deu graças a Deus e sentiu-se encorajado. 16 Quando chegamos a Roma, Paulo recebeu permissão para morar por conta própria, sob a custódia de um soldado.[q]

A Pregação de Paulo em Roma

28.17 [r]At 25.2; [s]At 22.5; [t]At 25.8; [u]At 6.14 17 Três dias depois, ele convocou os líderes dos judeus.[r] Quando estes se reuniram, Paulo lhes disse: "Meus irmãos,[s] embora eu não tenha feito nada contra o nosso povo[t] nem contra os costumes dos nossos antepassados,[u] fui preso em Jerusalém e entregue aos romanos. 18 Eles me interrogaram[v]
28.18 [v]At 22.24; [w]At 26.31,32; [x]At 23.9 e queriam me soltar,[w] porque eu não era culpado de crime algum que merecesse pena de morte.[x]
28.19 [y]At 25.11 19 Todavia, tendo os judeus feito objeção, fui obrigado a apelar para César,[y] não, porém, por ter alguma
28.20 [z]At 26.6,7; [a]At 21.33 acusação contra o meu próprio povo. 20 Por essa razão pedi para vê-los e conversar com vocês. Por causa da esperança de Israel[z] é que estou preso com estas algemas".[a]
28.21 [b]At 22.5 21 Eles responderam: "Não recebemos nenhuma carta da Judeia a seu respeito, e nenhum dos ir-
28.22 [c]At 24.5,14 mãos[b] que vieram de lá relatou ou disse qualquer coisa de mal contra você. 22 Todavia, queremos ouvir de sua parte o que você pensa, pois sabemos que por todo lugar há gente falando contra esta seita".[c]
28.23 [d]At 19.8; [e]At 17.3; [f]At 8.35 23 Assim combinaram encontrar-se com Paulo em dia determinado, indo em grupo ainda mais numeroso ao lugar onde ele estava. Desde a manhã até a tarde ele lhes deu explicações e lhes testemunhou do Reino de Deus,[d] procurando convencê-los a respeito de Jesus,[e] com base na Lei de Moisés e
28.24 [g]At 14.4 nos Profetas.[f] 24 Alguns foram convencidos pelo que ele dizia, mas outros não creram.[g] 25 Discordaram entre si mesmos e começaram a ir embora, depois de Paulo ter feito esta declaração final: "Bem que o Espírito Santo falou aos seus antepassados, por meio do profeta Isaías:

26 " 'Vá a este povo e diga:
Ainda que estejam sempre ouvindo, vocês nunca entenderão;
ainda que estejam sempre vendo, jamais perceberão.
28.27 [h]Sl 119.70; [i]Is 6.9,10 27 Pois o coração deste povo se tornou insensível;[h]
de má vontade ouviram com os ouvidos
e fecharam os olhos.

28.11 Os viajantes foram obrigados a permanecer ali até o início da estação da navegação, em fins de fevereiro e início de março.
O "emblema" é um entalhe montado na proa do navio. Esse era de Cástor e Pólux, dois filhos de Zeus e guardiães dos marinheiros.
28.12 Siracusa, a principal cidade da Sicília, estava situada no litoral leste.
28.13 Régio era uma colônia grega no litoral da Itália, perto da extremidade sudoeste e perto da parte de menor travessia, com 10 quilômetros de largura, do estreito que separa o país da Sicília, defronte de Messina. Por se um local estratégico, era objeto de cuidado especial por parte de Roma e, consequentemente, um aliado leal. O porto era também um abrigo em águas extremamente difíceis. O capitão do navio em que Paulo viajava, tendo mudado de direção para chegar a Régio, esperava na proteção do porto um vento favorável vindo do sul, a fim de conduzir seu navio pelas correntes do estreito no curso para Potéoli.
Potéoli (atual Pozzuoli) distava cerca de 320 quilômetros de Régio. Estava situada na parte norte da baía de Nápoles, sendo o porto principal de Roma, embora distasse 120 quilômetros da cidade. A população era composta em parte por judeus e cristãos.
28.14,15 A cidade de Roma aparece várias vezes nas Escrituras num contexto histórico, sendo mais notável o fato de Paulo ter sido forçado a permanecer ali. Paulo desembarcou em Potéoli e, avisados pela pequena igreja que havia ali, os membros da comunidade cristã de Roma se encontraram com ele em dois locais de parada. Pelas informações contidas num documento intitulado *Decreto de Nazaré*, subentende-se que um grupo de cristãos se estabeleceu em Roma no principado de Cláudio, no final da década de 40 d.C. Paulo provavelmente entrou em Roma pela porta Capena. A "casa alugada" estava, sem dúvida, localizada em algum grupo de prédios de apartamentos — uma ínsula (ver "Casas na Terra Santa do século I d.C.: a casa de Pedro em Cafarnaum; *insulae*", em Mt 14.
28.15 A praça de Ápio era uma cidade pequena a 69 quilômetros de Roma (ver "Roma", em Rm 2).
Três Vendas era uma cidade a 53 quilômetros de Roma.
28.16 Paulo não havia cometido nenhum crime flagrante e não era politicamente perigoso. Por isso, foi-lhe permitido ter moradia própria, mas sempre com um guarda a acompanhá-lo, talvez acorrentado a ele (ver "Prisão no mundo romano: na prisão *versus* prisão domiciliar", em At 26).
28.17 O decreto do imperador Cláudio (ver 18.2 e nota) havia caído em desuso, e os judeus tinham voltado a Roma com os líderes deles.
28.23 "Lei de Moisés e [...] Profetas" correspondem ao AT inteiro (ver "O Antigo Testamento da igreja primitiva", em 2Tm 3).

Se assim não fosse, poderiam ver com os olhos,
ouvir com os ouvidos,
entender com o coração
e converter-se, e eu os curaria'[a].[j]

28 "Portanto, quero que saibam que esta salvação de Deus[j] é enviada aos gentios;[k] eles a ouvirão!" 29 Depois que ele disse isto, os judeus se retiraram, discutindo intensamente entre si.[b]

28.28 [j]Lc 2.30; [k]At 13.46

30 Por dois anos inteiros Paulo permaneceu na casa que havia alugado e recebia a todos os que iam vê-lo. 31 Pregava o Reino de Deus[l] e ensinava a respeito do Senhor Jesus Cristo, abertamente, sem impedimento algum.

28.31 [l]v. 23; Mt 4.23

[a] **28.26,27** Is 6.9,10.
[b] **28.29** Muitos manuscritos antigos não trazem o versículo 29.

28.30 Sobre a "casa alugada" de Paulo, ver nota nos versículos 14,15.